

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

JOSÉ JAIRO FERREIRA CABRAL

**O CARNAVAL DO RECIFE NA VIGÊNCIA DO ESTADO NOVO:
CONFLITOS DE CLASSE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO ESPAÇO
PÚBLICO (1937-1945)**

Recife
2020

JOSÉ JAIRO FERREIRA CABRAL

**O CARNAVAL DO RECIFE NA VIGÊNCIA DO ESTADO NOVO:
CONFLITOS DE CLASSE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO
ESPAÇO PÚBLICO (1937-1945)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim

Coorientador: Prof. Dr. José Afonso Chaves

Recife

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

José Jairo Ferreira Cabral

O CARNAVAL DO RECIFE NA VIGÊNCIA DO ESTADO NOVO: CONFLITOS DE CLASSE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO (1937-1945)

Trabalho de conclusão de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História

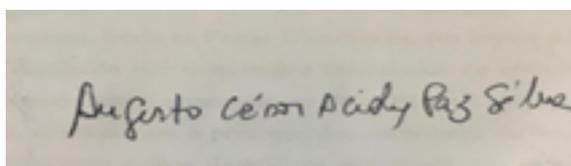
Aprovada em 19/03/2020

BANCA EXAMINADORA



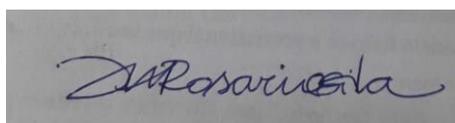
Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (Orientador e Presidente da Banca)

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP



Prof. Dr. Augusto Cesar Acyoly Paz Silva (Membro Externo)

Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA



Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva (Avaliador interno)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

**RECIFE
2020**

- C117c Cabral, José Jairo Ferreira.
O carnaval do Recife na vigência do Estado Novo: conflitos de classe e construção de identidade no espaço público, 1937-1945 / José Jairo Ferreira Cabral. – Recife, 2020.
106 f.: il.
- Orientadores: Helder Remígio de Amorim e José Afonso Chaves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. História, 2020.
Inclui referências e anexos.
1. Carnaval. 2. Estado Novo, 1937-1945 – Recife. 3. Conflitos de classe. 4. Identidade e espaço público. I. Amorim, Helder Remígio de. II. Chaves, José Afonso. III. Universidade Católica de Pernambuco. IV. Título. V. Título: Conflitos de classe e construção de identidade no espaço público, 1937-1945.

À régua do mundo, que me deu a medida da vida, e aos meus familiares pelo zelo obsequioso e o carinho confortador.

AGRADECIMENTOS

A dissertação que ora apresento é o resultado de anos de estudo, pesquisa e de dedicação intelectual a uma temática que me fascina: o carnaval. Está impregnada de afetos amorosos e percepções críticas, de encontros confraternizantes, celebrados na alegria das amizades constantes e nos ritos coletivos com os anônimos, pelas ruas do universo simbólico e real que constitui o carnaval nas suas várias dimensões. Isso posto, passo aos sinceros agradecimentos e às singelas homenagens a todas as pessoas, que, de algum modo, contribuíram para que esta longa caminhada fosse prazerosa e chegasse a bom termo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim, os ensinamentos, as conversas enriquecedoras e a paciência pedagógica.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Unicap (Mestrado). Prof. Dr. Diogo Cunha, Prof. Dr. Flávio Gomes Cabral, Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim (orientador), Prof. Dr. Juliano Domingues, Prof. Dr. Luís Manoel Domingues do Nascimento (*in memoriam*), Profa. Dra. Maria Emília Vasconcelos.

Ao Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar, especialmente o acolhimento.

Ao Prof. Dr. José Afonso Chaves (coorientador), o acolhimento, o incentivo e as contribuições intelectuais.

À jovem historiadora Valeska Ferreira da Silva, a ajuda na pesquisa.

Aos colegas de turma.

Aos funcionários da Unicap.

Aos amigos de Brasília, Carlos Alberto Castro, Edson Campos, Elaine Paz, José Reinaldo da Silva (*in memoriam*), Maria das Neves Rodrigues de Araújo, Roberto Craveiro, Roberto Leão, que me aturaram ouvindo histórias do carnaval de Pernambuco.

Aos companheiros do Núcleo de Estudos Políticos (NEP), a amizade, convivência e o incentivo. Bruno Ribeiro de Paiva, Cláudio Ferreira, Edson Marcionilo de Araújo (*in memoriam*), Ivaldo Pontes (*in memoriam*), Jorge Cesar Bezerra, Messias Melo e Rodolfo Guimarães.

A Waldir Rodrigues, o auxílio na formatação dos trabalhos acadêmicos.

Aos companheiros da Troça Ceroula de Olinda, na pessoa de Antônio Aurélio Sales – Cabela – (*in memoriam*). A Verônica Menezes, Antônio Pereira, da Troça Sem Rumo Sem Direção, a prazerosa folia. A Ladja Botelho e Luís Edivaldo Silva da Troça *Tá'Qui* Pr'Ocês, a amizade e a convivência carnavalesca de muitas histórias.

A todos e todas que, em algum momento da existência, compartilharam comigo a vida e a folia momesca.

Aos meus familiares, que vivenciam o carnaval por meu intermédio. Especialmente, a minha filha, Odara Duarte Cabral, e a meu filho, Paulo Tiago Saraiva Cabral.

A Yara Barreto, minha companheira, o afeto e os carnavais passados e vindouros.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar o papel das manifestações culturais festivas, nas disputas entre projetos políticos vigentes em uma sociedade estratificada em classes sociais e permeada pela luta de classes. Com esse intuito, tomou-se como objeto empírico de observação o carnaval do Recife durante o Estado Novo, período de crescente organização da festa por parte do poder público e conseqüentemente de rigorosa imposição disciplinadora. Em um primeiro momento, procura-se caracterizar e historicizar o modelo de carnaval gestado pelo Estado Novo, cuja matriz principal foi implantada no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, na perspectiva de constituir um polo irradiador desse tipo de carnaval para outras regiões do país, em particular Pernambuco. Em seguida, discutem-se os dois grandes blocos de leitura, provenientes das tradições históricas que se debruçaram sobre o carnaval, que apresentam respectivamente a festa carnavalesca como manifestação de nivelamento e conagraçamento social e, em antagonismo a esta, outro entendimento de que a experiência do carnaval procede como reforço simbólico e efetivo das desigualdades e contradições de classe em uma sociedade capitalista autoritária e centralizadora, organizada sobre os fundamentos do Estado Novo. Para tanto, faz-se uso do referencial teórico gramsciano, particularmente dos conceitos de cultura e hegemonia.

Palavras-chave: Carnaval. Conflito de classe. Espaço público. Estado Novo.

RÉSUMÉ

Le présent travail a pour but d'étudier les fonctions des manifestations culturelles festives dans les disputes entre projets politiques dans une société stratifiée en classes sociales et traversée par la lutte de classes. Pour ce faire, nous avons pris comme objet empirique d'observation le carnaval de Recife pendant l'État Nouveau, une période de florissante organisation de cette fête par le pouvoir public et, subséquemment, de rigoureuses impositions disciplinaires. Dans un premier moment, nous cherchons à caractériser et à historiciser le modèle de carnaval engendré par l'État Nouveau, dont la principale matrice a été implantée à Rio de Janeiro, alors capitale du pays, dans la perspective de bâtir un pôle de rayonnement vers d'autres régions, particulièrement le Pernambouc. Ensuite nous traitons des deux courants de lecture, provenant des traditions historiques, qui se penchent sur le carnaval et qui présentent respectivement la fête carnavalesque comme une manifestation de nivellement et de concorde sociale et, à l'opposé, une autre compréhension de ce que l'expérience du carnaval opère comme un renfort symbolique et effectif des inégalités et contradictions de classes dans une société capitaliste autoritaire et centralisatrice organisée sur les fondations de l'État Nouveau. Pour ce faire, nous puisons dans les références théoriques gramsciennes, particulièrement les concepts de culture et hégémonie.

Mots-clés: Carnaval. Conflit de classe. Espace public. État Nouveau.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Capa do livro <i>Poemas</i> , desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955	25
Figura 2	–	Capa da 1. ^a edição do livro <i>O moleque Ricardo</i> , 1935, Ed. José Olympio, 283 p., 18,5x12,5 cm	30
Figura 3	–	O carnaval na poesia de Manuel Bandeira	39
Figura 4	–	Capa da 1. ^a edição do livro de <i>Seu Candinho da pharmacia</i> de Mário Sette, 1933	41
Figura 5	–	Primeira edição de <i>Aspectos da História</i> de Mário Melo, 1935	45
Figura 6	–	Baile de carnaval no Clube Internacional do Recife em 1938	50
Figura 7	–	Trabalhadores no Estado Novo	51
Figura 8	–	Getúlio Vargas, o pai dos pobres	58
Figura 9	–	Getúlio Vargas para crianças	58
Figura 10	–	Capa da Revista Cultura Política, Ano 1, n. 1, 1941	60
Figura 11	–	Texto de Graciliano Ramos sobre o carnaval nas cidades do interior nordestino trazido no número inaugural da Revista Cultura Política, n. 1, 1941	61
Figura 12	–	Sumário da Revista Ciência Política, v. 1, janeiro 1940	62
Figura 13	–	Notas sobre a programação dos clubes, troças e blocos	76
Figura 14	–	Notas sobre os bailes dos Clubes Internacional, Náutico e Alemão ..	77
Figura 15	–	Notícias sobre o primeiro dia de carnaval	78
Figura 16	–	Fantasia para o carnaval de 1938	81
Figura 17	–	Fantasia de carnaval abacaxi	81
Figura 18	–	Fantasia de carnaval cana-de-açúcar	82
Figura 19	–	Fantasia de carnaval dama holandesa.....	82
Figura 20	–	Capa do <i>Anuário do carnaval pernambucano</i> 1938	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DEIP	Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DP	Diário de Pernambuco
FECAPE	Federação Carnavalesca de Pernambuco
IAHGP	Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco
INCP	Instituto Nacional de Concurso Público
JC	Jornal do Commercio
NEP	Núcleo de Estudos Políticos
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCB	Partido Comunista do Brasil
PRP	Partido Republicano Paulista
PSB	Partido Socialista Brasileiro
SEMA	Superintendência de Educação Musical e Artística
UDN	União Democrática Nacional
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O CARNAVAL: UM PANORAMA DA LITERATURA A PARTIR DO OLHAR DA HISTÓRIA	25
2.1	O carnaval mulato de Ascenso Ferreira	25
2.2	José Lins do Rego contempla o carnaval do Recife	30
2.3	O saudosismo carnavalesco de Manuel Bandeira	35
2.4	Mário Sette e o carnaval do passado	40
2.5	O tradicionalismo carnavalesco de Mário Melo	43
3	O RIO DE JANEIRO E O CARNAVAL SEGUNDO O MODELO ESTADONOVISTA: CONTEXTO E DESENVOLVIMENTO	52
4	O CARNAVAL DO RECIFE SOB O ESTADO NOVO	68
4.1	A instauração do Estado Novo na capital pernambucana	68
4.2	A Federação Carnavalesca de Pernambuco	70
4.3	A política e a folia nas páginas do <i>Anuário do carnaval pernambucano</i>	84
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXO A: ORIGENS ROMANAS DO CARNAVAL	95
	ANEXO B – CAPA DA 1.^a EDIÇÃO DO LIVRO DENTRO DA HISTÓRIA DE MÁRIO MELO, 1931	97
	ANEXO C – ALGUMAS REPORTAGENS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE O CARNAVAL, 1938, 1939 E 1940	98

1 INTRODUÇÃO

CARNAVAL

Carnaval
 Indignação
 Orgasmo!
 Cio contra a Cia
 Constrói
 Novo dia.

(Marcelo Mário de Melo, 2018).

O carnaval, dentre as festas populares que marcaram historicamente a humanidade, tem destaque especial. É uma festa secular que, primitivamente, remonta a celebrações e rituais religiosos, praticados pelas civilizações antigas. Traços dessas manifestações, como os cortejos, as máscaras, as representações teatralizadas nos espaços públicos, a subversão da ordem com a troca de papéis sociais, chegaram aos dias atuais, com as transformações naturais ditadas pelo processo histórico. No mundo antigo, não havia ainda carnaval nos moldes que concebemos hoje. Havia festas realizadas ao longo do ano, em uma espécie de carnavalização da vida, abrangendo os mais diversos tipos de brincadeira popular.

Na Babilônia, realizavam-se as Sáceas, festas pontuadas pela licenciosidade sexual, pela inversão dos papéis entre escravos e senhores, e pela escolha de um escravo para substituir o rei com todos os poderes durante cinco dias. No fim do ciclo festivo, o escravo era açoitado, depois enforcado e a ordem social vigente restabelecida.

No Egito Antigo, realizava-se a procissão do Boi Ápis às margens do rio Nilo. O animal com os chifres pintados, o corpo coberto por fitas coloridas e tecidos finos, carregando sobre o dorso uma criança, percorria os logradouros da cidade acompanhado por grupos mascarados e fantasiados. A festança durava sete dias com muita diversão, com faustosa comilança e muita dança.

No período greco-romano, havia as Festas Dionisíacas, em louvor ao deus Dionísio ou Baco. O cortejo era constituído por mascarados fantasiados de animais, cobertos de peles e folhagem. As Lupercais, em homenagem ao deus Pã ou Luperco, considerado o deus protetor dos rebanhos, contava com a presença dos sacerdotes do deus Luperco, que corriam pela cidade açoitando com galhos de árvores as pessoas que se encontravam nas ruas. No caso das jovens mulheres, os açoites serviriam para estimular a fecundidade e tornar mais fácil o parto das mulheres grávidas. As Saturnais, dedicada ao deus Saturno, deus da agricultura, celebravam o

fim do ano lunar e consistiam, além da bebedeira e da comilança, em cantos, danças e troca de presentes.

Essas festividades e celebrações de alegria coletiva, de folia, de confusão e de desordem lembram os festejos carnavalescos da Idade Média. Nesse período histórico, no Ocidente, o carnaval, de certo modo, foi sistematizado pela Igreja Católica, sob o papado de Urbano II,¹ fruto de uma resolução do Sínodo de Benevento,² que fixou no calendário a data oficial para a realização da Quaresma, iniciada na Quarta-Feira de Cinzas e encerrada no Domingo de Páscoa. Durante quarenta dias de abstinência e jejum – o consumo de carne era proibido –, os fiéis deveriam abandonar os prazeres da vida material, rezar e elevar seu espírito a Deus e meditar sobre a Ressurreição de Cristo. Os três dias anteriores ao ciclo quaresmal, eram de liberalidade e festejo sem restrições. A população misturava-se e ocupava os espaços públicos em uma enorme algaravia, para dançar, cantar e consumir abundantemente carne e bebida. Era a festa do adeus à carne, do *Carnevale*, do carnaval, período consagrado à esbórnica e aos excessos³.

¹ Papa Urbano II, cujo nome de batismo era Oto de Chantillon, monge beneditino de origem francesa. Seu período papal transcorreu entre 1088 e 1099. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Urbano_II. Acesso em: 30 jul. 2019.

² O Sínodo de Benevento, no ano de 1091, instituiu a Quaresma, que começaria na Quarta-Feira de Cinzas e se encerraria na Páscoa. Esse longo período de abstinência, 40 dias, era precedido do carnaval e durante 3 dias o povo se fartava nos excessos mundanos (FERREIRA, F., 2004, p. 25).

³ O Diário de Pernambuco foi fundado em 7 de novembro de 1825 por Antonino José de Miranda Falcão, em sua casa à Rua Direita, n.º 256, Recife. Tipógrafo e jornalista pernambucano, nasceu em 10 de maio de 1798 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de dezembro de 1878. No início, era impresso em uma única folha, como um caderno de anúncio de imóveis, achados e perdidos e leilões. Era comercializado ao preço de 40 réis. Em 1835, foi vendido a Manuel Figueiroa de Faria e se transformou em uma espécie de órgão oficial dos governos da província. Em 1901, Francisco de Assis Rosa e Silva tornou-se proprietário do DP. Ao completar 83 anos, em 1908, o noticioso anexou ao título o slogan: “o jornal mais antigo em circulação na América Latina”. Em 1913, o controle do jornal passa para as mãos do fazendeiro e industrial Carlos Benigno Pereira de Lira no mesmo ano em que Gilberto Freyre iniciou como cronista e articulista sua colaboração com o DP. Durante o Estado Novo, o jornal era de propriedade dos Diários Associados do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand.

As origens romanas do carnaval. Das antigas festas lupercaes do tempo dos Cezares ao moderno culto de Momo. A intervenção dos Papas medievais a favor e contra o regozijo carnavalesco.

O carnaval moderno é de origem italiana, o que significa que na realidade esta festa remonta à Roma antiga. Podem ser observadas, entretanto, substanciais diferenças entre as comemorações da Roma pagã e o costume ressuscitado depois de um largo intervalo pela Itália dos Papas.

Agora que se aproxima a época da enthronização do Deus Momo e toda a população se prepara para os dias de folia, não nos parece destituído de certo interesse lembrar como do tempo dos Cezares o carnaval evoluiu até chegar ao que hoje é em todas as partes do mundo.

- **Adeus a carne**

A princípio, não obstante suas diversificações e disfarces, o carnaval christão revelava o inconfundível zelar da dôr que se aproximava e da abstinência do dia seguinte. A ethymologia da palavra o indica: carnis, carne; vale, adeus; logo carnaval, significa período durante o qual se diz adeus á carne!

Segundo outra interpretação ethymologica carnaval teria vindo do latim vulgar carnevarium e destinaria o período do anno em que convem levar (suspender, sustar) a consumação de (carnis). De qualquer modo vem dar no mesmo. Quanto as suas origens longínquas e pagãs, o carnaval remonta as festas lupercaes da antiga Roma, festas celebradas a 17 de fevereiro, em honra de fauno, Deus dos pastores e dos rebanhos.

De início, essas festas começavam com o sacrifício de cabritos brancos offerecidos em holocausto aos lobos que dizimam os rebanhos ou á mãe-loba, que amamentou Romulo e Remo. A julgar por certos ritos, é muito provável que em épocas ainda anteriores se fizessem também sacrifícios humanos, especialmente de meninos. O certo é que essas festas, organizadas com o fito de captar az sympathias dos lobos (lupercaes) degeneraram pouco a pouco em cenas mais do que libertinas, muito do gesto de Roma pagã.

- **O carnaval medieval**

O carnaval christão, tal como a Roma dos Papas o adoptou mais tarde é de carácter completamente diverso e, sobretudo, tem outra significação espiritual. Sua ideia é cahir no grotesco e por conseguinte tornar abjecta a alegria grosseira, que deve ser abandonada na véspera da quaresma.

Durante toda a idade média, as cidades e os centros importantes da Europa brilharam por suas festas carnavalescas. Entre algumas, originou-se mesmo grandes rivalidades. Vários Papas, taes como Clemente IX, Clemente XI e Benedicto XIII, tentaram em vão supprimir os exageros bacchicos dessas festas. O mais curioso, porém, é que outros pontífices, menos severos, favoreceram pelo contrário, dissimulada ou abertamente, esse prazer excessivo e baixo, com fins políticos ou de attrahir turistas ou estimular o commercio.

O Papa Julio III demonstrou até muito interesse pelas comemorações carnavalescas, que procurou, por vários meios, o mais brilhante possível. Paulo IV, a despeito de sua austeridade, de ainda mais entusiasmo e fulgor a essas festividades annuaes, offerecendo um banquete solenne no Vaticano. Até o fim do século XVI, o carnaval romano teve um carácter aristocrático.

O luxo das festas era tal que só gente rica e ávida de prazer podia participar delas. Mas de todos os recantos da Europa vinham curiosos assisti-las. Roma enchia-se de legiões de turistas abastados, e também de um exército perigoso de aventureiros, ladrões, moedeiros falsos e trapaceiros. As outras cidades italianas, especialmente Veneza, Turim, Nápoles, Milão, etc., imitaram o exemplo de Roma. Os cantos e os poemas compostos para essa ocasião

enriqueceram a literatura italiana com um especial, os canti carnascialeschi, diversos de interesse sob vários aspectos.

- **O Carnaval de Binche**

Na Hespanha, o carnaval dura como entre nós, quatro dias, que transcorrem no meio de uma alegria louca. Desgraçadamente, a terra de Dom Quixote, vivendo há dois annos e meio um carnaval de sangue e morticínio, não poderá ainda este anno festejar o ridículo Deus Momo.

Na França, somente no sul e sobretudo na Côte D'Azur tendo Nice por centro principal, ainda se obedece a tradição carnavalesca, ao passo que em Paris, por exemplo, cahiu quase completamente em desuso.

Na Rússia, desde a revolução de 1917, não existe mais nem a recordação dos alegres carnavais da corte dos Tsares.

Pelo contrário, a tradição momística conservou todo o seu prestígio em algumas cidades da Alemanha, antes do advento do nazismo, e na Bélgica, onde certas cidades especialmente Binche, organizam todos os annos festas de uma phantasia e de uma riqueza incomparáveis. Leo Claretie, conhecido escritor francez consagrou já um importante livro ao estudo e a investigação sobre essas festas, actualmente tão diversificadas segundo os paizes e até conforme as cidades de um mesmo paiz. O carnaval de Binche, em particular parece recordar a conquista do Peru por Pizarro, em 1540. As cavalhadas e outros festejos são o prolongamento do regimento hespanhol na Flandres e especialmente do reinado da princesa Maria da Hungria, rainha da Hespanha que tendo preferências pela Flandres, ali fixou-se com sua côrte e permaneceu muito tempo em seu castelo de Mariemont.

Sobre o carnaval de Binche muita coisa poderia ser dita. Limitemo-nos porém, de recordar aqui que ele se deve a criação do legendário typo de Gilles, glorioso [...] covarde e desse infável Gugusse sempre ocupado em não fazer nada.

- **O carnaval de Nova Orleans**

Na América, além do Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, existe uma cidade que dedica a Momo um culto especial é Nova Orleans nos Estados Unidos. As festas carnavalescas tem ahi um glorioso passado. Remontam á época em que a região era ainda colônia franceza. Isto é, a uma época anterior a 1803. Em consequência da política colonizadora de Tio Sam. Nova Orleans perdeu pouco a pouco o caráter francez, sobretudo depois que os negros, cada vez mais numerosos povoaram a província. Durante mais de meio século o carnaval deixou de ser festejado e pouco a pouco sua lembrança empalideceu na memória da antiga população autochtne, mas uma reviravolta das coisas restituiu o riso á cidade do Mississipi e o carnaval de Nova Orleans retomou seus destinos.

No fim de algumas dezenas de annos, os creoulos e outros novos colonos estabelecidos na região enriqueceram e frequentemente viajavam pela Europa, sobretudo em Paris. Tornou-se um hábito enviar-se os filhos das famílias abastadas para se educarem na capital franceza e estes estudantes não tardaram a travar conhecimento com os prazeres da metrópole e notadamente com a alegria carnavalesca da terça-feira gorda regressando á pátria, foram eles os renovadores do costume já quase esquecido.

De certo modo, o carnaval de Nova Orleans se parece com o do Rio de Janeiro. Existem clubs que só tem um fim: organizar e preparar durante todo o anno a festa da terça-feira gorda. São o "lar de comus". "Os amigos do alegre Momo". "Os verdadeiros irmãos de Protheu". "A confraria do riso". "A aurora da farsa", etc. Sociedades herméticas que não acolhem convidados, mas unicamente irmãos delimitadamente admitidos ao santuário.

- **Os préstitos**

Desde o alvorecer da terça-feira nas ruas da cidade pullvia uma multidão enervada, febril, cuja impaciência cresce de momento a momento. Quasi todas as fachadas estão ricamente ornamentadas e exposições divertidas estão á vista nas vitrines das grandes lojas. A música vibra no ar: há em cada esquina uma orquestra. As tribunas erguidas ao longo do percurso a ser vencido pelo préstito vão se enchendo de gente; elegantes e dandys, famílias burguesas, gente do povo, as invadem, alegres e transbordantes de entusiasmo. As pilherias chispam, quase sempre sem espírito, mas todos riem, porque a ordem desse dia é rir, com ou sem motivo.

Que o assunto escolhido para os carros alegóricos seja de inspiração histórica ou literária, legendária ou de atualidade, os organizadores não deixam nunca de dar o máximo de brilho e de virtude cômica. Não trata ahi de pobres carros esqueléticos ondem tremem pallidas comparsas sob o frio da estação.

Em Nova Orleans, assiste-se a desfiles em que, revestidos todos os annos de costumes novos, verdadeiras cohortes de jovens guardas precedem e cercam o sereníssimo príncipe carnaval, seguidores de uma theoria de carros enormes verdadeiras cenas de teatro, onde evolue u'a massa de homens e mulheres ricamente phantasiados, cuja vista é um espetáculo para os olhos.

- **A chegada de sua alteza**

Eis os Hurons e os Viahhs, estylizados. Clowns, cujas vestimentas multicores constituem admirável exposição retrospectiva dos artistas tornados celebres no circo. Caracterizados em estrelas da tela eis os figurantes ou amadores e eis ainda os bandos alegres de camponeses mascarados de todos os estados da união americana. Vagabundos, gangsters, sherifs, garimpeiros, marinheiros de todas as idades, desde o tempo de Christovam Colombo até nossos dias, um pouco de toda América do Norte desfilará ahi, verdadeiro quadro vivo e movimentado da história e evolução do novo mundo. Encontram-se o Barnum com seus museus de horrores, falsos incas, esquimós, asiáticos, árabes de mascarada, índios papu's (...) dirse-ia uma revista ethographica e vestimentária onde não falte nenhuma raça nenhum costume nacional.

Uma parte do desfile symbolisa de alguma sorte a história do teatro da América, a partir da época dos tablados de feira até nossa era com seus theatros flutuantes instalados em navios fundeados, última moda americana. Existe um desses theatros flutuantes no próprio porto de Nova Orleans e é precisamente para o porto que se dirige o cortejo, a fim de esperar a chegada de sua alteza sereníssima, o príncipe do carnaval. Este chegará em seu navio ricamente decorado. Approxima-se majestosamente. O ar vibra de música alegre e festiva. O navio entra no ancoradouro. Que frenesi, que delírio! Milhares de pessoas se esquelam saudando com seus gritos sua alteza, que se digna pôr os pés em terra. Suas roupagens são de um luxo fabuloso. Uma corôa scintillante orna-lhe a cabeça. De suas espadas cae o manto real. Na mão esquerda tem uma maçã de ouro e a direita repousa sobre o punho da espada. O próprio rei da Inglaterra não teria um ar mais soberano do que o desse figurante.

Atraz de sua alteza torna-se a formar o cortejo que a cada esquina cresce de novos aderentes. Surgem deuses e deusas do antigo Egyto. Wotan está presente. E as divindades de todas as mythologias aparecem. O cortejo sublime desencadeia uma tempestade de hilaridade. Chegando á City Hall o préstito se detém. É o momento culminante da festa. Cercada de altos dignatários e de todas as belas de sua côrte, eis a rainha da beleza e a imperatriz do encanto, eleita em sufrágio universal pelos novos-orleanenses. Em seguida a festa symbolisa as núpcias de sua graciosa majestade a rainha com o príncipe carnaval.

A cidade inteira é um só clamor. Uma kermesse transbordante onde a alegria não conhece mais limites. Mas, em obediência aos regulamentos policiaes, com o cair da tarde devem cair também as máscaras. A cidade volta de novo á ordem cotidiana como por encanto e a boa educação retoma os seus direitos. (Hemeroteca Digital Brasileira. Diário de Pernambuco, 19 fev. 1939).

A cultura do carnaval espalhou-se mundo afora em face dos intercâmbios e trocas entre culturas que se influenciaram, acontecimento possibilitado pelas grandes navegações. No Brasil, chegou na forma de entrudo, trazido pelo colonizador português por volta de 1723, e ganhou enorme impulso com a transferência da família real em 1808. O entrudo popular caracterizava-se pela violência dos grupos praticantes, pelos banhos e mela-mela com todo tipo de substância e de dejetos, transformando as ruas em campos de batalha, onde a sujeira imperava. Perdurou por boa parte do século XIX, embora em sua quadra final tenha começado a sobressair o estilo europeu de brincar o carnaval.⁴ A matriz desse novo carnaval tinha como fontes inspiradoras, sobretudo, a Itália e a França por meio dos bailes suntuosos e da *Commedia dell'Arte*, teatro de improviso muito popular no século XVI, de onde surgiram os personagens arlequim e colombine italianos e o *pierrrot* francês.

No século XX, o entrudo foi gradativamente se abrandando e suas práticas substituídas mais intensivamente pelo modelo do carnaval civilizado europeu, quase sempre realizado em recintos fechados, pertencentes ou controlados pela classe burguesa. O Rio de Janeiro, então sede do governo brasileiro, serviu de laboratório para um tipo de carnaval que conjugava manifestações culturais de rua, de cunho popular e festas luxuosas, destinadas à elite e à classe média, que ainda buscavam desfrutar o espaço público em dias e ruas reservadas para os passeios de gala das grandes sociedades.⁵ Também funcionou como polo de irradiação para o Brasil, de um modelo de carnaval que sofreu transformações singulares em face das características regionais, nomeadamente em Recife e Salvador, pela marcante presença da cultura negra, com seus cortejos de resistência e religiosidade, por meio dos maracatus pernambucanos e dos afoxés baianos. Além das bandas de música oficiais, que executavam dobrados nos desfiles cívico-militares, nas trocas de guarda nos quartéis, e nas retretas, geralmente realizadas aos domingos no coreto das praças, tocavam variados gêneros musicais, como polca, maxixe, árias de ópera, valsa e marchas. A mistura desses tipos de música deu

⁴ Havia um entrudo menos agressivo praticado nas casas e palacetes das famílias abastadas.

⁵ As grandes sociedades eram clubes carnavalescos, formados pela elite carioca. Destacavam-se pela opulência dos desfiles. Os mais famosos foram Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos (FERREIRA, F., 2004).

origem ao frevo de Pernambuco, cuja primeira composição foi de autoria do maestro capitão Zuzinha conforme o jornalista e historiador Mário Melo:

Por esse tempo, vindo de Paudalho, onde era mestre de banda de música, estava aqui como regente da banda do 40 Batalhão de Infantaria aquartelado nas Cinco Pontas o Zuzinha, hoje capitão José Lourenço da Silva, ensaiador da Brigada Militar do Estado. Foi ele quem estabeleceu a linha divisória entre o que depois passou a chamar-se frevo e a marcha polca, com uma composição que fez época e pertencia ao repertório da minha gaitinha dos tempos acadêmicos [...]. Proclamo, assim, o Zuzinha pai do frevo. (MELO, 1938, n. p.)

Era hábito dos segmentos mais abastados da sociedade pernambucana apreciar e festejar os desfiles das agremiações carnavalescas no centro do Recife, da varanda dos edifícios, pensões e casas comerciais alugadas, fantasiados e atirando jetons, confete e serpentina, principalmente na Rua da Imperatriz, Rua Nova, Rua 1.º de Março e Praça da Independência, também conhecida como Quartel General do Frevo. O historiador Antônio Paulo Rezende diz que “era costume, também, alugar casas apenas para o curto período do carnaval, em locais estrategicamente colocados para ver e se envolver com a folia, como nas ruas centrais da cidade”. (Rezende, 2016, p.85). Aliás, nesse logradouro, até hoje, embora degradado pelo tempo de abandono, permanece de pé o prédio do Diário de Pernambuco (DP), monumento da arquitetura neoclássica pernambucana.

Por outro lado, os poderes constituídos, por meio de leis e decretos, disciplinavam o carnaval de rua estabelecendo normas para sua realização, com o intuito de fiscalizar e enquadrar o comportamento das classes subalternas, controlando o espaço público, de modo a permitir que as classes superiores também pudessem ocupar com segurança as vias públicas, com suas manifestações elitizadas; além, obviamente, dos reservadíssimos e elegantes espaços fechados. Segundo o historiador Antônio Paulo Rezende:

[...] os blocos, com as suas fantasias, o corso nas ruas, com os caminhões ornamentados, os bailes no Jockey e no Internacional, as brincadeiras dos mascarados e o molha-molha que ensopava as roupas enchiam de animação a cidade. O carnaval invadia o noticiário de destaque na imprensa. Mais do que nunca, a cidade se transformava no território privilegiado do sonho e do desejo. As fantasias e as máscaras extravasam, nos três dias, as tantas repressões, os impulsos contidos e sublimados. A polícia redobrava sua atenção à procura dos mais ousados. Alguma ordem tinha que ser mantida, como diziam os mais quietos e tímidos. Quem se guardava no carnaval, quem não se fascinava com suas cores e alegria, nada sabia da vida, diziam os foliões. (REZENDE, 2016 p. 95.).

A fundação da Federação Carnavalesca de Pernambuco, em 1935, por um grupo de executivos e intelectuais alheios às agremiações carnavalescas – e sob aquiescência do governador Carlos de Lima Cavalcanti e depois do governo do interventor Agamenon Magalhães⁶ –, foi declarada entidade de utilidade pública pela Assembleia Legislativa de Pernambuco, por projeto de lei de autoria do deputado Arthur Moura em 1936. Foi de vital importância para sacramentar a hegemonia do poder público como instrumento de controle da elite sobre o carnaval, principalmente pela via da distribuição seletiva de subvenções sob sua responsabilidade.

Os clubes de alegoria e crítica, cuja existência maciça atinge o apogeu na primeira metade do século XX, começando a declinar no início dos anos 1940, expressavam o modo como os setores dominantes viam o carnaval. Esses clubes, constituídos por segmentos sociais de destaque na hierarquia entre as classes, apresentavam-se nas ruas centrais do Recife sobre veículos de tração animal ou a motor, ricamente ornamentados, carregando foliões fantasiados e uma estridente fanfarra animando a folia.

Os setores de oposição aos governantes em exercício aproveitavam a festa para tecer críticas à administração pública, à política e aos costumes em voga. *Philomomos*, *Nove e Meia do Arraial*, *Cavaleiros da Época*, *Trinta e Três*, *Dragões de Momo*, *Cara Dura* e o *Homem da Meia-Noite de Olinda* são alguns dos mais afamados clubes de alegoria e crítica que abrilhantaram o carnaval recifense. Cabe mencionar, ainda, os clubes, *O Leão*, fundado em 1902, *O Camelo* (1921) de Vitória de Santo Antão e o *Galo da Madrugada de Recife* (criado por Enéas Freire em 1978), como *Clubes de Alegoria e Máscaras*, que se apresentam com um formato bem modificado em comparação com as agremiações do passado, e ainda se mantêm em atividade.

⁶ Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães, nasceu em Vila Bela, atual Serra Talhada em 1893. Fez os primeiros estudos na cidade natal, frequentou o Seminário de Olinda, concluiu o curso de Humanidades no Colégio Arquidiocesano em 1912. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 1916. Eleito deputado estadual em 1918 pelo Partido Republicano Democrata, liderado pelo governador Manoel Borba, com quem estabeleceu fortes vínculos políticos. Foi redator dos jornais recifenses *A Ordem* e *A Província*; professor do Ginásio Pernambucano, hoje Colégio Estadual de Pernambuco, no período de 1924-1932. Reeleito deputado estadual pelo PRD em 1922 e no ano seguinte elegeu-se deputado federal. Participou das articulações da chapa da Aliança Liberal, composta por Getúlio Vargas e João Pessoa. A vitória de Júlio Prestes no pleito de 1930, tachada de fraudulenta, e o assassinato de João Pessoa foram os pretextos usados para o golpe que destituiu o governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, substituído por Carlos de Lima Cavalcanti com o apoio de Agamenon Magalhães. Getúlio Vargas assumiu o governo central e, na Constituinte de 1934, foi eleito pelo Congresso presidente da República. Agamenon foi ministro do Trabalho e da Justiça de Vargas, interventor durante o período do Estado Novo, realizando mudanças significativas na política, na educação e nas feições urbanas de Pernambuco, mormente em Recife, destruindo, por meio da Liga Social contra o Mocambo, esse tipo de moradia precária, que simbolizava o atraso social do estado. Em 1945, foi eleito deputado constituinte pelo Partido Social Democrático (PSD). Em 1950, Agamenon elegeu-se governador de Pernambuco, embora tenha sido derrotado no Recife, a quem chamou de cidade cruel. Em 24 de agosto de 1952, faleceu, deixando a viúva Antonieta Magalhães e 4 filhos. (PANTOJA, [2011]).

A partir da assunção do Estado Novo, que vigorou de 1937 a 1945, sob o comando do presidente Getúlio Vargas, as manifestações culturais de massa são instrumentalizadas, em particular, o carnaval e a música. Enquadrado segundo os pressupostos estadonovistas, o carnaval é utilizado como canal de difusão de um projeto de sociedade pactuado pelas elites, à frente o emergente setor industrial. Um Estado forte, centralizador, autoritário, com políticas de desenvolvimento nacionalistas e elevado poder de coerção, cujo suporte teórico se encontra na obra de José Antônio Azevedo Amaral (1938), *O Estado autoritário e a realidade nacional*, e na tradução que ele fez do livro *O século do corporativismo* do autor polonês de coloração fascista Michael Manoilescu (1938).

O corporativismo era, nesses termos apresentados por Manoilescu e lido por Azevedo Amaral, não apenas como uma possibilidade de reforma política da representação liberal; ele era um verdadeiro modelo de organização nacional, abarcando instituições/organizações públicas, mas igualmente instâncias privadas, fossem elas de natureza profissional ou não. As corporações se tornavam, nessa teoria, uma espécie de ponto nodal para o desencadeamento de toda uma proposta de reorganização nacional, denominada como autárquica, que é igualmente nacionalizadora e industrializante. Um Estado e uma sociedade corporativos permitiriam a um país agrário-exportador, como o Brasil, a tão almejada modernização/industrialização, entendida como enriquecimento para o povo do país, inclusive para seus trabalhadores, pois eles teriam o valor de sua mercadoria – o trabalho – aumentado. (GOMES, 2012, p. 198).

A implantação desse modelo demonstra no âmbito ideológico a disputa com os liberais, tendo em vista que, até então, não tinham sido capazes de transformar a realidade brasileira, e com os comunistas, apesar do malogro do levante de 1935, tinham forte presença nas organizações trabalhistas e em parte da opinião pública pela representação da narrativa social, como necessidade de legitimação do Estado Novo no jogo efetivo de poder. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), dirigido no plano nacional por Lourival Fontes⁷, constituído

⁷ Lourival Fontes nasceu em Sergipe na cidade de Riachão do Dantas, no dia 20 de julho de 1899. Na juventude, enquanto secundarista no Ateneu Sergipano, considerava-se materialista e socialista. Em Aracaju foi colaborador do *Jornal do Povo* e do *Diário da Manhã*. Pelas qualidades jornalísticas demonstradas, foi convidado pelo presidente do Estado, general Manuel Presciliano de Oliveira Valadão, a trabalhar em Salvador, como correspondente do jornal *o Estado de Sergipe*. Por desentendimento com o diretor do jornal foi demitido, passando a escrever nos jornais baianos *A Tarde* e *A Noite*. Ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, onde estudou até o terceiro ano. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e como jornalista colaborou com alguns diários e agências de notícia. Em 1922, concluiu sua formação de advogado, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Impactado pelo falecimento de Jackson de Figueiredo, fundador do conservador Centro Dom Vital, em 1928, converteu-se ao catolicismo. No início de 1930, ocupou cargos na prefeitura do Distrito Federal na gestão do prefeito pernambucano Pedro Ernesto e no ministério do trabalho sob o comando de Salgado Filho. Estreitou relações com Getúlio Vargas e foi

pelas Divisões de Divulgação, de Radiodifusão, de e Cinema e Teatro, de Turismo e de Imprensa, foi replicado nos estados como Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (Deip), com a mesma finalidade de censurar e calar os opositores ao regime e de construir uma imagem positiva e mítica do Estado Novo e dos seus mandatários como salvadores políticos da sociedade, cujas fontes inspiradoras eram os regimes comandados por Adolf Hitler na Alemanha e Benito Mussolini na Itália.

Em Pernambuco, o interventor Agamenon Magalhães, além dos prestimosos serviços do Deip, dirigido pelo professor Nilo Pereira, contava com o suporte irrestrito do Jornal Folha da Manhã, de sua propriedade, que funcionava como porta-voz de sua interventoria e com a colaboração decisiva, dentre outros aliados, do jornalista José Campelo, então presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco, redator-chefe e colunista frequente da própria Folha da Manhã. Contava ainda com o beneplácito da Igreja Católica, por meio dos Centros Educativos Operários, estruturados em quatro departamentos: instrução, beneficência e defesa, cultura física e artística, e estudos. Esses centros, espalhados por 12 bairros populosos, Afogados, Água Fria, Arraial, Areias, Campo Grande, Cordeiro, Monteiro, Pina, Pombal, Santo Amaro, Várzea e Pilar, eram vinculados à Diretoria de Reeducação e Assistência Social da Prefeitura do Recife. O objetivo estratégico dos centros seria orientar os setores das classes trabalhadoras mais atingidos pela propaganda comunista para uma estreita cooperação com o poder público.

Segundo as publicações oficiais da Diretoria de Reeducação e Assistência Social, não era pretensão “modificar o nível intelectual do operário por uma cultura livresca e desorientada, mas se dirige a formação intelectual no sentido do aperfeiçoamento técnico e maior identificação com os interesses da sua classe” (PONTES, 1940, p. 14). “A ideia central norteadora dessa obra de assistência social era fazer um trabalho de saneamento e profilaxia da

sucessivamente nomeado para postos-chave na estrutura de comunicação do governo central, chegando ao DIP, de onde saiu em face das injunções políticas do momento. A partir de 1943 começou a colaborar em O Jornal e tornou-se representante do Brasil no conselho administrativo do bureau internacional do trabalho. Em 3 de janeiro de 1945, foi nomeado embaixador do Brasil no México, posto do qual solicitou exoneração, após a deposição do presidente Vargas. Participou ativamente da vitoriosa campanha de Vargas à presidência da república, sendo a posteriori nomeado chefe do gabinete civil. Depois do suicídio de Vargas e a posse de Café Filho, foi substituído por José Monteiro de Castro. Em outubro de 1954, Lourival Fontes, elegeu-se senador pelo estado de Sergipe, apoiado por uma ampla coligação entre a UDN, o PTB, o PSD, o PSB e o PSP. Cumpriu seu mandato até o fim da legislatura, em 31 de janeiro de 1963. Foi casado com Adalgisa Néry, jornalista, poeta e deputada estadual na Guanabara de 1961 a 1971, na legenda do PSB e depois do MDB. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 6 de março de 1967)

sociedade. Ela deveria ser, em última instância, um obstáculo à luta de classes.” (PANDOLFI, 1984, p. 57-58).

Como suporte teórico, usaremos a leitura marxista da História, particularmente o conceito gramsciano de hegemonia, englobando a cultura e a história. A obra de Gramsci, embora fragmentada, apresenta unidade e sentido, e aporta contribuições significativas ao marxismo ocidental, principalmente os escritos do cárcere, contidos em 33 cadernos, em um total aproximado de 2.500 páginas, divididos entre miscelâneos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15 e 17). Neles foram redigidas notas sobre variados temas, como Passado e Presente, Noções Enciclopédicas, Introdução ao Estudo da Filosofia, etc., e os especiais (10, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29), que tratam de temas específicos como o Ressurgimento Italiano, Maquiavel, Estado e Política, História das Classes Subalternas, Cultura, Folclore, etc.

Embora Gramsci não seja um historiador no sentido estrito do termo, sua análise a respeito dos fenômenos concretos da política é perpassada pela história e pelo emprego do ferramental teórico agrupado no materialismo histórico; ou seja, sua ótica interpretativa sobre os fenômenos observados relaciona-se com o contexto histórico, fazendo da história um sujeito em análise e ao mesmo tempo uma categoria heurística. Outrossim, seria difícil enquadrar Gramsci como um autor da chamada história cultural, tendo em vista que essa vertente historiográfica nem sequer existia em seu tempo, mas também porque sua maneira de abordar diverge do tom idealista que caracteriza muitos desses trabalhos.

Todavia, um estudo sobre a cultura no âmbito da historiografia que considere o arsenal teórico metodológico proposto por Gramsci é factível; sua produção teórica acerca da cultura e as categorias analíticas que oferecem um valioso instrumento para analisar manifestações culturais concretas, como é o caso do carnaval. Tanto é verdade que muitos historiadores usam suas contribuições para interpretar a cultura. É o caso, por exemplo, da historiadora Sônia Regina Mendonça (2018), no artigo *Pesquisando com Gramsci: sugestões metodológicas*, contido no livro *Gramsci e a pesquisa histórica*, publicado pela Editora Appris em Curitiba.

O tema da cultura ganha centralidade na elaboração teórica de Gramsci. Isso se pode comprovar pelo número de vezes que aparece em suas reflexões, chegando mesmo a constituir estudos completos em vários de seus cadernos escritos na prisão, como é o caso de *Os intelectuais e a organização da cultura* (GRAMSCI, 1982) e *Literatura e vida nacional* (GRAMSCI, 1986). Por isso, os estudos voltados à interpretação do pensamento gramsciano sempre enfatizaram o papel preponderante da cultura para o filósofo italiano. Porém, a importância da cultura no fulcro do pensamento de Gramsci não está apenas em focar o estudo

de aspectos culturais como a literatura e o folclore. A centralidade da cultura decorre do fato de ser ela a dimensão que conforma subjetividades e intersubjetividades, isto é, o modo como indivíduos, grupos e classes compreendem a si, ao seu entorno, à sociedade e ao mundo, e por isso conformam condutas e práticas. Essas últimas configuram o que Gramsci denominou visão de mundo ou ideologia.

Segundo Gramsci, cada classe tem uma visão de mundo própria e produz ideologia, fazendo com que a luta política por afirmação e domínio de classe não ocorra somente na esfera puramente estatal, mas, sobretudo, por meio do choque das ideias entre as visões de mundo das classes sociais, portanto no plano da cultura.

Nesse ponto reside a grande inovação de Gramsci no âmbito da teoria política do marxismo. A cultura não é uma ideologia cristalizada e estática, mas um movimento dinâmico, que está no centro da disputa política ao redor daquilo que todas as classes sociais buscam, qual seja, a hegemonia. Buscam a hegemonia nos mais diversos espaços e também por meio de várias linguagens, por exemplo, a artística e a religiosa.

O processo de construção da hegemonia não é espontâneo, mas depende do trabalho de organização da cultura que implica formulação, tradução e espalhamento de uma visão de mundo que deve ser concretizada diuturnamente no seio da sociedade, estabelecendo práticas, modos de fazer e de sentir, pois somente assim a disputa hegemônica ganha concretude. Todo esse trabalho de organização da cultura com o intuito de conquistar a hegemonia é possível em virtude dos intelectuais orgânicos vinculados a cada classe social.

Como a disputa pela hegemonia está presente em todos os quadrantes da vida social, o carnaval é uma experiência em que se pode perceber, mediante a presença dos intelectuais orgânicos, a influência na definição de um modelo no que concerne ao conteúdo e à forma, às homenagens, fantasias e faixas do espaço público reservado à folia, que as agremiações devem ocupar. É com base nessas escolhas que visões de mundo vão sendo plasmadas de modo que a consumação da hegemonia de uma classe depende da eficiência dos intelectuais orgânicos dessa classe.

Um exemplo consistente do modo histórico de Gramsci perceber a cultura pode ser deduzido da noção de nacional-popular. Gramsci toma a junção de povo e nação como constituintes de uma cultura a partir da experiência romântica, decorrente da leitura de autores da época, particularmente da leitura de Johann Gottfried von Herder. Contudo, vai afastar-se desses autores porque não comunga da ideia de uma cultura popular e nacional como resgate de uma pretensa origem de uma sociedade já concebida, mas como algo que ainda deva ser articulado por meio do protagonismo político das classes populares, e não apenas como

compensação idealista das elites, como era o caso da Itália do seu tempo, em que a nação havia sido unificada, porém, sem que as classes populares estivessem inseridas no processo.

A Itália unificada foi um projeto de hegemonia da elite agrária e, mais à frente, como consequência da modernização, um pacto celebrado com a burguesia industrial nascente. Entretanto, cabia à classe trabalhadora pelear pela hegemonia conforme sua visão, para instaurar outra configuração de nação que fosse efetivamente popular.

Assim sendo, pela forma historicizada de compreender a noção de cultura, Gramsci muito contribui para o entendimento da expressão cultural do carnaval como espaço de disputa pela hegemonia. Da mesma forma que outros historiadores tomaram referenciais gramscianos para o desenvolvimento de suas investigações sobre fenômenos culturais. Veja-se Carlo Ginzburg (1987) em *O queijo e os vermes*, livro em que dicotomiza a cultura valendo-se do termo culturas subalternas como formulado na obra de Gramsci. Por último, a influência de Gramsci é deveras palpável na análise da cultura da classe trabalhadora inglesa empreendida pelo grupo de historiadores ligados ao Partido Comunista da Inglaterra, tão bem espelhado na obra de Edward Thompson.

Na seção 2, com base na literatura de autores que tomaram o carnaval como objeto de escrita, traçaremos um panorama literário a partir da história, dessa grande festa brasileira, tendo como referência empírica maior a cidade de Recife. Com base nas obras do poeta modernista pernambucano Ascenso Ferreira, do romancista paraibano José Lins do Rego, do poeta Manuel Bandeira, do escritor Mário Sette e do jornalista e historiador Mário Melo, todos pernambucanos, buscaremos realçar alguns elementos que constituem o universo carnavalesco.

Na seção 3, discorreremos sobre o carnaval segundo o modelo estadonovista, que apropriou essa festa popular como instrumento de construção de uma identidade nacional, em que se encontrariam os elementos de uma cultura genuinamente brasileira. O Estado é o agente estimulador e legitimador dessa construção.

Na seção 4, abordaremos o carnaval do Recife sob a égide do Estado Novo e o papel da Federação Carnavalesca de Pernambuco como aparelho privado de hegemonia na seara da luta de classe e das disputas políticas. A construção de uma narrativa hegemônica que solape resistências contra-hegemônicas e enquadre o carnaval no modelo estadonovista, conforme retratado no *Anuário do carnaval pernambucano* (FECAPE, 1938).

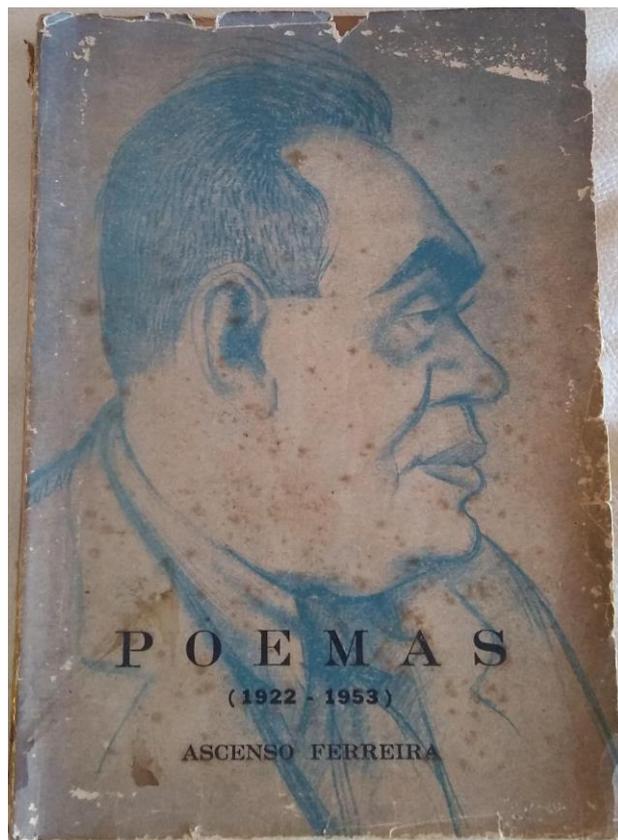
Nesse sentido, nosso trabalho, compreendendo o carnaval como uma experiência histórico-cultural que se põe na disputa política das classes sociais ao redor da construção da hegemonia, objetiva entender como esse processo ocorreu de maneira efetiva no carnaval que a cidade do Recife vivenciou no período do Estado Novo.

2 O CARNAVAL: UM PANORAMA DA LITERATURA PELO OLHAR DA HISTÓRIA

Uma das máximas que caracterizam a identidade brasileira, que está fortemente presente no imaginário popular nacional, é “Brasil, o país do carnaval”. Essa manifestação cultural portentosa, que chegou a nossa terra trazida pelos portugueses e tomou impulso com a vinda da família real em 1808, também foi objeto da literatura na forma de romances, contos, poesias e crônicas principalmente nos anos 1920 e 1930. Com base nos textos de Ascenso Ferreira, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Mário Sette e Mário Melo, buscaremos compreender aspectos e nuances do carnaval do Recife durante o período que antecedeu e produziu elementos estruturadores para a sua conformação sob o Estado Novo.

2.1 O carnaval mulato de Ascenso Ferreira

Figura 1 – Capa do livro *Poemas*. 1955



Fonte: Fotografia de J. Cabral.

O livro contém todos os poemas do autor aparecidos entre 1922 e 1953 (FERREIRA, A., 1955). Não estão inclusos, assim, os sonetos e outras produções anteriores a 1922, ano que marca a adesão do poeta à corrente modernista. Dessa edição foram tirados três mil exemplares,

e mais 400 exemplares fora do comércio, em papel ilustração – linha d’água –, devidamente numerados. Prefácio de Sérgio Milliet. Trabalhos críticos de Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo e Roger Bastide. Ilustrações do texto de Suanê, Manuel Bandeira e Caribé. Ilustração da capa de Lula Cardoso Ayres. Organização de Souza Bandeira. Edição e impressão de I. Nery da Fonseca e Cia. Ltda.

Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira nasceu no dia 9 de maio de 1895 no município de Palmares, zona da mata sul de Pernambuco. Filho do comerciante Antônio Carneiro Torres e da professora Maria Luísa Gonçalves Ferreira. Como abolicionista, sofreu perseguição política, o que motivou sua mudança para o Recife em 1919. Colaborou com alguns jornais recifenses, escreveu para a Revista do Norte, trabalhou como escriturário na Secretaria da Fazenda. Em 1921, casou-se com Maria Stela de Barros Griz. Em 1945, une-se à jovem Maria de Lourdes Medeiros. Dessa união nasceu, em 1948, sua única filha, Maria Luiza. Faleceu no Recife, em 1965, aos 70 anos.

No Recife, a carreira literária de Ascenso deslanchou. Quando jovem, deu os primeiros passos como poeta da escola parnasiana, cujos versos nunca foram publicados. Porém, pela influência do debate intelectual que fervilhava no Recife à época, passou a integrar a escola modernista-regionalista, que misturava ingredientes do modernismo propagado pela Semana de Arte Moderna, também conhecida como Semana de 22, realizada no Theatro Municipal de São Paulo em 1922. Em Pernambuco, representada por Joaquim Inojosa, com elementos do regionalismo atávico, encabeçado por Gilberto Freyre.⁸ Deixou um substancial legado à cultura brasileiro-pernambucana. Foi tratado com muita deferência pelos modernistas, recebendo de Mário de Andrade reconhecimento e elogiosas menções. Também recebeu dos regionalistas demonstração de apreço literário, nomeadamente do sociólogo Gilberto Freyre. A poética de encantamento de Ascenso Ferreira estrutura-se em três eixos temáticos:

⁸ Gilberto Freyre foi um destacado intelectual pernambucano, autor de uma imensa obra no campo da Sociologia e da Antropologia. Em 1918, foi para os Estados Unidos, onde cursou, na Universidade de Baylor, o bacharelado em Artes Liberais e especialização em Ciência Política e Ciências Sociais. Fez doutorado na Universidade de Columbia, onde defendeu a tese *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (FREIRE, 2008). Em 1933, publicou *Casa-grande & senzala*, sua obra de maior repercussão, sobre a formação da sociedade brasileira, na qual defende o polêmico e elitista conceito da democracia racial, fruto da miscigenação entre os indígenas autóctones, o colonizador português branco e europeu e os escravos negros africanos (FREIRE, 2004a). Em 1936, publicou *Sobrados e mucambos* sobre a decadência do patriarcalismo rural brasileiro (FREYRE, 1996). Em 1957, publicou *Ordem e progresso* sobre o período de transição da Monarquia à República (FREYRE, 2004b). Também foi ensaísta e jornalista, com diversos textos e artigos publicados em revistas e jornais. Ocupou a função de chefe de gabinete do governador Estácio Coimbra, destituído pela Revolução de 1930, com quem foi para o exílio. Foi deputado constituinte em 1946 pela conservadora União Democrática Nacional.

1) a cultura brasileira ou regional, embutindo, na maior parte dos casos, uma crítica à modernidade, sendo alguns poemas nostálgicos e outros não; 2) o olhar sobre o cotidiano, que tanto se associa a reflexões filosóficas como a crítica social, ou ocorre simplesmente como registro satírico de costumes; 3) o amor, algumas vezes associado a uma semântica do sagrado, com alguns poemas que desenvolvem uma relação entre o erótico e o sagrado. Essas três linhas temáticas estão presentes nos livros de Ascenso com pequenas variações conforme o peso que cada tema adquire no conjunto do livro. Dessa forma, pode-se dizer que em *Catimbó*, predomina a temática da cultura popular; em *Cana Caiana* o tom nostálgico e a crítica à modernidade figuram de modo mais contundente; e em *Xenhenhém* o tema de maior destaque é o amoroso. (SILVA, V., 2008, p. XXIV).

Tratando-se do carnaval, era nas manifestações e tipos populares que Ascenso Ferreira buscava a matéria-prima de sua obra, de que foi um precioso e obstinado defensor. O *Bumba Meu Boi*, o *Maracatu*, o *Clube Pedestre*, os passos característicos do frevo, o carnaval do Recife, de modo geral, são temas frequentes na sua poesia. Escreveu três livros, contabilizando 81 poemas. *Catimbó*, 1927, cuja capa foi desenhada pelo também poeta Joaquim Cardoso; *Cana caiana*, 1939, ilustrado pelo pintor Lula Cardoso Ayres, e *Xenhenhém*, 1951. Gravou na Rozenblit, em 1957, o LP duplo, 64 poemas escolhidos e 3 historietas populares, com apresentação de Câmara Cascudo, para lançamento com suas obras completas pela Editora José Olympio, com ilustrações do pintor Luís Jardim.

Era um apaixonado pela festança carnavalesca. Sua simplicidade era o salvo-conduto para brincar no meio do povo com seu chapelão, seu passo desajeitado de folião paquidérmico de quase 2 metros de altura, 116 quilos e sapatos tamanho 44. Foi homenageado pelo amigo e maestro Nelson Ferreira na *Evocação n.º 5*:

Vou danado pra Catende...
 Vou danado pra Catende...
 Vou danado pra Catende
 Com vontade de chegar.
 Lá vem o trem dia e noite a apitar

Vou danado pra Catende...
 Vou danado pra Catende...
 Vou danado pra Catende
 Com vontade de chegar.
 É o trem da saudade
 Sem vontade de parar

Trem da saudade
 Faz uma parada aqui nessa estação.
 Porque entre os passageiros
 Vem um que é tão querido
 O tal do chapelão.

Seu nome sabemos,
 É Ascenso Ferreira,
 Grande, grande como um trem.
 Vamos viajar com ele,
 Cantando em ascensão
 O melhor que a vida tem.

‘Hora de comer - comer
 Hora de dormir - dormir
 Hora de vadiar - vadiar
 Hora de trabalhar? -
 Pernas pro ar que ninguém é de ferro!’ (FERREIRA, N., 1973, faixa 7).

Ao Recife e suas ruas, espaços de expressão do carnaval e de personagens tipicamente locais, dedicou parte substancial da sua produção literária, permeada pelo tradicionalismo regionalista. Com inovadora linguagem poética, buscava na cultura popular os elementos estruturadores de uma nova identidade brasileira, original e livre de influências europeias, no que coincidia com o espírito reformador do Estado Novo; qual seja, apropriar e resguardar as manifestações populares, particularmente o carnaval, como ingrediente basilar da identidade nacional. No poema *Noturno*, Ascenso descreve um Recife que se moderniza e o inquieta na recordação de um passado que ficou, mas que subsiste de forma idealizada em sua memória, e nesse período emoldura sua escrita:

Sozinho, de noite, nas ruas desertas do velho Recife
 que atrás do arruado moderno ficou...
 criança de novo eu sinto que sou:
 Que diabo tu vieste fazer aqui, Ascenso?
 O rio soturno tremendo de frio,
 com os dentes batendo nas pedras do cais,
 tomado de susto sem poder falar...
 o rio tem coisas para me contar:

Corre, senão o Pai-do-Poço te pega, condenado!

Das casas fechadas e mal-assombradas
 com as caras tismadas que o incêndio queimou...
 pelas janelas esburacadas eu sinto, tremendo,
 que um olho de fogo medonho me olhou:

Olha que o Papa-Figo te agarra, desgraçado!

Dos brutos guindastes de vultos enormes
 ainda maiores nessa escuridão...
 os braços de ferro pesados e longos
 parece quererem suster-me do chão!

Ai! Eu tenho medo dos guindastes
 por causa daquele bicão!

Sozinho, de noite, nas ruas desertas do velho Recife
que atrás do arruado moderno ficou
criança de novo eu sinto que sou:

Larga de ser vagabundo, Ascenso! (FERREIRA, A., 2008, p. 111-112).

Mais especificamente sobre o carnaval, segundo sua visão negativa da presença de figuras estrangeiras na cultura popular, a melhor descrição está no poema *O carnaval do Recife*, contido no livro *Catimbó*:

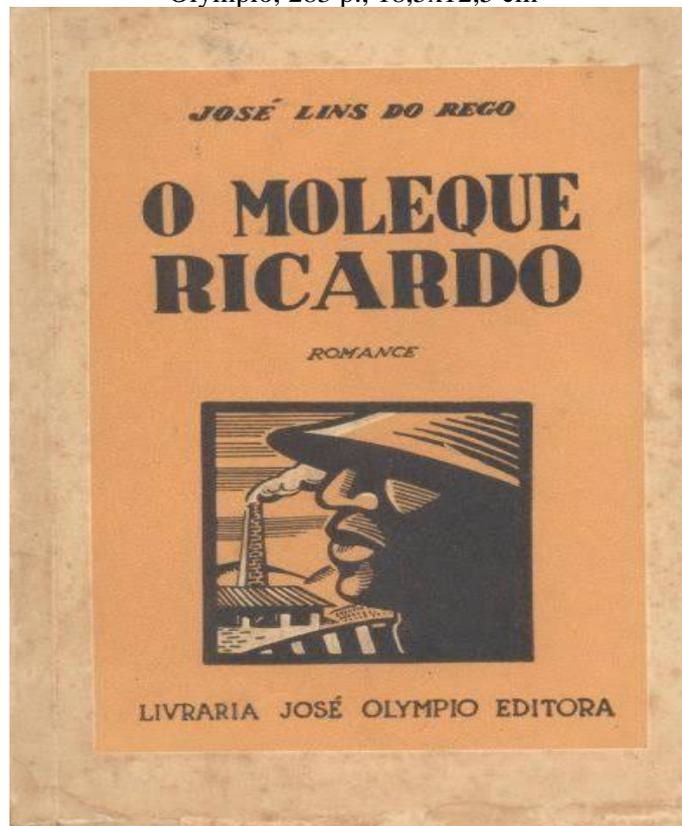
Meteram a peixeira no bucho de colombina
que a pobre coitada a canela esticou!
deram um rabo-de-arraia em arlequim,
um clister de sebo quente em pierrô
e somente ficaram os máscaras da terra
parafusos, mateus e papangus
e as bestas feras impertinentes,
os cabeções e as burras calus
realizando contentes o carnaval do Recife,
o carnaval mulato do Recife
o carnaval melhor do mundo!
Mulata danada lá vem Quitandeira
lá vem Quitandeira que tá de mata
- olha o passo do siricongado!
- olha o passo da siriema!
- olha o passo do jaburu!
- e a Nação de Cambinda Velha!
- e a Nação de Cambinda Nova!
- e a Nação de Leão Coroado!
- Danou-se, mulata, que o queima é danado!
- Eu quero virá arcanfô!
Que imensa poesia nos blocos cantando:
'todo mundo emprega grande catatau,
prá ver se me pega o teu olho mau!'
Viva o Bloco das Flores! – Os Batutas! Apois Fum
(Como é brasileira a verve desse nome: Apois Fum!)
E o clube do Pão Duro! (É mesmo duro de roer o pão do pobre!)
- Lá vem o homem dos três cabaços na vara!
'Quem tirar a polícia prende!'
Eh, garajuba!
Carnavá, meu carnavá,
tua alegria me consome...
Chegô o tempo das muié largá os home!
chegô o tempo das muié largá os home!
Chegou lá nada...
Chegou foi o tempo delas pegarem os homens,
porque chegou o carnaval do Recife,
o carnaval mulato do Recife,
o carnaval melhor do mundo!
Pega o pirão, esmorecido! (FERREIRA, A., 2008, p. 50-52).

Desse poema se depreende que o carnaval do Recife é genuinamente brasileiro, híbrido no mulatismo do povo, homogêneo como fruto da mistura racial “democratizante”, que compõe a narrativa do conagraçamento e do nivelamento sociocarnavalesco como negação da luta de classes. Os blocos, cuja origem está associada às famílias da classe média recifense, como expressão diferenciadora da estratificação da sociedade estruturada em classes, aparecem como se fossem populares, contribuindo, assim, para a construção da identidade nacional-regional.

2.2 José Lins do Rego contempla o carnaval do Recife

Capa de autoria do artista plástico paraibano Tomás Santa Rosa, que marcou época na literatura brasileira, como capista da editora José Olympio, dentre outras. A capa capta o sentido da obra enquanto romance proletário e traz como novidade o estilo de desenho que se assemelha as produções gráficas soviéticas. Há o aspecto da duplicidade na imagem. O capacete do operário também pode ser o chapéu de palha do camponês, assim como a imagem do fundo pode ser a de uma fábrica ou de um engenho.

Figura 2 – Capa da 1.^a edição do livro *O moleque Ricardo* 1935, Ed. José Olympio, 283 p., 18,5x12,5 cm



Fonte: Arquivo do autor.

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no dia 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, cidade de Pilar na Paraíba. Filho do proprietário rural João do Rego Cavalcanti e Amélia Lins Cavalcanti. Após iniciar o primário, cursado em colégios de Itabaiana e Parahyba capital, transferiu-se para o Recife, onde completou os primeiros estudos no Colégio Carneiro Leão e no Colégio Osvaldo Cruz. Em 1920, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, e em 1922, fundou o semanário Dom Casmurro, onde publicou seus primeiros trabalhos literários. Casou-se com Filomena Massa em 1924, com quem teve três filhas. Em 1925, assumiu o cargo de promotor público em Manhuçu, Minas Gerais. Desistiu da carreira de magistrado, mudou-se para Maceió, onde passou a exercer a função de fiscal de banco. Em 1935, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde incrementou sua profícua carreira literária, colaborou com diversos periódicos e ocupou o posto de Secretário Geral da Confederação Brasileira de Desportos. Faleceu em 12 de setembro de 1957, aos 56 anos, no Rio de Janeiro.

Em sua época de estudante, a cidade do Recife era o centro intelectual e político da região Nordeste. Como espaço de reflexão, a Faculdade de Direito recepcionava o debate político e literário, que envolvia os círculos intelectuais organizados na instituição, ainda marcado pelos vestígios das ideias oriundas do movimento chamado Escola do Recife.⁹ Formou-se em 1923, integrou o movimento regionalista, também influenciado por Gilberto Freyre, produzindo uma vasta obra constituída de doze romances e um livro de memórias, na qual retrata sua vivência e visão de mundo, baseada nos valores patriarcais, refletidos no modo de vida dos engenhos nordestinos. Dos doze romances, nove são ambientados no Nordeste: *Menino de engenho*, 1932; *Doidinho*, 1933; *Bangüê*, 1934; *O moleque Ricardo*, 1935; *Usina*, 1936; *Pureza*, 1937; *Pedra bonita*, 1938; *Fogo morto*, 1943; *Cangaceiros*, 1953. Apenas três são localizados fora do Nordeste: *Riacho doce*, 1939; *Água-mãe*, 1941 e *Eurídice*, 1947. O livro de memórias, *Meus verdes anos*, foi publicado em 1956, um ano antes de seu falecimento.

Riacho doce inicia-se na Suécia e acompanha a história de um casal que vem para o Brasil e aporta em uma vila de pescadores de Maceió, onde a parte central da trama se desenvolve (REGO, 1939/2011). Enquanto o marido trabalhava na exploração de petróleo em Alagoas, a sueca Edna, dona do seu tempo, envolvida pelo clima e pela paisagem tropical, vive um relacionamento paralelo com o nativo Nô. A apropriação pela elite dos lucros auferidos com a extração do petróleo acentua as desigualdades sociais e submete o povo do lugar ao drama humano de miséria extrema.

⁹ A Escola do Recife foi um movimento iniciado em 1870, de caráter sociológico e cultural, que se efetuou nas dependências da Faculdade de Direito do Recife. Perdurou até as duas primeiras décadas do século XX e se caracterizava pela pluralidade das ideias, com destaque para o evolucionismo do filósofo inglês Herbert Spencer.

Em *Água-mãe* (REGO, 1957/2004), a trama se situa em Cabo Frio, Região dos Lagos no Rio de Janeiro, e se desenvolve em torno da Casa Azul, um local em ruínas, restaurado pela abastada família Mafra e marcado por tragédias de toda ordem. Nesse romance aparece o tema futebol, mediante a ascensão e o declínio do jogador Joca, que, do modesto Tamoios de Cabo Frio, fora jogar no Fluminense pelas mãos do doutor Lourival Mafra. O futebol era uma das paixões do autor, frequentador assíduo do Maracanã, torcedor e dirigente do Flamengo. Também aparece o tema sobre o amor entre duas mulheres, um tipo de relação profundamente condenado, encarnado nas personagens Helena e Lúcia, que esbofeteava a hipocrisia reinante na sociedade carioca de meados do século passado.

Eurídice (REGO, 1947/1956) fecha a trilogia de romances situados fora do Nordeste. Também ambientado no Rio de Janeiro, a narrativa desenrola-se em torno do personagem Júlio, filho temporão; na infância, rejeitado pela mãe, Dona Leocádia, e amparado pela irmã Isadora, o que lhe dá algum conforto afetivo. Com o afastamento da irmã, em decorrência de seu casamento, o sentimento de rejeição se restabelece. Ao ingressar na Faculdade de Direito, por força das circunstâncias, vai morar em uma pensão, onde conhece Eurídice, por quem alimenta uma paixão não correspondida, o que o faz se sentir mais rejeitado.

Com essa trilogia, o autor demonstra versatilidade, expande seu universo literário no tocante à criação de personagens de outra linhagem, mesmo se mantendo fiel a uma visão de mundo assentada sobre valores do passado patriarcal, expressa na relação senhor *versus* escravo, ao abordar situações existenciais em contextos distintos, que fogem das características inaugurais do lócus prevalecente em sua vasta obra. Nessa época, José Lins do Rego era filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), que se formou em 1945 após a deposição de Getúlio Vargas e do fim do Estado Novo, congregando em suas hostes, além de socialistas moderados, sociais liberais oriundos da União Democrática Nacional (UDN).

Esse vínculo partidário motivou a proibição de sua entrada nos Estados Unidos em 1952, quando pretendia visitar uma filha, casada com um diplomata brasileiro. Certamente, como consequência dos ecos da guerra fria, que reverberavam no Brasil, em face da nova ordem geopolítica mundial e do alinhamento brasileiro, ao lado dos Estados Unidos, em contraposição à União Soviética. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi posto na ilegalidade, e a perseguição política à esquerda e aos intelectuais divergentes acentuou-se. Esse episódio, a filiação ao PSB e o contexto político vigente, não modificou substantivamente a visão social de José Lins do Rego, firmada nos valores patriarcais da burguesia agrária. Ele marcou posição publicamente prometendo e cumprindo: nunca pisar no solo norte-americano.

Dentre os romances que têm como cenário o Nordeste e estão associados ao ciclo da cana-de-açúcar, em *O moleque Ricardo*, José Lins do Rego (1935/1984) utiliza o carnaval como um dos elementos do enredo. É um romance urbano, narrado na terceira pessoa, o mais político da sua produção literária, contextualizado no Recife, cuja história exprime as agruras humanas de quem luta pela sobrevivência e enxerga – mesmo com desconfiança – na organização dos trabalhadores, por intermédio do sindicato, a possibilidade de garantir direitos e melhorar as condições de vida. Concomitantemente, o autor apresenta o carnaval como um momento lúdico, que transcende a realidade e, ao mesmo tempo, de afirmação sociocultural diante da sociedade.

A dura vida laboral do personagem Ricardo, que simboliza o negro libertado da escravidão, porém ainda submetido a toda sorte de espoliação, inicia-se no Engenho Santa Rosa, na Paraíba, de onde foge para o Recife à procura de trabalho assalariado e de condições de sobrevivência mais dignas para ser alguém. Na cidade grande em processo de modernização, depara com uma realidade bem diferente, que contrasta com a forma de se viver no meio rural. Os hábitos e costumes como expressão de comportamento são perpassados pela velocidade do tempo, pela ganância do capital, pela esperteza dos empregadores em tirar vantagem, pela concentração de poder nas mãos masculinas dos coronéis e pelos vícios de toda natureza.

As contradições de classe são mais evidentes, contudo, em termos de formação, o proletariado configura-se como uma massa alienada, desprovida de consciência, manipulada conforme os interesses da elite pelos seus prepostos; portanto, diluída na condição de classe em si, sem identidade e sem perspectiva de agir como agente histórico de mudança. Nessas circunstâncias surgem o líder sindical Clodoaldo, despreparado e ineficiente, e o advogado e professor Doutor Pestana, que tem pretensões eleitorais e procura capitalizar o movimento dos trabalhadores em benefício de seus propósitos.

O Doutor Pestana se dirigia aos trabalhadores: Quero vê-los num só bloco para que a redenção do operariado seja realidade um dia. A marcha dos acontecimentos acelera a vitória. A Rússia de hoje é governada por operários de mãos calosas. A Alemanha entrega ao partido dos operários o seu governo. A burguesia chega ao fim. Operários, eu quero contar com o apoio de todos vós, com a solidariedade de todos, porque quero lutar contra os inimigos dos trabalhadores, apoiado na vossa coesão. Precisamos demonstrar que o operariado pernambucano está aparelhado para a luta, para vencer a todo custo e conquistar as suas reivindicações. (REGO, 2006, p. 510).

O sindicato a que Ricardo se filia é apresentado como um organismo fraco e incapaz de assegurar os direitos dos seus representados. Sub-repticiamente, o autor reforça o discurso

restaurador do modo de vida aristocrático-rural em contraposição à modernização do modo de viver o Recife.

No romance, o carnaval surge como instrumento de domesticação das massas e apaziguamento das elites em face das disputas em torno da modernização da cidade e a restauração do poder tradicional de cunho rural. O carnaval é usado para encobrir as dissensões entre parcelas do bloco dominante e mascarar a luta de classes, escondendo diferenças e instituindo uma falsa harmonia entre as classes sociais. As agremiações carnavalescas são percebidas como espaços que possibilitam a representação pública das diversas camadas da sociedade. Momento único para o Bloco Paz e Amor— constituído pela plebe que habita os mocambos da Rua do Cisco, fincada no mangue de caranguejos e urubus, no bairro da Encruzilhada— ocupar temporariamente um lugar social de destaque, receber o reconhecimento da elite, esquecer a miséria cotidiana e viver a ilusão carnavalesca da igualdade.

O povo da rua miserável cantava de noite. Perto da lama cantavam e dançavam. O carnaval vinha aí. Todo ano, daquela rua saía o Paz e Amor com os seus homens e as suas mulheres numa alegria de doidos, saltando como bichos criados na fartura. Dois meses antes já anunciavam a música que exibiriam na cidade. O Paz e Amor, esquecia os urubus, a catanga do curtume, os filhos magros, para cair no passo. O carnaval era para aquela gente uma libertação. Podiam passar fome, podiam aguentar o diabo da vida, mas no carnaval se espedaçavam de brincar. Com candeeiro na frente, bandeira solta ao vento, saíam para fora dos seus mocambos fedorentos para sacudir o corpo na vadiação mais animal deste mundo. Mulheres magras andando de Olinda a Recife ao compasso do ritmo de suas danças. Ali na Rua do Cisco, a miséria não abria exceção para um só. Todos eram da mesma espécie de deserdados. Todos se socorriam dos caranguejos como o pão de cada dia, mas em janeiro, já se reuniam para ensaiar os seus cantos e os mexidos carnavalescos. (REGO, 2006, p. 531-532).

O papel do carnaval seria permitir o esquecimento passageiro da realidade miserável a que as massas estão submetidas, um desligamento momentâneo da vida árdua da população pobre e sem perspectiva de mudança.

Não havia branco e não havia preto quando a música de um clube passava assanhando tudo. As moças de dentro dos automóveis, os que iam a pé, os homens importantes e os iguais a ele, todos como se fossem de uma mesma casa. Todos se conheciam. A música era de todos. Gente cantando, gente de gravata e de pés no chão. Os maracatus roncando e o cheiro das negras suadas, dos lança-perfumes. Os cafés cheios de bêbados engraçados, de sujeitos querendo brigar com todo mundo. As brigas, os pontapés, porque um atrevido pegara nos peitos de uma moça acompanhada. O povo ficava outro, inteiramente outro. (REGO, 2006, p. 578).

Desse modo a celebração da festança carnavalesca promovia o encontro harmônico das classes sociais, sem preconceito de nenhuma espécie, em que a alegria espontânea imperava como expressão de igualdade e comunhão enganosa e falsa.

2.3 O saudosismo carnavalesco de Manuel Bandeira

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu no Recife, em 19 abril de 1886, na Rua Ventura, atualmente Joaquim Nabuco, no bairro do Derby. Filho do engenheiro Manuel Carneiro de Souza Bandeira e Francelina Ribeiro, ilustre senhora descendente de importante família patriarcal pernambucana. Em 1896, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, acompanhando a família, onde, em 1902, no Colégio Pedro II, concluiu o ensino secundário.

Por influência do pai, engenheiro, iniciou os estudos em Arquitetura. Não concluiu o curso por ter contraído tuberculose, cuidada na Suíça e retratada no desesperançoso e irônico poema *Pneumotórax*, constante do livro *Libertinagem*, lançado em 1930 (BANDEIRA, 2013). Foi poeta, tradutor, prosador, professor e crítico literário. Convidado por Mário de Andrade, colaborou com a revista modernista Klaxon. Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1968, no Rio de Janeiro, aos 82 anos de idade.

Autor de uma grande obra, constituída por dez livros de poesia: *A cinza das horas*, 1917; *Carnaval*, 1919; *O ritmo dissoluto*, 1924; *Libertinagem*, 1930; *Estrela da manhã*, 1936; *Lira dos cinquent'anos*, 1940; *Belo belo*, 1948; *Mafuá do malungo*, 1948; *Opus 10*, 1952; *Estrela da tarde*, 1960; e outros tantos de prosa, ensaios literários e crítica de arte. Também foi crítico musical, tocava piano e violão; foi letrista da música erudita e da música popular brasileira em algumas ocasiões, sob o pseudônimo de Manduca Piá. Na música erudita, fez parceria com o maestro Heitor Villa-Lobos em 15 composições.

Durante o período do Estado Novo, que buscava vertebrar uma nova identidade nacional, afastando-se das influências estrangeiras, compuseram várias canções alusivas a datas festivas como Natal e aniversário. Feliz Natal, feliz aniversário e boas festas substituiriam *Happy birthday to you* e *Stille Nacht*. Esse grupo de composições foi denominado de canções de cordialidade. Com o maestro Francisco Mignone, outro erudito, fez parceria em 14 composições. Em ambos os casos, teve poemas musicados, assim como escreveu letras para melodias já existentes. Após sua morte, teve como parceiros na música popular brasileira Tom Jobim, que musicou o poema *Trem de ferro*; Milton Nascimento, que pôs música no poema *Testamento*; Gilberto Gil, que musicou o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*; e Dorival Caymmi, que pôs música no poema *Balada do rei das sereias*.

A cantora Olívia Hime gravou o disco *Olívia estrela da vida inteira Manuel Bandeira Hime* em 1986, cujas composições têm letra de Manuel Bandeira. Como pernambucano ilustre, também foi agraciado pelo maestro Nelson Ferreira com a *Evocação n.º 6*:

‘Menina, dá-me uma rosa
Roseira, dá-me um botão...’

Quem guardou o Recife na infância,
Num poema de amor e devoção,
Apesar da ausência e da distância,
Merece esta evocação.

O Recife que você amou
Sem história, nem literatura,
Brasileiro, como a casa do seu avô,
Ainda vive de poesia e de ternura...

O Recife da emoção primeira,
Do primeiro verso
Bem no coração!
É seu Recife Manuel Bandeira,
Das Ruas da Saudade e da União. (FERREIRA, N., 1973, faixa 8).

Foi na poesia, no entanto, que Manuel Bandeira mais se notabilizou. Inicialmente, como poeta parnasiano-simbolista, com o livro *A cinza das horas*, onde ainda se verifica a preponderância dessa escola literária, e depois como modernista; aliás muito festejado pela autoria do poema *Os sapos*, declamado na Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, da qual não participou diretamente. Esse poema compõe o conjunto de trinta poemas que constituem o livro *Carnaval* (BANDEIRA, 1919).

Ao se afastar gradativamente da estética parnasiano-simbolista, de linguagem empolada e sombria, Bandeira passou a valorizar a cultura popular, com um falar menos rebuscado e coloquial, incorporando dizeres do cotidiano. Em simetria com a Semana de Arte Moderna, as festas de rua, os bares e cafés, os locais de boemia, passaram a ser matéria-prima para o labor intelectual de pintores, músicos, poetas e escritores.

O carnaval é uma temática frequente na poesia de Manuel Bandeira por ser um tipo de manifestação que mobiliza sonhos e desejos, que admite liberalidades comportamentais e pretensões utópicas; tolera a verdade contida no riso escrachado como arma da crítica, aceita a subversão da hierarquia social temporariamente, no espaço carnavalesco delimitado, para a convivência pacífica entre as classes sociais. A esse respeito, o poema *Bacanal* é deveras ilustrativo:

Quero beber! Cantar asneiras
 No esto brutal das bebedeiras
 Que tudo emborca e faz em caco...
 Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada
 No torvelim da mascarada,
 A gargalhar em doudo assomo...
 Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores,
 As serpentinas dos amores,
 Cobras de lívidos venenos...
 Evoé Vênus!

Se perguntarem: Que mais queres,
 além de versos e mulheres?
 – Vinhos!... o vinho que é o meu fraco!...
 Evoé Baco!

O alfange rútilo da lua,
 Por degolar a nuca nua
 Que me alucina e que não domo!...
 Evoé Momo!

A Lira etérea, a grande Lira!...
 Por que eu extático desfira
 Em seu louvor versos obscenos,
 Evoé Vênus! (BANDEIRA, 1977a, p. 157-158).

Os escritos de Manuel Bandeira sobre o carnaval lastreiam-se principalmente na sua visão pessoal, de observador atento da folia momesca, no realce que dá a liberação dos comportamentos libidinosos, projetados nas divindades pagãs da mitologia clássica, ressignificadas e adaptadas à realidade cultural brasileira. Baco, o deus do vinho e das bebedeiras selvagens; Momo, o deus da galhofa e da zombaria, que, no carnaval brasileiro, é o rei da alegria e da libertinagem; e Vênus, a deusa do amor erótico e carnal, de múltiplas formas, que se contrapõe ao amor espiritual cristão e ao romantismo sentimentalista das paixões voluptuosas. É assim que Bandeira exprime seu carnaval no poema *Não sei dançar*:

[...] Uns tomam éter, outros cocaína.
 Eu tomo alegria!
 Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.
 Mistura muito excelente de chás...
 Esta foi açafata...
 – Não, foi arrumadeira,
 E está dançando com o ex-prefeito municipal:
 Tão Brasil!

De fato este salão de sangues misturados parece o Brasil...
 Há até a fração incipiente amarela
 Na figura de um japonês.
 O japonês também dança maxixe: Acugêlê Banzai!
 A filha do usineiro de Campos
 Olha com repugnância
 Para a crioula imoral.
 No entanto o que faz a indecência da outra
 É dengue nos olhos maravilhosos da moça.
 E aquele cair de ombros...
 Mas ela não sabe...Tão Brasil!

Ninguém se lembra de política...
 Nem dos oito mil quilômetros de costa...
 O algodão do Seridó é o melhor do mundo? ... que me importa?
 Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
 A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
 Eu tomo alegria! (BANDEIRA, 1977b, p. 203).

Segundo Manuel Bandeira, o carnaval é a festa do rompimento, que consente a quebra de hierarquia, a superação dos preconceitos estabelecidos e o relacionamento amistoso entre a elite e as classes subalternas. Constata as diferenças e as desigualdades sociais, mas não reconhece a luta de classes como elemento estruturador das relações sociais capitalistas. Após a Quarta-Feira de Cinzas, o sonho do conagraçamento sem barreiras e a igualdade social desejada se desmancham. A velha ordem e os papéis sociais são restabelecidos. No *Poema de uma Quarta-Feira de Cinzas*, o autor rasga a fantasia e desfaz o universo mágico do carnaval.

Entre a turba grosseira e fútil
 Um Pierrot doloroso passa.
 Veste-o uma túnica inconsútil
 feita de sonho e de desgraça...

O seu delírio manso agrupa
 atrás dele os maus e os basbaques.
 Este o indigita, este outro apupa...
 indiferente a tais ataques,

Nublada a vista em pranto inútil,
 Dolorosamente ele passa.
 veste-o uma túnica inconsútil,
 Feita de sonho e de desgraça... (BANDEIRA, 1977c, p. 178).

2.4 Mário Sette e o carnaval do passado

Mário Rodrigues Sette nasceu em Recife no dia 19 de abril de 1886. Filho de Antonio da Câmara Rodrigues Sette Junior e Emília Andrade Luna. Viveu sua infância entre a cidade de Santos e o Rio de Janeiro, retornando ao Recife em 1901, com 15 anos de idade. Trabalhou na Alfândega, na Great Western, nas Lojas Paulista e nos Correios. Faleceu em 25 de março de 1950 aos 64 anos. Escreveu vinte e três livros, cinco traduções de autores franceses e ingleses e vários artigos veiculados em jornais e revistas locais e nacionais. Foi romancista, professor, historiador, jornalista e funcionário público dos Correios e Telégrafos. Dentre seus escritos, merecem distinção os romances. *Senhora de engenho*, 1921, foi adaptado como peça teatral, encenada em 1940 pelo grupo de teatro do Sindicato dos Bancários, com trilha sonora composta por Capiba, em que se destaca a música *Maria Betânia*, alusiva à personagem central da história, que foi gravada por grandes astros da música popular brasileira; *O palanquim dourado*, romance histórico, 1921; *Os Azevedos do Poço*, 1938; *Anquinhas e Bernardas*, 1940; o livro de crônicas, *Maxambombas e maracatus*, 1935, onde, de maneira breve, aparecem menções ao carnaval e o próprio Mário Sette registra a fundação do Clube Carnavalesco Nove e Meia do Arraial, por um grupo de moços da classe média, usuários do bonde das 9 e 25 da noite, do qual fora um dos signatários; *Terra pernambucana*, 1925, e *Arruar: história pitoresca do Recife Antigo*, 1948, ambos livros de História.

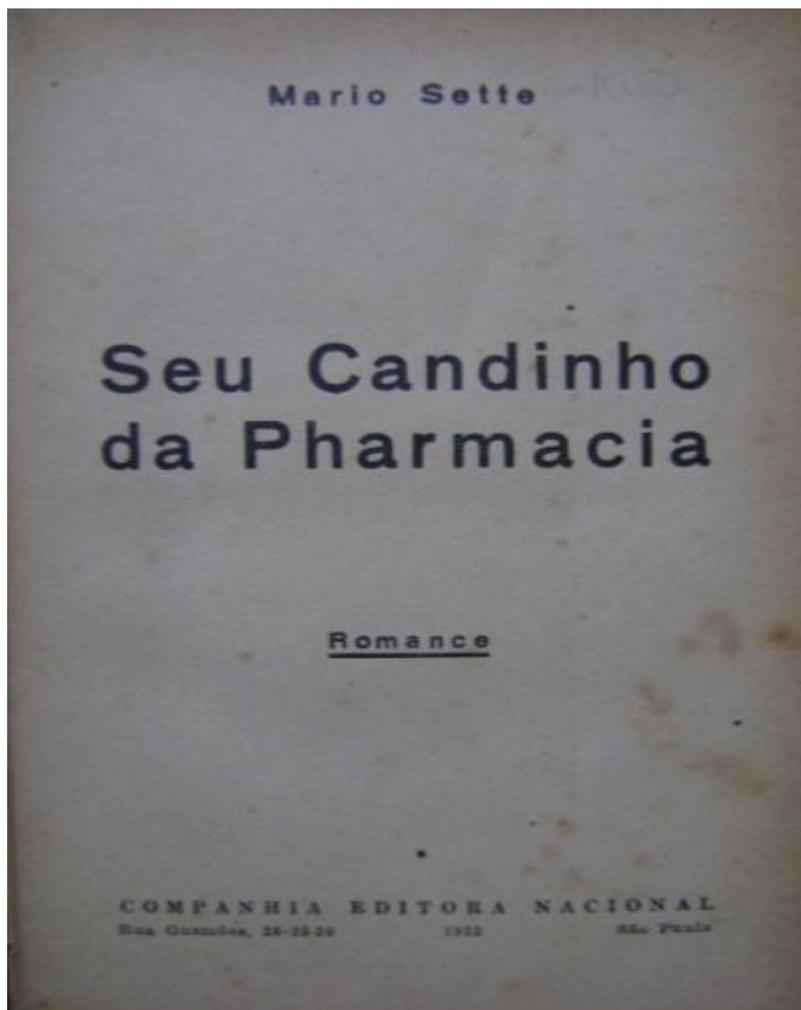
Homem de fé, católico conservador, devoto de Nossa Senhora do Carmo e profundamente ligado às tradições da cultura regionalista pernambucana. Nos seus 64 anos de vida, presenciou as grandes transformações que a modernidade portadora do progresso trouxe e determinou a reorganização da sociedade sobre novos pilares. A velha sociedade agrária e patriarcal, da casa-grande e da senzala, desapareceria, confinada no passado decadente dos coronéis do mundo rural. Saudosista, Mário Sette exaltava o passado e condenava as transformações urbanísticas que modernizaram o Recife, as avenidas largas, os automóveis circulando, a luz elétrica iluminando as ruas, os sobrados imponentes e os mocambos que se amontoavam nos mangues e alagados, habitados pelos desterrados do campo, vivendo em condições sub-humanas.

O dia 6 de março de 1913, no Recife, foi de penetrante emoção. Não porque evocasse os heróis de 1817, aquele dia já distante de quase um século em que explodira o movimento nacionalista mais expressivo entre os que ensaiaram a nossa independência de povo. O motivo dessa emoção, em 1913, era de outra natureza. O bairro do Recife reformava-se. Prolongamento das obras do porto;

rasgar-se-iam duas belas avenidas, e iria ser sacrificada a matriz do Corpo Santo. Pouco importava fosse o templo vistoso de agora a antiga ermida de São Telmo dos pescadores do século XVI. O urbanismo não vacilava ante esses sentimentalismos históricos. Era preciso derrubar, derrubar-se-ia [...]. Muito tem mudado os tempos e os costumes. A volúpia de acabar com as tradições destruiu na paisagem da cidade um templo que era o marco fundamental do seu espírito religioso: a Matriz do Corpo Santo. Erguera-se onde houvera no século XVI a ermida de São Telmo, devoção dos pescadores que iniciaram o povo do Recife. (SETTE, 1978, p. 232-234).

Esse processo de modernização também atingia as manifestações culturais populares. Em particular, o carnaval, tão representativo na vida do povo pernambucano. Em *Seu Candinho da farmácia* (Figura 5), romance publicado em 1933, ambientado no bairro de São José, reduto do frevo e da folia, Mário Sette descreve o carnaval do Recife, que tanto apreciava, por meio de sua visão de mundo, conservadora e tradicionalista.

Figura 4 – Capa da 1.^a edição do livro de *Seu Candinho da pharmacia* de Mário Sette, 1933



Fonte: Leilão Arte Brasileira: <http://leilaodeartebrasileira.com.br/peca.asp?ID=65615>. Acesso em 11 mar. 2020.

Capa simples na tonalidade cinza, medindo 13 x 18cm, com 294 páginas, publicado pela Companhia Editora Nacional pertencente aos sócios José Bento Renato Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira.

O carnaval serve como moldura para o início da relação amorosa entre os personagens Amparo e Anésio. O ponto de partida é o ensaio do Clube Misto Vassourinhas, consagrado como Camelo de São José, e continua no encontro dos Clubes Lenhadores e Toureiros na terça-feira gorda, Rua Nova. Formavam-se enormes cortejos de aficionados; como se fossem ondas gigantes, a multidão deslocando-se em êxtase pelas ruas e becos do bairro de São José e do centro do Recife. Homens, mulheres e até crianças se misturavam na brincadeira contagiante. O carnaval seria a festa da comunhão entre as classes.

Um povão! Um povão! Gente de não acabar mais! Gente de todas as classes. Homens e mulheres numa conjugação das mais bizarras, das mais pitorescas, das mais democráticas [...]. O industrial fraternizando com a operária; o senhor de engenho virando mel para a moradora; o diretor alisando os dedos da datilógrafa; o proprietário ranzinza com a inquilina astuciosa; o homem das prestações justando contas com a mulata em atraso; o patrão de uma casa com a copeira da outra. (SETTE, 2005, p. 61).

Não há conjugação democrática. Há uma convivência ocasional no espaço público, no qual as hierarquias são preservadas, permanecendo os conflitos de classe; porque, apesar das ações e discursos manipuladores que tentam orientar o caminhar das massas como rebanho domesticado, há resistências e disputas pelo direito de expressão e pelo direito de arruar nos espaços públicos, como forma de viver a cidade, por meio da formação de redes específicas de poder.

Segundo o historiador Raimundo Arrais:

[...] o espaço não é uma matéria inerte, um mero suporte das relações travadas entre indivíduos, mas parte constitutiva das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades. (ARRAIS, 2004, p. 11).

Embora se trate de clubes populares, constituídos por meio das corporações e associações de ofício, congregando trabalhadores, frações minoritárias da elite e do *establishment*, participam para tentar controlar e alimentar a conciliação de classe. Isso fica claro quando os setores abastados promovem seu carnaval elitizado mediante os Clubes de Alegria e Crítica, que os diferenciam e provocam a admiração do povo espectador.

O que também tá se acabando são os clubes de críticas, não é? Não sai mais nenhum. Inda o Dragões andou uns anos fazendo figura mais depois maré secou. Também com essa falta de dinheiro, minha gente! Dantes... era o Filomomos, o Trinta e Três, o Cavaleiros da época, o Nove e Meia. Cada carro, cada esquadrão, bonito mesmo! Eu não cansava de ver.

– Nem eu. Ficava que nem corrupio doido. Corria para a Rua do Livramento, para o Pátio do Terço, para a Rua de São João. Via uma porção de vezes. (SETTE, 2005, p. 73-74).

Ressalvas à parte, a contribuição de Mário Sette para a compreensão do carnaval de rua do Recife, como manifestação cultural reveladora dos hábitos, dos costumes e da índole de um povo, é importante. No romance *Seu Candinho da farmácia*, é possível enxergar a luta de classes, os preconceitos de toda natureza e a misoginia, camuflada pela construção ideológica da dissimulação.

2.5 O tradicionalismo carnavalesco de Mário Melo

Mário Carneiro do Rego Melo, nasceu no dia 5 de fevereiro de 1884, no Sítio Barbalho, na Iputinga, zona oeste do Recife. Filho do juiz de direito Manuel do Rego Melo e de Maria da Conceição Carneiro da Cunha do Rego Melo, de tradicional família pernambucana. Em função da atividade do seu genitor, cursou o primário em Campina Grande, PB, e em Paudalho, PE, e o secundário no Colégio Salesiano e no Ginásio Pernambucano no Recife. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1903, na mesma turma do poeta paraibano Augusto dos Anjos, formando-se em 1907, no mesmo ano em que se casou com Adalgisa Cruz Ribeiro, na cidade de Gravatá, com quem teve uma prole de 10 filhos.

Trabalhou nos Correios como telegrafista e foi Grão-Mestre da Loja Maçônica 6 de Março. Escreveu em diversos órgãos da imprensa local e participou da fundação da Federação Carnavalesca Pernambucana, da Associação de Imprensa de Pernambuco, e do Sindicato dos Jornalistas. Foi jornalista, historiador, professor e deputado estadual. Faleceu aos 75 anos de idade, em sua casa, à Rua Santo Elias, 292, Bairro do Espinheiro, Recife, no dia 24 de maio de 1959. Foi um ativista dedicado às causas que abraçou e teve vigorosa atividade intelectual. Ocupou postos importantes em órgãos de representação social e política, também na administração pública. Foi Secretário Perpétuo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, onde ingressou como sócio, eleito em 1909. Foi eleito em 1920 para a Academia Pernambucana de Letras, ocupando a Cadeira n.º 15. A pedido, foi transferido para a Cadeira n.º 3, cujo patrono é Frei Caneca. Atuou como Cônsul Honorário da Venezuela

no Recife e Inspetor dos Monumentos Históricos em Pernambuco em 1926. Fundador da Associação de Imprensa de Pernambuco em 1931, da Federação Carnavalesca de Pernambuco em 1935 e do Sindicato dos Jornalistas em 1947.

Era um intelectual orgânico, sem grande projeção nacional, que atuou fortemente nos aparelhos privados de hegemonia que integrou, sobretudo mediando e veiculando os projetos de classe aos quais aderiu, com a sua produção intelectual quase exclusivamente voltada para a História e outros temas locais. Buscava instituir uma identidade política e cultural própria haja vista que considerava Pernambuco um dos principais centros propulsores do republicanismo e da cultura brasileira.

A Restauração Pernambucana de 1645 a 1654, a Revolução de 1817, a Confederação do Equador de 1824 foram movimentos emancipacionistas, que exprimiram o espírito libertário do povo pernambucano e serviram de base para a construção do discurso que fomenta no imaginário popular a ideia de Pernambuco como o Leão do Norte, berço da liberdade, de onde partiu o primeiro grito em favor da fundação da República, em 10 de novembro de 1710, proferido por Bernardo Vieira de Melo na cidade de Olinda. O Hino de Pernambuco, composição de Nicolino Milano e letra de Oscar Brandão da Rocha, de 1908, é deveras ilustrativo a esse respeito:

Coração do Brasil em teu seio, corre sangue de heróis – rubro veio
Que há de sempre o valor traduzir, és a fonte da vida e da história
Desse povo coberto de glória, o primeiro talvez do porvir.

Salve! Ó terra dos altos coqueiros, de belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros, Pernambuco, imortal! Imortal!

Esses montes e vales e rios, proclamando o valor dos teus brios
Reproduzem batalhas cruéis, no presente és a guarda avançada
Sentinela indormida e sagrada, que defende da pátria os lauréis.

Salve! Ó terra dos altos coqueiros, de belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros, Pernambuco, imortal! Imortal!
Do futuro és a crença, a esperança, desse povo que altivo descansa
Como o atleta depois de lutar, no passado o teu nome era um mito
Era o sol a brilhar no infinito, era a glória na terra a brilhar!

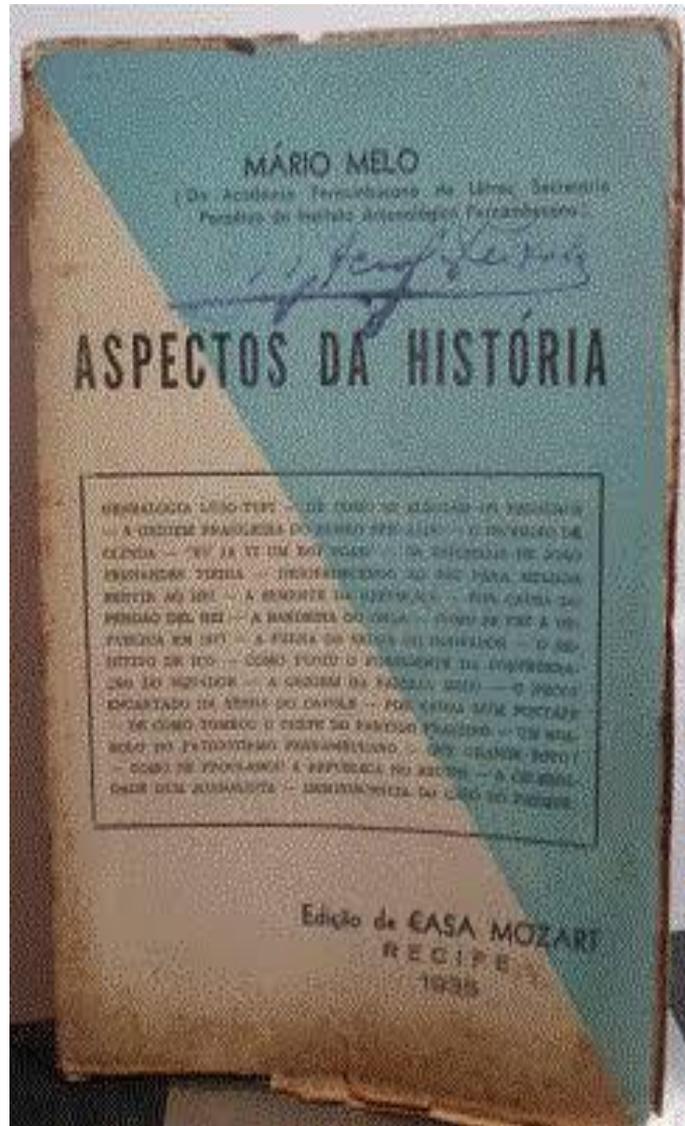
Salve! Ó terra dos altos coqueiros, de belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros, Pernambuco, Imortal! Imortal!
A república é filha de Olinda, alva estrela que fulge e não finda
De esplendor com seus raios de luz, liberdade! Um teu filho proclama!
Dos escravos o peito se inflama, ante o sol dessa terra da cruz!

Salve! Ó terra dos altos coqueiros, de belezas soberbo estendal!
Nova Roma de bravos guerreiros, Pernambuco, Imortal! Imortal!

Pernambuco, Imortal! Imortal!
 Pernambuco, Imortal! Imortal! (MILANO; ROCHA, 1908).

Os biógrafos de Mário Melo divergem quanto ao volume da sua obra, variando entre 30 e 50 o número de livros publicados, além de inúmeros artigos. Dessa vasta obra livresca, destacam-se os textos sobre História: *Dentro da História*, 1931; *Aspectos da História*, 1935 (Figura 6) e *Relances da História*, 1956.

Figura 5 – Primeira edição de *Aspectos da História* de Mário Melo, 1935



Fonte: Arquivo pessoal.

É um material concebido em uma linguagem simples e acessível ao leitor comum, fruto das pesquisas históricas realizadas pelo autor no Instituto Arqueológico, Histórico, Geográfico

de Pernambuco (IAHGP), desenvolvido na perspectiva de realçar a importância de Pernambuco na construção do republicanismo no Brasil.

Todavia, *A Guerra dos Mascates como afirmação nacionalista* de 1942 (MELO, 2012), que retrata os conflitos ocorridos entre Olinda e Recife em 1710-1711, é o livro que goza de maior prestígio entre a opinião pública e os círculos acadêmicos. Como intelectual orgânico, atuando em sintonia com as proposituras cívico-educativas do IAHGP, Mário Melo foi responsável pela organização das festividades alusivas ao centenário da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, articulando com o DP duas edições especiais nas respectivas datas.

Na sua militância política, perfilou-se ao lado do general Emídio Dantas Barreto, nas disputas pelo poder local, contra o conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva em 1911. Engajou-se na Revolução de 1930, movimento armado liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que depôs o presidente Washington Luís, impediu a posse de Júlio Prestes, presidente eleito, e deu cabo à República Velha, abrindo espaço para a ascensão política de Getúlio Vargas. Incorporou-se ao golpe getulista do Estado Novo, sendo nomeado pelo interventor Agamenon Magalhães, em 1938, para o Conselho Administrativo do Governo de Pernambuco, que substituiu a Assembleia Legislativa fechada após o golpe.

Mário Melo notabilizou-se como jornalista. Polemista afiado, desancava adversários, criticava governantes, alfinetava amigos, fazendo dos seus artigos e crônicas, uma trincheira da qual desafiava e desferia ataques a seus contendores, tendo como um dos alvos prioritários da sua verve aguda, o jornalista Aníbal Fernandes. Escreveu nos principais jornais pernambucanos. Foi no *Jornal Pequeno*¹⁰ que apareceu pela primeira vez a palavra frevo em 9 de fevereiro de 1907, em um artigo do jornalista Osvaldo Almeida, que usava os pseudônimos de Pierrot e Paulo Judeu. Nesse noticioso, Mário Melo trabalhou de 1905 a 1945, assinando a coluna *Ontem, Hoje e Amanhã*. No DP, escreveu de 1914 a 1934. Saiu do DP quando Assis Chateaubriand, de quem divergia, adquiriu o jornal.

Nesse episódio, ocorreu um fato que marcaria o início da desafeição de Mário Melo pelo jornalista Aníbal Fernandes e alimentaria, durante anos, polêmicas e renhidas disputas de opinião a respeito de temas diversos. Haviam combinado que, se o jornal fosse comprado por

¹⁰ O *Jornal Pequeno* foi fundado por Thomé Joaquim de Barros Gibson, que nasceu no Recife em 3 de junho de 1872 e faleceu na mesma cidade em 10 de julho de 1928. Inicialmente, circulou como *Pequeno Jornal*, cujo primeiro número chegou ao público em 1 de julho de 1898, impresso nas oficinas do *Jornal do Recife*. Sua tiragem foi momentaneamente interrompida em razão de uma ação de despejo. Em 24 de julho de 1889, após se fixar na Rua Duque de Caxias, inverteu o nome e passou a se chamar *Jornal Pequeno*, reiniciando a contagem – ano 1/número 1. No período do Estado Novo, era dirigido pelo jornalista Ranylson de Sá Barreto, que imprimiu uma linha editorial sintonizada com o integralismo. Circulou até o ano de 1955, quando encerrou suas atividades.

Chateaubriand, ambos se demitiriam. Mário Melo saiu e Aníbal Fernandes ficou. Desapontado com o colega da redação, que não cumpriu a palavra empenhada, brindou-o com o jocoso apelido de “Mimoso Colibri”, que irritava e provocava reações coléricas do confrade. Mário Melo, como exímio esgrimista da palavra, quase sempre suplantava seu desafeto.

Em 1934, foi contratado pelo Jornal do Commercio (JC), de propriedade de F. Pessoa de Queiroz, também seu desafeto e a quem imputava a sua demissão do Telégrafo Nacional em 1922. Segundo Rostand Paraíso, teria recebido carta branca para escrever até contra o dono do jornal.

Dissera-lhe F. Pessoa na ocasião: Escreva. Escreva até contra mim. Mas escreva. E teria dito a seus subordinados imediatos que com aquele convite atingia dois objetivos: primeiro, trazia para seus quadros um elemento do mais alto valor jornalístico, e, segundo, tendo-o dentro da casa, evitaria que ele pudesse se tornar um perigoso adversário do seu jornal. Trazia, assim, como ele teria chegado a se externar, um tigre para dentro de casa, mas um tigre da mais alta estirpe. (PARAÍSO, 1997, p. 50).

Permaneceu no JC até 1959, ano de seu falecimento, escrevendo a coluna Crônicas da Cidade. Paralelamente, também escreveu na Folha da Manhã no período 1938-1957, jornal pertencente a Agamenon Magalhães de quem Mário Melo era correligionário e amigo, para onde levou a coluna Ontem, Hoje e Amanhã e introduziu uma nova coluna, intitulada Aqui e Ali.

Em 1935, Mário Melo envolveu-se nas negociações políticas que culminaram com a fundação da Federação Carnavalesca de Pernambuco (Fecape). Folião empedernido, fazia o passo no meio do povo, acompanhando agremiações de sua predileção como Vassourinhas e Pão Duro; também frequentava os bailes elitizados dos clubes sociais do Recife. Defensor contumaz e preservacionista do carnaval do Recife, esteve na linha de frente da luta pela valorização da festa carnavalesca em seu formato mais tradicional enquanto secretário-geral da Fecape e jornalista amante da folia. Por sua trajetória em prol da cultura e do carnaval de Pernambuco, assim como Ascenso Ferreira e Manuel Bandeira, também foi homenageado pelo maestro Nelson Ferreira, na *Evocação n.º 3*.

Cadê Mário Melo?
Partiu para eternidade,
Deixando na sua cidade
Um mundo de saudade sem igual!
Foliões, a nossa reverência
A sua grande ausência
Do nosso carnaval...

De braços para o alto
 Cabelos desgrenhados,
 Frevando sem parar
 Lá vem Mário!
 Defendendo ‘Vassourinhas’,
 ‘Pão Duro’, ‘Dona Santa’,
 ‘Dragões’ e ‘Canindés’,
 Lá vem Mário!

Com ele já se abraçaram,
 Felinto, Pedro Salgado,
 Guilherme e Fenelon...
 E no palanque,
 Sem fim lá do espaço
 Lá está Mário a bater palmas
 Para o frevo e para o ‘passo’. (FERREIRA, N., 1973, faixa 5).

Por meio dos jornais em que escrevia, travava acirradas batalhas pela manutenção do genuíno carnaval recifense. Insurgia-se contra a modernização dos festejos, contra a penetração de ritmos alheios à tradição musical pernambucana, mormente as marchinhas cariocas, contra a presença das escolas de samba em nosso carnaval, contra as práticas comportamentais atentatórias à moral, como os trajés femininos sumários e os homens vestidos de mulher, libertinagem inadmissível, decorrente da influência e do modismo do carnaval do Rio de Janeiro.

Também se batia contra a liberação do escape livre, exageradamente barulhento, que atrapalhava a execução do frevo pelas orquestras, a propagação do som e a evolução das agremiações nas ruas. Criticava veementemente o Departamento de Trânsito, pela liberação concedida nos dias de folia. Por tudo isso, era alvo da ira e do deboche de quem enxergava o carnaval por uma ótica diferente da sua e presa fácil de presepadadas de toda ordem.

Em 1942, muitas canções cariocas fizeram parte da trilha sonora do carnaval recifense. Dentre elas, a marchinha *Lero-lero*, composição de Benedito Lacerda e Eratóstenes Frazão, cantada por Orlando Silva e Dalva de Oliveira, cuja letra despreziosa e alegre diz assim:

No Tirol, só se canta assim:
 Lero-leruuu! Lero-leruuu! Lero-lero!
 O nosso ‘lero-lero’ é diferente,
 O clima aqui é muito quente,
 e a gente pra desabafar,
 Canta, canta até o sol raiar.

Eu quero, quero, quero,
 Quero, quero o teu amor,
 Deixa de lero-lero,

Lero-lero, por favor,
 O riso da morena,
 Nos prende como anzol,
 O sangue da morena
 ‘Abafa o velho sol’
 (no Tirol). (LACERDA; FRAZÃO, 1941).

Mário Melo residia na Rua Santo Elias, esquina com a Rua da Hora, Espinheiro, em um velho casarão que foi demolido, onde hoje existe uma galeria que leva seu nome. Como era de costume, aproveitava a tranquilidade das noites para escrever, e, não raro, enveredava pelas madrugadas silenciosas. Em uma noite próxima ao carnaval, um grupo de estudantes irreverentes aproveitou a ocasião para provocar, em tom de blague, o velho jornalista, cantando uma paródia da música *Lero-lero*, com a seguinte letra:

No espinheiro, só se canta assim
 Mário Meluuuu, Mário Meluuu, Mário Melo
 O nosso Mário Melo é diferente
 é feio e muito intransigente
 e a gente pra desabafar
 canta, canta, até o sol raiar.
 Eu quero, quero, quero, quero, quero, com ardor
 a tua cabeleira pra fazer espanador
 o riso de Mário Melo
 nos prende como anzol
 o sangue de Mário Melo
 abafa o velho sol, do Tirol. (PARAÍSO, 1997, p. 120).

Durante a 2.^a Guerra Mundial, setores da sociedade recifense propuseram a suspensão do carnaval de rua sob o argumento de que o clima reinante, em face da brutalidade da guerra, não era propício a festas e comemorações. No entanto, os bailes nos clubes sociais frequentados pela elite seriam realizados. Aliás, em janeiro de 1938, período em que o governo brasileiro manifestava simpatia pela Alemanha e pela Itália, realizou-se um baile no Clube Internacional do Recife, que congregava a fina flor da sociedade recifense. A decoração da festa tinha como um dos enfeites a suástica, símbolo maior do nazismo (Figura 6).

Figura 6 – Baile de carnaval no Clube Internacional do Recife em 1938

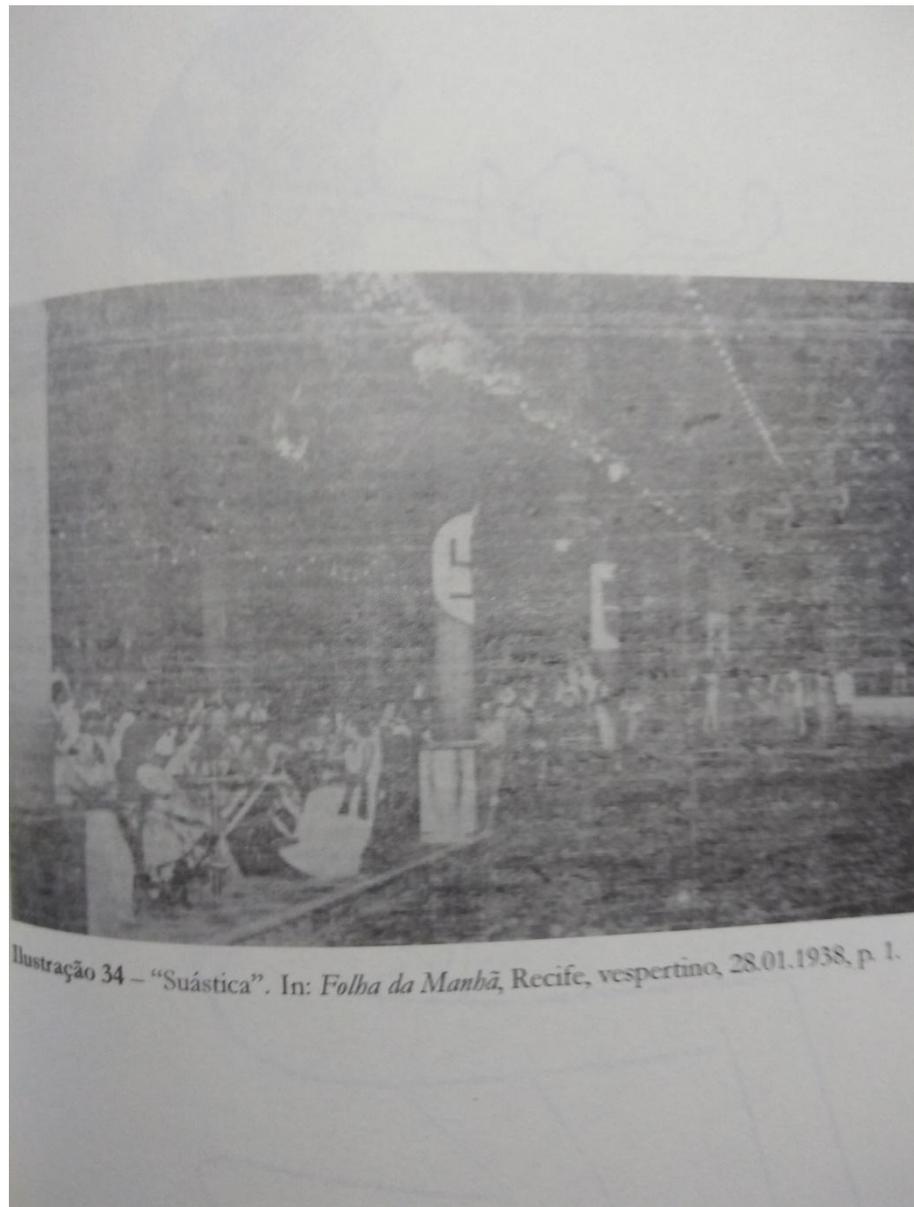


Ilustração 34 – “Suástica”. In: *Folha da Manhã*, Recife, vespertino, 28.01.1938, p. 1.

Fonte: Almeida (2001, p. 299).

Na imprensa, Mário Melo, embora fosse apoiador do Estado Novo, levantou sua voz em defesa da realização do carnaval de rua e ainda sugeriu que o povo aproveitasse a oportunidade para defenestrar nazistas e fascistas e saísse pela cidade com fantasias que ridicularizassem as figuras de Hitler e Mussolini¹¹. Não realizar o carnaval significaria impedir o desafogo popular

¹¹ Em 1944, Nelson Ferreira e Sebastião Lopes compuseram o irônico frevo canção *qué matá papai, oião?* sucesso no carnaval de 1945, no momento em que os aliados avançavam e a Alemanha dava sinais de fragilidade bélica. Diz a letra: “E foi assim, e foi assim, que prepararam a invasão de Berlim. Começou na Sicília, a história diz, entraram em Roma e depois Paris. Seu bigodinho isso é que é façanha! com mais um salto nós entramos na Alemanha, fazendo o meu passo com satisfação e tratando de acabar com a goga do alemão. Qué matá papai, oião?”

e a confraternização das classes sociais na folia de Momo. Para o historiador Antônio Paulo Rezende,

O carnaval servia para esquecer os sofrimentos e disfarçar tanta coisa preocupante. Muitos blocos saíam dos alagados, dos locais mais pobres, representando os esforços e sacrifícios de quem vivia com o dinheiro contado, comendo caranguejo, sentindo o cheiro da lama, mas se enchia de alegria para dançar e alegrar o carnaval das ruas da cidade. Quem não gostava de se juntar com o povão, ia para os salões dos clubes sociais ditos elegantes, onde a folia corria mais devagar, porém sem a rica mistura de cheiros, classes, fantasias e desejos que fervia no carnaval de rua. (REZENDE, 2016, pp. 95-96).

A fuga, embora momentânea, contribuía para amainar as agruras dos despossuídos, que lutava em condições precárias pela sobrevivência cotidianamente. Para a classe média e a elite endinheirada, era um momento de extravasamento lúdico, de divertimento acima de qualquer propósito, que servia para aliviar o espírito nos conflitos de classe do dia a dia.

O que se percebe de comum entre esses autores é a utilização do carnaval, na qualidade de manifestação popular, como instrumento de reforço de uma concepção de mundo saudosista, voltada para o passado, assentada na relação senhor-escravo. Há uma insatisfação latente quanto às transformações trazidas pela modernidade. A solidariedade desenhada nos textos é de cunho individual, dirige-se diretamente à pessoa, como uma espécie de apadrinhamento protetor, que perpetua a subalternidade do apadrinhado, que passa a ser devedor fiel de quem lhe fez a benfeitoria. As relações baseadas no individualismo rejeitam a luta de classes, funciona como um bloqueio à tomada de consciência e desarticula a possibilidade da ação coletiva. Apesar das preocupações humanistas, não há questionamentos estruturais quanto aos alicerces da sociedade patriarcal, baseada no latifúndio e na concentração do poder político nas mãos da burguesia agrária.

3 O RIO DE JANEIRO E O CARNAVAL SEGUNDO O MODELO ESTADONOVISTA: CONTEXTO E DESENVOLVIMENTO

A Revolução de 1930, movimento armado conduzido pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, decretou o fim da República Velha, que vigorou de 1889 a 1930, e impediu a posse de Júlio Prestes, candidato vitorioso pelo Partido Republicano Paulista (PRP) às eleições presidenciais de 1.º de março de 1930, em sucessão a Washington Luís, derrotando Getúlio Vargas, candidato pela Aliança Liberal. O golpe de 3 de outubro desse mesmo ano, além de impedir a posse, condenou Júlio Prestes ao exílio vivido em Portugal, período em que se dedicou à literatura.

A crise econômica que se alastrou internacionalmente em consequência da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 – que atingiu as exportações brasileiras, sobretudo o café –, o rompimento da aliança política entre paulistas e mineiros, a cognominada política café com leite,¹² o assassinato de João Pessoa, então governador da Paraíba, candidato a vice-presidente apoiado pela Aliança Liberal, na Confeitaria Glória, na Rua Nova, centro do Recife, por João Dantas,¹³ foram fatores que, associados, criaram as condições para Getúlio Vargas assumir a chefia do governo provisório instaurado em 3 de novembro de 1930, inaugurando um ciclo de poder que durou 15 anos.

Segundo o escritor Paulo Cavalcanti, em suas memórias políticas:

[...] no princípio do ano, em março, dia 1, fora o malogro das eleições para presidente e vice-presidente da República, feitas a bico de pena,¹⁴ a chapa Júlio Prestes – Vital Soares derrotando a de Getúlio Vargas – João Pessoa, num resultado que não convenceu a ninguém. Após o pleito, desencadeia-se a aberta pregação revanchista, a revolta geral contra os processos políticos vigentes. O povo queixava-se da crise econômica no país, os salários minguando com a carestia de vida. No Nordeste, então, a crise era mais alarmante, todos se maldizendo das dificuldades financeiras. (CAVALCANTI, 2008a, p. 78).

¹² As oligarquias paulista e mineira, fortemente apoiadas pelo setor agrário, foram responsáveis pela construção da política café com leite. Os produtores de café de São Paulo e os produtores de leite de Minas Gerais, desde a presidência de Campos Sales (1898-1902), contribuíram para eleger sucessivamente presidentes civis vinculados aos seus interesses em detrimento de outros estados economicamente importantes, como Pernambuco e Rio Grande do Sul à época.

¹³ João Duarte Dantas foi um advogado paraibano opositor de João Pessoa que, por motivo das perseguições políticas sofridas, da invasão do seu escritório pela polícia da Paraíba, da revelação das cartas amorosas trocadas com a professora Anaíde Beiriz, em nome da sua honra, assassinou João Pessoa em 26 de julho de 1930, na Confeitaria Glória no centro do Recife.

¹⁴ Eleições a bico de pena foi um procedimento usado durante a Primeira República, no qual o voto era aberto e as mesas eleitorais funcionavam como juntas apuradoras. Contabilizados os votos, os resultados eram lavrados em ata pelos mesários, geralmente indicados pelos poderosos do local, e para tal fim utilizavam canetas bico de pena.

Também marcou esse período o robustecimento e o aparelhamento do Estado, como instrumento de planejamento e desenvolvimento nacional com base na racionalidade técnica.

Em 9 de julho de 1932, irrompe a chamada Revolução Constitucionalista de São Paulo, liderada pela elite paulista, cujo objetivo era reconquistar a hegemonia perdida com a Revolução de 1930, sob o lema da convocação de eleições para a Constituinte e a Presidência da República, caracterizando-se como o primeiro grande enfrentamento com o governo de Getúlio Vargas. Em maio de 1933, realizaram-se as eleições para a Assembleia Constituinte, que elaborou uma nova Carta Magna, promulgada em 16 de julho de 1934, que inovou em matéria constitucional, tratando da ordem econômica e social; da família, educação e cultura; e da segurança nacional, temáticas que não constavam das constituições anteriores de 1824, ainda sob o Império, e a de 1891 no período da República Velha.

Em julho de 1934, Getúlio Vargas foi eleito indiretamente pela Assembleia Constituinte para um mandato de quatro anos como presidente. A eleição seguinte seria pela via direta. No entanto, a descrença no liberalismo em face da crise de 1929 e a crescente popularização do comunismo, sob os ventos auspiciosos da Revolução Russa de 1917, alimentavam nas camadas mais conservadoras da elite brasileira a ideia de um Estado autoritário e de um governo forte conforme se desenhava na Alemanha de Adolf Hitler e na Itália de Benito Mussolini. Vargas e o setor militar que o apoiava eram sensíveis aos apelos ditatoriais. Segundo o historiador Boris Fausto:

[...] desde os primeiros meses após a Revolução de 30, o presidente e a cúpula militar, na qual se destacavam os generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, vinham cogitando a instauração de um regime autoritário. Os tempos eram de desprestígio do sistema capitalista e da democracia liberal que pareciam ruir em face da Grande Depressão de 1929. No Brasil, após a formação de pequenos grupos de direita na década de 1920, surgiu a Ação Integralista Brasileira – AIB – em outubro de 1932, sob o comando de Plínio Salgado, jornalista e escritor, nascido no interior de São Paulo. Segundo cálculos aproximados, a AIB chegou a abranger em torno de 150 mil pessoas no auge de seu prestígio, em 1937. Seus membros incluíam sobretudo gente de classe média e das Forças Armadas, mas também muitos trabalhadores. Próxima ao fascismo, com tintas de integrismo católico, a organização se definia como nacionalista, com um conteúdo mais cultural do que econômico. Seu lema se concentrou em três palavras: Deus, Pátria e Família. O antiliberalismo e o antissemitismo eram outras características da AIB, embora o chefe nacional insistisse menos nessa posição racista do que figuras como Gustavo Barroso, um ideólogo defensor do nazismo. (FAUSTO, 2013, p. 97-98).

Em 1934, funda-se a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma articulação de massa anti-imperialista, antifascista e anti-integralista para a qual convergiram comunistas, socialistas,

operários, intelectuais, militares e diversos segmentos progressistas da sociedade, em que o Partido Comunista do Brasil (PCB) exerceu protagonismo ímpar. Na condição de frente ampla, a ANL apresentou ao país um programa abrangente, que apontava para a adoção de práticas anti-imperialistas e de promoção do bem-estar material e cultural do povo, objetivando a superação das gravíssimas desigualdades existentes. No auge da sua popularidade, a ANL chegou a ter um contingente de 1 milhão de filiados, o que estimulava avaliações demasiadamente otimistas quanto à possibilidade de instauração de um governo democrático popular. Ao mesmo tempo, despertava na elite preocupação no que diz respeito ao possível futuro exitoso desse movimento e determinava o estabelecimento de medidas acauteladoras para evitar desarranjos no bloco de poder dominante. Em função disso, em 11 de julho de 1935, a ANL foi fechada por decreto.

O PCB, por influência da Internacional Comunista e contando com a volta de Luís Carlos Prestes ao Brasil,¹⁵ prepara a deflagração do Levante Comunista. Segundo o historiador Edgard Carone:

[...] a situação precária da maioria dos elementos revolucionários, confinados à ilegalidade e a falta de maiores condições para a análise da situação fazem com que o movimento se limite restritivamente aos acontecimentos militares, com o respectivo fracasso da palavra de ordem para o levante dos sindicatos e das massas. Outro fator importante é que Prestes chega clandestinamente ao Brasil em abril de 1935, ignorando realmente a atual situação brasileira, aceitando ideias e informações otimistas, o que lhe permite avaliar os fatos de maneira exageradamente favorável. Esta situação é compartilhada também por outros elementos estrangeiros, pertencentes a Internacional Comunista e que chegam ao Brasil para ajudar e dirigir o movimento revolucionário: Harry Berger, Rodolfo Ghioldi e outros. Todos eles observam o progresso legal da Aliança Nacional Libertadora, estudam o apoio existente e concluem pela viabilidade de um movimento revolucionário. (CARONE, 1976, p. 237-238).

¹⁵ Luís Carlos Prestes, engenheiro formado pela Escola Militar do Realengo no Rio de Janeiro. Foi um dos líderes políticos de maior relevância na História do Brasil. Liderou com Miguel Costa a mais extensa marcha militar já realizada, a Coluna Prestes, de 1925 a 1927, que percorreu 25 mil quilômetros pelos rincões brasileiros. Foi presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, membro do Partido Comunista Brasileiro a partir de 1934 e líder maior do malogrado Levante Comunista de 1935. Preso e vilipendiado nos porões da ditadura estadonovista, teve a sua esposa, a comunista alemã Olga Benário, grávida, extraditada para a Alemanha de Hitler pelo governo Vargas, onde foi assassinada no campo de extermínio de Bernburg em 1942. A filha, Anita Leocádia Prestes, nasceu na prisão e foi resgatada pela avó paterna, depois de intensa campanha humanitária internacional. Anistiado, após a queda do Estado Novo, elegeu-se senador constituinte em 1945 pelo PCB e logo depois foi cassado, assim como toda a bancada comunista, em razão da colérica campanha estimulada pela Guerra Fria. Mesmo com o PCB na ilegalidade, atuou vivamente na política nacional até o advento do Golpe Civil-Militar de 1964, quando passou para a clandestinidade se exilando na União Soviética em 1971. Retornou em 1979 ao Brasil e participou, sem o protagonismo de antes, das lutas democráticas até o seu falecimento em 1990.

O Levante Comunista de 1935, embora tenha ocorrido em Natal, Recife e Rio de Janeiro, fracassou em razão da falta de percepção mais acurada da realidade, das avaliações e encaminhamentos equivocados, que sobrepuseram o desejo de fazer a realidade concreta. Foi, sem dúvida, um dos fatos históricos mais profundamente explorados, para justificar a decretação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937.

Para o historiador Edgard Carone:

O Estado Novo é o primeiro momento em que se tenta dar um sentido mítico ao Estado, personalizado não só no que se denomina Estado Nacional, ou Nação, como também em seus expoentes e chefes. Em momento nenhum o mito atinge os ápices dos regimes fascistas, mas conteúdo e forma se delineiam dentro do mesmo espírito e intenção. Ao contrário dos movimentos anteriores, a criação mítica é feita conscientemente e durante a existência do novo Estado, numa tentativa de lhe dar caráter e sentido permanente e fundamental. (CARONE, 1977, p. 166).

Surge pela vontade das elites dominantes, em aprofundar a reconfiguração da sociedade brasileira em novas bases iniciando um novo ciclo civilizatório. Um estado forte com acentuados traços corporativos, centralizador, militarista, concentrador de poder no âmbito do Executivo, principalmente na figura do presidente, lastreado na Constituição de 1937, a polaca, escrita pelo ministro da Justiça, Francisco Campos, composta de 187 artigos, boa parte deles inspirados na Carta Constitucional da Polônia, governada à época pelo ditador Józef Pilsudski e na Carta del Lavoro, editada na Itália por Benito Mussolini,¹⁶ outorgada em 10 de novembro desse mesmo ano, que, em 1943, servirá também de inspiração para a feitura da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT.

O presidente da República, imbuído de poder excepcional, fechou o Congresso Nacional constituído pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal e as Casas Legislativas em todo o Brasil; banuiu governadores e prefeitos, os quais foram substituídos por interventores nomeados pelo governo central, proscreeu os partidos políticos e os movimentos denominados cívicos, como a Ação Integralista Brasileira, em uma operação que visava eliminar a velha política tradicional e os políticos profissionais, intermediadores de interesses de frações de classe, que não se coadunavam com o modelo de Estado, que, segundo a nova ordem, era a própria nação.

¹⁶ A Carta do Trabalho, documento produzido pelo Partido Nacional Fascista, escrito pelo subsecretário de Estado das Corporações, Giuseppe Bottai, regulava as relações de produção entre os trabalhadores, o patronato e o Estado Corporativo italiano.

Segundo o escritor Lira Neto:

O peculiar Estado Novo brasileiro, inaugurado com o golpe de 10 de novembro de 1937, em vez de se amparar na influência da AIB e transformá-la no grande partido nacional monopolista – como prometera Francisco Campos a Plínio Salgado –, cuidou de eliminá-la. O decreto assinado por Getúlio que extinguiu todos os partidos políticos foi redigido com o propósito deliberado de ser extensivo aos prosélitos do Sigma. Além das agremiações partidárias com registro na justiça, ficavam da mesma forma proibidas as milícias cívicas de qualquer espécie, sendo terminantemente vetado o uso de uniformes, estandartes, distintivos e outros símbolos dessas agremiações. [...] A proibição dos partidos tinha por finalidade extirpar, em definitivo, a política tradicional da vida brasileira. Erradicar aquilo que nas palavras do próprio Getúlio era definido como ‘o ranço democrático’ – ou ‘as filigranas doutrinárias e as falsas noções de liberdades públicas’. A exemplo do ocorrido após a vitória do movimento de 1930, o discurso da morte da política ganhava contornos institucionais. Getúlio, em seus pronunciamentos, reforçava a tese de que todos os males históricos do país seriam originários das lutas eleitoreiras e da ocupação do Estado pelos políticos profissionais. O novo regime, ao banir os interesses partidários, fechar o legislativo e transformar governadores e prefeitos em simples funcionários da União, teria supostamente eliminado o mal pela origem, submetendo as resoluções da administração ao primado da razão técnica. (LIRA NETO, 2013, p. 318).

O Estado Novo criou estruturas centralizadas e cadeias de mecanismos operacionais, que confrontou o federalismo autônomo da Primeira República e permitiu a difusão e consolidação do novo projeto de sociedade, nacionalista, populista e autoritário, que tinha suporte na imprensa, nos círculos intelectuais, no sindicalismo corporativo e na Igreja. O sindicalismo corporativo funcionou como caixa de ressonância das políticas estadonovistas a partir dos processos de cooptação de parte dos líderes sindicais e das massas trabalhadoras, como tão bem ilustra a Figura 7.

Criou-se o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) pelo Decreto-Lei n.º 1.915 de 27 de dezembro de 1939, responsável pela composição e divulgação da imagem do governo centrada na figura do presidente, que, pela pregação do culto à personalidade, guindou Getúlio Vargas ao panteão da República como o “Pai dos Pobres” (Figura 8) e o “Amigo das Crianças” (Figura 9).

Pela representatividade e pela importância histórica, foi homenageado pela Mangueira em 1956, com o enredo Exaltação a Getúlio Vargas, conforme retrata o samba escrito pelo compositor Osvaldo Vitalino de Oliveira (Padeirinho).¹⁷

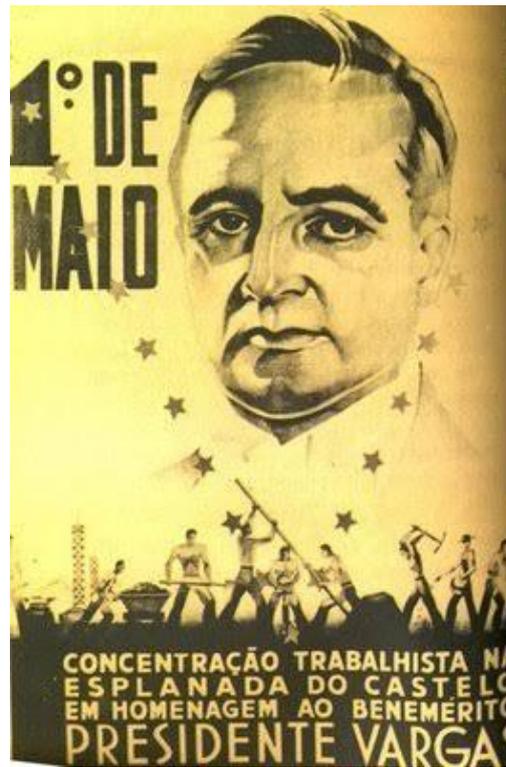
Figura 7 – Trabalhadores no Estado Novo



Fonte: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 1.º jun. 2020.
Trabalhadores homenageiam Vargas na Esplanada do Castelo, Rio de Janeiro, 1940.

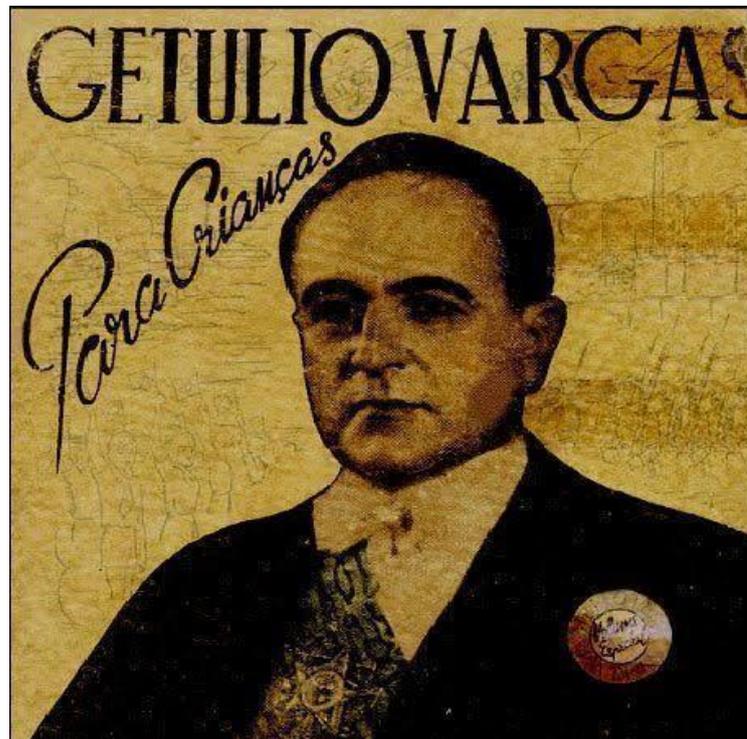
¹⁷ Osvaldo Vitalino de Oliveira – Padeirinho – recebeu esse apelido em face da profissão de padeiro exercida pelo pai, que o levava quando criança para o seu local de trabalho. O título do samba foi alterado e passou a se chamar “O Grande Presidente”. Foi o primeiro samba-enredo gravado, em 1960, pelo cantor Jamelão. Em 1993 foi regravação por Martinho da Vila.

Figura 8 – Getúlio Vargas, o pai dos pobres



Fonte: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 1.º jun. 2020.
Homenagem ao benemérito presidente Vargas no dia 1 de maio.

Figura 9 – Getúlio Vargas para crianças



Fonte: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 1.º jun. 2020.
Cartilha Getúlio Vargas para crianças, Rio de Janeiro, 1942.

O Grande Presidente

No ano de mil oitocentos e oitenta e três
 no dia dezenove de abril
 nascia Getúlio Dorneles Vargas
 que mais tarde seria o governo do nosso Brasil.
 Ele foi eleito deputado
 para defender as causas do nosso país
 e na revolução de trinta ele aqui chegava
 como substituto de Washington Luís.
 E do ano de mil novecentos e trinta pra cá
 foi ele o presidente mais popular
 sempre em contato com o povo
 construiu um Brasil novo. Trabalhando sem cessar
 como prova em Volta Redonda, cidade do aço
 existe a grande siderúrgica nacional
 tendo o seu nome elevado
 em grande espaço
 na sua evolução industrial.
 Candeias a cidade petroleira
 trabalha para o progresso fabril
 orgulho da indústria brasileira
 na história do petróleo no Brasil.
 Salve o estadista, idealista e realizador
 Getúlio Vargas o grande presidente de valor. (OLIVEIRA, 2015, p. 409).

O Departamento de Imprensa e Propaganda usou eficazmente como ferramentas de publicidade o rádio, o cinema, os jornais e outros meios de comunicação de modo a alcançar a sociedade como um todo. Cabe destacar a Revista Cultura Política, que circulou de março de 1941 até outubro de 1945. Principal publicação desse período, bem delineada e graficamente bem-feita para os padrões da época, vendida nas bancas de jornal de todo o País, para as quais convergem vários intelectuais que se alinharam ao governo Vargas e contribuíram para a formulação e difusão do ideário e do discurso estadonovista.

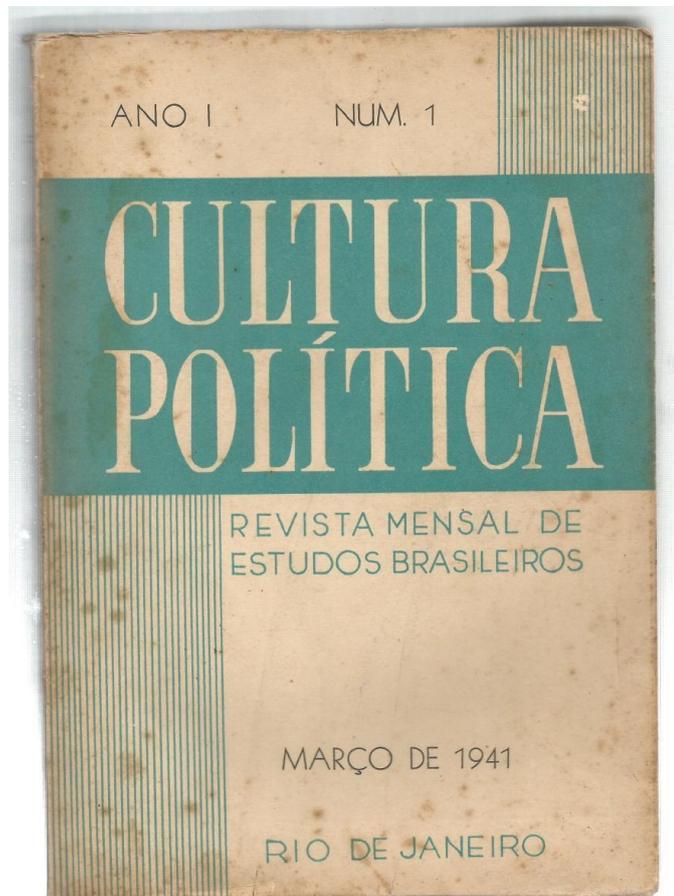
Francisco Campos, Lourival Fontes, Cassiano Ricardo e Azevedo Amaral foram colaboradores frequentes e concordantes com a linha editorial da revista, dirigida pelo advogado e também ideólogo do Estado Novo, Almir de Andrade. Outros escritores de renome, mesmo não alinhados política e ideologicamente ao regime varguista, colaboraram sistematicamente. Graciliano Ramos, por exemplo, era autor da seção Quadros e Costumes do Nordeste e também exercia a função de copidesque.

Ainda com relação ao trabalho de Graciliano Ramos em Cultura Política e ao simbolismo de sua presença no órgão oficial, sabe-se que, além de autor dos Quadros e Costumes do Nordeste, o escritor era responsável pela revisão dos

textos de outros articulistas [...] No entanto, além de cumprir tal tarefa de copidesque, o autor de *Vidas Secas* também realizava a filtragem dos artigos, que em volume cada vez maior, chegavam à publicação. (SALLA, 2016, p. 271).

Com frequência menor, pela importância intelectual da publicação, pela visibilidade e pela proximidade com o poder, Nelson Werneck Sodré, Jorge de Lima e Gilberto Freyre também publicaram artigos na *Revista Cultura Política* (Figura 10).

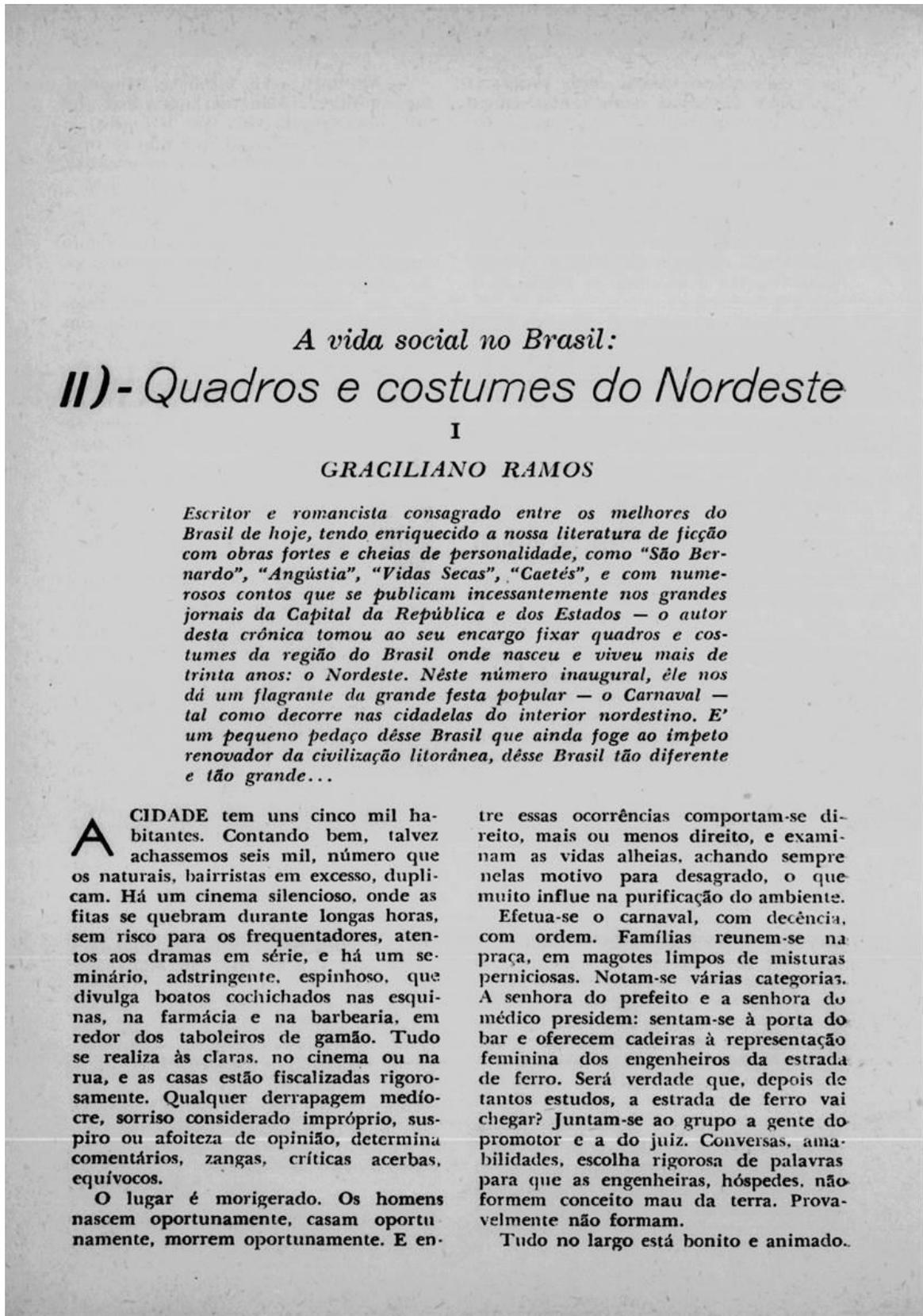
Figura 10 – Capa da Revista Cultura Política, Ano 1, n. 1, 1941



Fonte: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 1.º jun. 2020.

Na Figura 11, apresentamos quadros e costumes do Nordeste na vida social do Brasil.

Figura 11 – Texto de Graciliano Ramos sobre o carnaval nas cidades do interior nordestino trazido no número inaugural da Revista Cultura Política, n. 1, 1941



Havia também a Revista Ciência Política, órgão oficial do Instituto Nacional de Ciência Política, que circulou mensalmente no período de novembro de 1940 a maio de 1945. Criado por Pedro Vergara, advogado e promotor gaúcho, o INCP tinha por objetivo agrupar a intelectualidade intermediária em torno das ideias proferidas pelo Estado Novo e, em tom propagandístico, por meio da Revista Ciência Política da qual era o editor-chefe, divulgar entre a sociedade as realizações do governo (Figura 12).

Figura 12 – Sumário da Revista Ciência Política, v. 1, janeiro 1940

The image shows the cover of the journal 'Ciência Política', Volume I, January 1941. The title is prominently displayed at the top in a large, bold, serif font. Below the title, it reads 'ÓRGÃO OFICIAL DO INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA'. Further down, it lists the editor 'PEDRO VERGARA' and the volume information 'VOLUME I'. The central part of the cover is a rectangular box containing the 'SUMÁRIO' (Table of Contents). The items listed are:

- A DEFESA NACIONAL NO GOVERNO GETULIO Vargas
Pedro Vergara
- EDUCAÇÃO MILITAR
Prof. Eduardo Góes
- ATIVIDADES DO INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA
- A EDUCAÇÃO NO ESTADO NACIONAL
Francis Serrão
- O NOVO NACIONALISMO
Dr. João G. de Almeida Junior
- A FIBRILHA DA MISTIFICAÇÃO NO ESTADO NOVO
Dr. Francisco de Sá
- REALIZAÇÕES DO ESTADO NOVO
Dr. de José Roberto Bastos
- A ECONOMIA POPULAR NO ESTADO NOVO
Raul Pimenta
- ESTADO NOVO - INSPIRADOR DE CULTURA
Prof. Raimundo Faria
- NOTAS E COMENTÁRIOS

At the bottom of the cover, it says 'MÊS DE JANEIRO * JANEIRO * 1941'.

Fonte: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 1.º jun. 2020.

Enquanto o grupo de redatores da Revista Cultura Política era constituído por intelectuais criadores, a equipe de redação da Revista Ciência Política era composta por intelectuais mediadores, conforme as formulações gramscianas. O Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) – com o objetivo de profissionalizar a gestão e frear os apadrinhamentos políticos de indicação de pessoal, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, estatizada em 1940 e porta-voz do Estado Novo, principalmente mediante o Programa A Hora do Brasil, as empresas estatais estratégicas para o desenvolvimento nacional, na área da infraestrutura; a Companhia Siderúrgica Nacional em 1940, a Companhia Vale do Rio Doce em 1942, a Fábrica de Motores em 1943 e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco em 1945.

O trabalho foi ideologicamente glorificado, o tempo e a forma de viver a vida, acelerados pela industrialização e pelas novas configurações e relações do mundo laboral, com o intuito de subordinar o peso econômico da produção e do valor social do trabalho agrário, para fazer contraponto ao passado e a seu modo de vida e também ao ócio, a malandragem e a boemia cotidiana. Para acalmar e cooptar a classe trabalhadora, Vargas fez concessões, instituindo a legislação trabalhista, o salário mínimo, a carteira do trabalho e, ao mesmo tempo, impôs o sindicalismo corporativista, de cunho colaboracionista, atrelado ao Estado e controlado, que em boa parte funcionou como correia de transmissão do governo.

Em 1940, Ataulfo Alves e Wilson Batista compuseram o samba *O bonde de São Januário*, que reflete o projeto político-ideológico do Estado Novo de valorização do trabalho e de rejeição à malandragem e à boemia.

Quem trabalha é que tem razão
eu digo e não tenho medo de errar
o bonde de São Januário
leva mais um operário
sou eu que vou trabalhar.
Antigamente eu não tinha juízo
mas resolvi garantir meu futuro
veja você sou feliz
vivo muito bem
a boemia não dá a ninguém
muito bem! (ALVES; BATISTA, 2015, p. 232-233).

Em busca da nacional e legítima construção de outra identidade social, o governo Vargas inibiu as influências estrangeiras, dentre as quais, a lusitana, e passou a enaltecer as tradições e a cultura nacional popular; ou seja, era imperioso criar outra simbologia legitimadora. Conforme Hermano Vianna:

Com a chegada da República, foi necessário que o símbolo da nação substituísse o da coroa para dar legitimidade aos novos governantes. A unidade só poderia ser alcançada quando fosse compreendida a ‘essência da brasilidade’, transformada em correntes políticas nacionalistas. (VIANNA, 2007, p. 58).

O Rio de Janeiro, então capital do país, foi palco desses experimentos mudancistas e o polo irradiador do novo projeto de sociedade. Nesse sentido, o futebol, com a nacionalização dos clubes cariocas, especialmente o Clube de Regatas do Flamengo,¹⁸ o folclore, as danças nativas, coreografadas e exibidas pela bailarina Eros Volúcia, a música erudita de Heitor Villalobos, calcada nos motivos populares, e o samba, também alçado à condição de música nacional e enquadrado de conformidade com a estética e os valores estado-novistas, foram utilizados em larga escala.

Foi nesse cenário que o carnaval, a mais rica manifestação cultural e a maior festa do Brasil, foi apropriado como elemento estruturador e propagador da nova identidade cultural brasileira. Tanto que, a partir de 1937, as escolas de samba passaram a desenvolver enredos de cunho histórico e patriótico por influência do governo, mais enfaticamente, a partir de 1939 com a criação do DIP e o assentimento da União das Escolas de Samba. Isso ficou patente nos temas abordados, que geralmente destacavam momentos relevantes da história nacional, personagens do país, a exuberância da natureza e a beleza das regiões brasileiras. Tudo isso se refletia na letra dos sambas em um processo de adaptação colaborativa e intercâmbio de interesses negociados e acertados nos bastidores da República, em uma comunhão de classes sociais, que elevavam o carnaval do Rio de Janeiro à condição de cartão-postal do Brasil. Em 1944, a Portela apresentou o samba Motivos Patrióticos com a seguinte letra:

Motivos patrióticos
somos todos brasileiros
e por ti queremos seguir.
O clarim já tocou reunir
adeus minha querida eu vou partir
em defesa do nosso país.
É verde e amarelo, branco e azul
cor de anil é o meu Brasil.
Oh! Meu torrão abençoado
pelos seus filhos adorados

¹⁸ Até os anos 1920, o Flamengo era um clube elitizado que se formou por meio de uma dissidência do Fluminense, clube da elite carioca. O Vasco da Gama era um clube popular, cuja torcida era majoritariamente constituída pela classe trabalhadora negra, embora tenha sido fundado e dirigido durante anos pela colônia portuguesa. Nos anos 1930, o Estado brasileiro adotou um caráter nacionalista e passou a valorizar a cultura popular. No desenrolar desse acontecimento, o presidente do Flamengo, José Bastos Padilha, contando com simpatias governamentais, refez a imagem do clube, aproximando-o dos segmentos populares da sociedade.

seguiremos para a fronteira
para defender a vida inteira
nossa querida bandeira. (DURA, 2012, p. 13).

O Estado Novo ao investir maciçamente na nacionalização do modelo de carnaval por ele preconizado, tendo o Rio de Janeiro como ponto de partida, elegeu o tema da nacionalidade como eixo central e estruturante. Para obter êxito em sua política, buscou organizar e controlar a vida social brasileira em todos os seus aspectos, utilizando para esse fim toda a engrenagem da administração pública e o aparelho de repressão, dirigido pelo feroz conservador Filinto Müller.¹⁹

Nesse ambiente o carnaval se realizava conforme os parâmetros da certificação legitimadora estatal, por meio dos seus órgãos diretos como o DIP e a polícia, e de aparelhos privados de hegemonia como a imprensa alinhada e o Centro dos Cronistas Carnavalescos. De comum acordo, esses órgãos, com o apoio do empresariado, concediam verbas e premiações e estabeleciam o disciplinamento da festa interferindo na organização das agremiações, principalmente nas grandes sociedades, nos ranchos e nas escolas de samba e no espaço urbano onde os desfiles se realizavam. Também determinando as apresentações nos espaços fechados indicados pelo poder estatal.

Em janeiro de 1939, realizou-se a Exposição do Estado Novo, evento de propaganda e celebração dos feitos do governo Vargas, da qual participaram 23 escolas de samba a convite do maestro Heitor Villa-Lobos, então diretor da Superintendência de Educação Musical e Artística (Sema). Segundo o jornalista e escritor Sérgio Cabral:

No início de 1939, a União das Escolas de Samba atravessava uma nova crise. Uma assembleia geral mudou o nome da entidade para União Geral das Escolas de Samba [...]. Quem apareceu na assembleia foi Heitor Vila-Lobos, não para envolver-se na política do samba, mas para tratar de outro tipo de política. Convidou as escolas de samba para participar da Exposição do Estado Novo, a ser aberta no dia 20 de janeiro, na Feira de Amostras. Para adoçar a boca dos sambistas, anunciou que Getúlio Vargas gostaria de recebê-los ‘em seu palácio’. (CABRAL, 2016).

¹⁹ Filinto Müller foi militar, participou do Movimento Tenentista de 1922 e 1924. Integrou a Coluna Prestes da qual foi expulso por estimular a deserção coletiva de soldados e sargentos. Foi da Polícia do Distrito Federal de 1933 a 1942. Durante o Levante Comunista de 1935 foi o responsável pela prisão de Luís Carlos Prestes e pela deportação de Olga Benário para a Alemanha, com o respaldo do presidente Getúlio Vargas e do Supremo Tribunal Federal. Foi eleito senador pelo estado de Mato Grosso, quatro vezes, entre 1947 e 1973. Foi presidente da Aliança Renovadora Nacional (Arena) – partido de sustentação da ditadura militar entre 1969 e 1973 – e presidente do Senado em 1973. Faleceu em um acidente aéreo em julho de 1973 em Paris. Dentre as várias homenagens que recebeu, há uma ala no Senado que leva seu nome.

Obviamente, apesar do controle rígido do Estado e da ação quase sempre truculenta dos órgãos de repressão, a crítica, o deboche e o humor sarcástico, como manifestação de resistência ao cerceamento político da liberdade de expressão, faziam-se presentes nos cordões carnavalescos, que albergam dissidentes do regime e o povo em geral, que exercia nas ruas o direito de participação. Segundo a historiadora Rachel Soihet:

O carnaval é um momento privilegiado nesse processo de resistência, no qual sua irreverência aparece de forma mais acentuada, por meio da paródia às diversas modalidades de opressão, às regras e tabus. Também é o momento em que, a despeito de toda proibição, os populares ocupam as ruas, quer amedrontando as elites com seus cordões, quer extasiando-as com seus ranchos e músicas. (SOIHET, 2008, p. 62-63).

Esse modelo de carnaval oficial, que por imposição se espalhou pelo país, significou a adoção de práticas festivas mais civilizadas, em detrimento do entrudo e em prol da domesticação das brincadeiras populares de rua e da tentativa de afastamento das influências estrangeiras, em benefício dos elementos e das figuras do folclore e da cultura popular brasileira. Um dos pilares de sustentação desse modelo foi a necessidade de construção de uma identidade nacional que valorizasse as manifestações populares. Ressignificando seu conteúdo e seu sentido estético, de tal modo que permitisse a glorificação do novo e o distanciamento do passado agrário, muito marcado pela visão colonialista, ainda presente na Primeira República, fruto da crise identitária gerada pela queda da monarquia. O projeto cultural do Estado Novo, de valorização da história e da cultura nacional popular, em sintonia com os objetivos estratégicos traçados pelos seus ideólogos, apropriou-se do carnaval impondo regras que compatibilizassem as expressões culturais das camadas populares, com os interesses das elites, espelhados nas ações estatais.

A superação do entrudo como forma predominante da brincadeira carnavalesca e o crescimento no início do século XX, das Grandes Sociedades, elitizadas, com seus carros alegóricos e luxuosos préstitos, dos Ranchos, derivados dos tradicionais Ranchos de Reis natalinos de origem nordestina, serviram como referência e influenciaram a formatação das Escolas de Samba. Na década de 1930, as Escolas de Samba conquistaram lugar de destaque e se transformaram na maior atração do carnaval carioca, estimuladas pelo Estado Novo. Por isso, foram instadas pelo DIP a adotar permanentemente a ala das baianas como símbolo popular de brasilidade, a proibir instrumentos de sopro em face de sua origem europeia e a desenvolver enredos e sambas de louvação às virtudes e aos encantos do Brasil. Conforme o historiador Magno Bissoli Siqueira:

A Bahia é o estado brasileiro com maior densidade de população de etnia negra. [...] a mãe preta, o rei-congo, a dona arrastando o seu vestido rendado (típico da baiana), a ‘morena sestrosa’, terra de ‘samba e pandeiro’. Nesse contexto, pode-se entender que o baiano é o símbolo escolhido da brasilidade, que é representada pelo samba. É importante lembrar que após a Abolição, a migração de baianos para o Rio de Janeiro foi intensa. (SIQUEIRA, 2012, p. 232).

Em Pernambuco, onde o Estado Novo se firmou robustamente, sob o comando autoritário do interventor Agamenon Magalhães, o carnaval foi enquadrado nas diretrizes e utilizado como instrumento de propaganda dos ideais estadonovistas. Com ampla aceitação social e características decorrentes da concepção regionalista de cultura, semeada por setores da elite intelectual, nomeadamente na cidade de Recife, centro irradiador de ideias para o Nordeste, o carnaval serviu para difundir novos valores, baseados na educação cívico-patriótica e religiosa, no enaltecimento do trabalho. Também procurou mascarar e arrefecer a luta de classes em prol da convivência harmoniosa e colaborativa entre os diversos setores da sociedade local.²⁰

²⁰ A luta de classes, segundo a teoria marxista, é a resultante do conflito entre as classes sociais no sistema capitalista e se dá nos planos político, ideológico e econômico. Esse fenômeno decorre do modo de produção capitalista, no qual a burguesia é detentora dos meios de produção e a classe operária possui apenas a sua força de trabalho, que é tratada como uma mercadoria.

4 O CARNAVAL DO RECIFE SOB O ESTADO NOVO

4.1 A instauração do Estado Novo na capital pernambucana

O golpe getulista de novembro de 1937 – apoiado por parte considerável das elites, em particular, a elite industrial emergente, e pelas Forças Armadas, à frente os generais Pedro Aurélio de Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra – significou profunda ruptura que se traduziu na implantação de um modelo de Estado centralizado e antidemocrático, influenciado pela experiência europeia representada pela Alemanha e Itália.

Em Pernambuco a ruptura foi drástica e gerou consequências políticas graves. No Partido Social Democrático, dois grupos, antes aliados, pelejaram pelo controle do partido e da política pernambucana. O grupo do então governador Carlos de Lima Cavalcanti e o grupo de Agamenon Magalhães, à época, ministro do Trabalho, e temporária e cumulativamente também ministro da Justiça. A narrativa construída para defenestrar Lima Cavalcanti afirmava uma pretensa omissão e conivência com o Levante Comunista de 1935. O governador estava na Europa quando o movimento eclodiu no Recife em 24 de novembro, e logo foi sufocado pelas tropas militares vindas da Paraíba em 25 de novembro, durando somente dois dias. Porém deixando marcas de extremada violência.

O poder central, no processo de reagrupamento das suas bases regionais, prestigiou os aliados mais próximos e confiáveis. O nome ungido por Getúlio foi o de Agamenon Magalhães. Em face do clima de beligerância reinante no continente europeu, a iminente irrupção da 2.^a Guerra Mundial e mediante os acenos de Vargas ao nazifascismo, sem declaração explícita de apoio, configurava um jogo de altíssimo risco no terreno das relações diplomáticas. A delicada situação política exigia firme compromisso entre as instâncias governamentais e a base aliada, assentada na unidade e confiança, essenciais para a manutenção do projeto e do poder presidencial.

A ênfase na industrialização como motor da base produtiva e do progresso modernizador exigia a construção de outra imagem, que se distanciasse das estruturas societárias agrárias e seus valores ultrapassados no que se refere ao dinamismo econômico do capitalismo industrial, às relações culturais e ao comportamento social lastreado no modo de vida colonial. Esse afastamento do passado era importante para criar as condições que ensejassem a composição de uma nova identidade nacional, fincada na cultura popular, até então desprezada e deslegitimada pela burguesia rural.

O carnaval, pela capacidade mobilizadora e lúdica, pela ritualística que entrelaça o profano com o sagrado, pela possibilidade do convívio democrático no espaço público da rua franqueada, seria um instrumento-chave na edificação dessa nova imagem, por intermédio da uniformização dos elementos simbólicos e estéticos que irrigam a cultura popular. Isso, obviamente, em sintonia com os objetivos estratégicos preconizados pelo Estado Novo.

Sob a interventoria de Agamenon Magalhães, o Recife passa por um processo de modernização conservadora, que transformou urbanisticamente a cidade, que preconceituosamente higienizou e incentivou novas formas de viver, que estimulou o patriotismo e o civismo, modelados pelo aparelho educacional, pela Igreja e pelos centros operários colaboracionistas. Também promoveu a atividade laboral ao patamar de certificação da cidadania. Por outro lado, camuflou as mazelas do Recife dos alagados, dos caranguejos e dos mocambos, elementos da paisagem ribeirinha do Capibaribe e adjacências.

A historiadora Zélia Gominho diz:

A mobilização contra os mocambos do Recife não é novidade do período do Estado Novo. Governos anteriores já tinham manifestado intenções e decretado medidas com o objetivo de extinguir a mocambaria da cidade, substituindo-a por vilas populares. Todavia, a vontade de eliminar a imagem africanizada da capital, nesse período, se revestiu de um conteúdo e sentido político antes não formulado, explicitamente nacionalista, patriótico, coletivista, reeducativo e arrematador. (GOMINHO, 2007, p. 105-106).

Agamenon segregou a prostituição, combateu a vadiagem e restringiu a atividade dos biscateiros. Fortaleceu o sistema de segurança pública, chefiado pelo promotor Etelvino Lins de Albuquerque, que sucedeu a Agamenon no governo de Pernambuco. Perseguiu adversários políticos, reprimiu violentamente os comunistas, as organizações sindicais, as associações e até as agremiações carnavalescas que abrigavam em suas hostes militantes de esquerda e que não esposaram as ideias estadonovistas.

Em artigo publicado na Folha da Manhã, jornal de sua propriedade, Agamenon diz:

[...] contra a luta de classes, aconselhada pelo marxismo como técnica da violência e meio de destruição do sistema capitalista, surgiu na Itália, como na Alemanha, a experiência, hoje vitoriosa, da organização corporativa das economias nacionais. Em vez do antagonismo entre o capital e o trabalho, a corporação realiza o acordo, a conciliação, a harmonia entre os fatores da produção. Substitui-se o conceito de luta pelo de colaboração, integrando-se capital e trabalho na sua função econômica e social. Capital e trabalho constituíram-se, assim, em uma só categoria econômica. Esse é que é o conceito da corporação, e que precisa ser bem definido para evitar as confusões que se fazem por aí fora. (MAGALHÃES, 1985, p. 21).

Contudo, para implementar integralmente seu projeto de governo, o interventor Agamenon Magalhães, além de alinhar funcionalmente os órgãos da administração pública, necessitou estabelecer canais de comunicação e relacionamento, com entidades representativas da sociedade civil e com as camadas subalternas da sociedade recifense. Afinal, era imperioso catequizar o povo e inseri-lo controlada e proativamente no projeto do Estado Novo, apropriando-se das festas populares como representação de civismo patriótico, estabelecendo vínculos mais orgânicos, mais colaborativos e mais duradouros. Nesse contexto, o governo valeu-se do prestimoso auxílio da Federação Carnavalesca de Pernambuco, entidade de cunho civil, elevada à condição de utilidade pública, fundada por intelectuais e executivos de corporações estrangeiras sediadas no Recife e dirigentes de empresas locais.

4.2 A Federação Carnavalesca de Pernambuco

A década de 1930 foi impactada por acontecimentos políticos relevantes. Na Europa, ainda considerada o centro do mundo civilizado, irrompeu a 2.^a Guerra Mundial como consequência da desestabilização dos regimes democráticos, principalmente na Alemanha e na Itália. Em 1940, o Japão, tendo em vista seus interesses geopolíticos na região asiática do Oceano Pacífico, assina o Pacto Tripartite, ou Pacto do Eixo, com a Alemanha e a Itália, entrando na Grande Guerra em 1941 ao atacar a base americana de Pearl Harbor. Esse famoso ataque fez com que os Estados Unidos entrassem na guerra, formando a Coalização dos Aliados com a União Soviética, Inglaterra e França.

No Brasil, a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932 e o Levante Comunista de 1935, conflitos nos quais o chefe civil foi Getúlio Vargas, levou à decretação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937. O sucesso belicista do Eixo nos primeiros anos da guerra, em particular da Alemanha, era alardeado pela máquina de propaganda hitlerista. Enaltecia a pujança do estado alemão, representado na figura mítica de Hitler, o chefe supremo, que conquistou adeptos e inspirou movimentos de feições semelhantes mundo afora. A Ação Integralista Brasileira era a personificação do nazismo no Brasil. Getúlio Vargas soube interpretar o papel do presidente mítico, e o Departamento de Imprensa e Propaganda competentemente projetou essa imagem sobre a nação. A depressão econômica de 1929 fragilizou as ideias liberais e ensejou o crescimento e a aceitação do autoritarismo nazifascista. Por outro lado, a União Soviética, fruto da revolução socialista de 1917, em que pese o boicote que sofreu e as enormes dificuldades internas que enfrentava, consolidava-se como importante

peça no xadrez da geopolítica internacional, tendo o comunismo como parâmetro para a organização da sociedade e do Estado soviético. Obviamente, também exerceu influência e conquistou adeptos em vários quadrantes do planeta.

É nesse cenário de choque de ideias, de conflito de classe, de formação da classe operária, de protagonismo do capital industrial, de construção de uma identidade, que incorpore a essência da cultura nacional presente nas manifestações populares, como o carnaval, que o Estado Novo começa a ser implantado em Pernambuco. A Federação Carnavalesca de Pernambuco, fundada em 3 de janeiro de 1935, surge com a missão de colaborar com o poder público, no concernente ao conteúdo e à forma, ao ordenamento, ao disciplinamento e ao controle do carnaval de Pernambuco.

O jornalista e historiador Mário Melo foi um dos principais artífices do movimento que resultou na fundação da Fecape. Foram convidados a integrar a diretoria pessoas de destaque no meio social e empresarial do Recife, quase todos sem envolvimento direto com as atividades carnavalescas sob o pretexto de preservar a imparcialidade da gestão. Efetivamente, convidaram-se os membros da elite por serem considerados mais aptos e qualificados técnica e administrativamente para gerenciar o órgão. A exceção era o próprio Mário Melo, homem ligado às tradições culturais pernambucanas, especialmente ao carnaval.

A primeira diretoria foi assim constituída:

- Presidente: Dr. Joseph Prior Fish. Superintendente da Pernambuco Tramways and Power Company Limited. Consórcio americano-canadense, que detinha o monopólio do fornecimento de energia, de telefonia, de transporte e de gás encanado. Cidadão americano radicado no estado.
- Vice-presidente: Dr. Arlindo Luz. Superintendente e engenheiro da Great Western Brazil Railway, empresa inglesa, prestadora de serviços na área de transportes interestaduais e intermunicipais de passageiros e mercadorias.
- 2.º Vice-presidente: Dr. Pedro Allain Teixeira. Integrante da Caixa Econômica do Estado. Benemérito do Jockey Club. Ex-deputado estadual.
- Secretário: Dr. Mário Mello. Jornalista, historiador e intelectual de grande influência.
- 2.º Secretário: Dr. Samuel Campelo. Bacharel em Direito. Sócio do Instituto Arqueológico, Geográfico e Histórico. Teatrólogo.
- Tesoureiro: J. S. A. Pinheiro: Engenheiro da Pernambuco Tramways.
- 2.º Tesoureiro: Dr. Renato Silveira. Diretor-gerente do Banco de Crédito Real de Pernambuco, ex-presidente da Câmara Municipal do Recife, da Federação de Desportos e secretário da Rádio Club de Pernambuco.

Existia também uma influente diretoria de honra, de notória ligação com o Estado, cuja finalidade era agregar prestígio social e político à entidade. Compunham essa diretoria o governador do Estado, o prefeito do Recife, os comandantes militares e os presidentes da Associação de Imprensa, da Associação dos Comerciantes Varejistas, da Associação Comercial, do Rotary Clube e da Rádio Clube. Havia um conselho consultivo integrado por representantes dos jornais e por pessoas de destaque na sociedade local.

O conselho fiscal era a única instância da qual participavam os representantes das agremiações carnavalescas. Fica evidenciada a vinculação orgânica com o poder público e as associações representativas do capital, que se aprofunda com a assunção do Estado Novo, que considera o carnaval estratégico para a construção da identidade nacional. Com o uso direcionado da educação e da cultura, pretendia-se assegurar a hegemonia das elites sobre o povo subalternizado.

Em 1936, a Assembleia Legislativa aprovou o projeto de lei, relatado e defendido pelo deputado Arthur de Moura, que reconheceu a Federação Carnavalesca de Pernambuco como entidade de utilidade pública. O projeto foi sancionado pelo governador Carlos de Lima Cavalcanti, e a Fecape passou a contar com recursos do erário público para cumprir sua missão de enquadrar o carnaval no modelo traçado pelo Estado. A formalização do apoio estatal, somado ao forte apoio emanado da indústria, do comércio e da imprensa, conferiu à Fecape poder suficiente para ditar os rumos dos festejos momescos.

Os objetivos da Federação estão bem definidos nos seus estatutos:

I) Procurar a harmonia entre os clubes filiados. II) Distribuir auxílios equitativos, cada ano, aos clubes que tomarem parte no carnaval. III) Dar prêmios aos clubes carnavalescos que de modo mais digno se apresentem; IV) Desenvolver o turismo. V) Moldar o carnaval no sentido do tradicionalismo histórico e educacional, fazendo reviver costumes nossos, tipos da nossa história, fatos que nos educam. VI) Colaborar com os poderes públicos para a regulamentação e boa distribuição do tráfego, a fim de que não haja prejuízo do frevo [...]. VII) Organizar comissões para propaganda do carnaval de Pernambuco nas cidades do interior e nos Estados vizinhos, bem como por intermédio do rádio e da cinematografia (FECAPE, 1938).

Além do enunciado geral de boas intenções em zelar pela cultura, manifesta preocupações quanto ao controle político do carnaval ao instituir normas rígidas quanto à admissão das agremiações no seu quadro associativo, igualmente quanto ao cumprimento das obrigações, condição inarredável para usufruir os direitos relacionados com o financiamento subvencionado e a participação oficialmente chancelada. Até então, os clubes buscavam sustentação financeira no comércio, no apadrinhamento político e nas festas promovidas com

essa finalidade. O chamado “livro de ouro” era um meio fartamente utilizado para coletar fundos. Essa prática foi esvaziada e a Federação passou a ser, quase exclusivamente, o canal de contato e o órgão arrecadador e distribuidor das subvenções oficiais e empresariais.

Também se propunha a promover a harmonia, mediando conflitos entre os filiados, em razão das rivalidades comunitárias e clubísticas que muitas vezes transformavam o carnaval em um palco de disputas encarniçadas, deixando como saldo um rastro de selvageria, que conspurcava a imagem da cidade que se pretendia civilizada. Era o carnaval de sangue muito comum nos encontros entre os clubes de maior tradição e apelo popular, que arrastavam multidões nos seus acertos de marcha e desfiles.

O Clube Carnavalesco Misto Pás Douradas (1888), o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas (1889), o Clube Carnavalesco Misto Lenhadores (1897), o Clube Carnavalesco Toureiros de Santo Antônio (1914), o Clube Carnavalesco Misto Bola de Ouro (1915), o Clube Carnavalesco Misto Pão Duro (1916), o Clube Carnavalesco Misto Prato Misterioso (1925) protagonizaram violentos embates pelas ruas do Recife, atiçados pelos brabos, valentões e capoeiras adeptos dessas agremiações, que se provocavam e se desafiavam fazendo pilhérias e paródias insultuosas. O historiador Leonardo Dantas Silva relata:

Apesar dos esforços dos organizadores, o ranço continuou entre os partidários das agremiações que, a exemplo dos capoeiras, empolgavam-se com a execução de determinados frevos de abafo; cujas notas agudas, geralmente situadas acima do pentagrama, têm por objetivo abafar a orquestra do adversário. São conhecidas as estrofes cantadas pelos partidários do Clube Pão duro, fundado em 1916, quando da execução de Fogão, composição de Sérgio Lisboa:

‘Arreda povo!
Pão Duro quer passar
Bola de Ouro vem aí
e Toureiros vai apanhar’. (SILVA, L. D., 2019, p. 165).

Foi pensando em inibir as disputas sangrentas entre as agremiações, que a Fecape, no concurso de músicas carnavalescas para o ano de 1938, escolheu a composição de José Mariano Barbosa (Marambá), irmão do compositor Capiba, e Aníbal Portela, para hino do carnaval de Pernambuco. Institucionalizou e tornou obrigatória a sua execução, quando da passagem dos clubes em desfile, à frente do palanque da federação, localizado na praçinha do Diário de Pernambuco, entronizada como o quartel general do frevo, cuja letra é a seguinte:

“Foliões viva o prazer!
viva o frevo original!
o ideal é sorrir
e ao passo aderir
aderindo ao carnaval.

Evohé! evohé!
o carnaval de Pernambuco
é vibração, é gozo, é o suco
graças ao frevo e a federação!

Carnaval como se faz
nesta bela capital
vale a pena se ver
pois é bom de doer
é de fato carnaval!

Todo aquele que negar
o prazer que anda aí
faça o passo e verá
que no mundo não há
carnaval como o daqui!”

Anuário do carnaval pernambucano.1938. Acervo Fundaj.

Por trás das iniciativas de disciplinar e controlar o carnaval, estava o propósito de monitorizar mais amplamente a sociedade, por causa da efervescência política do momento, propiciada pelo choque das correntes de pensamento, à esquerda e à direita, com o projeto estadonovista. A amplitude do conceito de desordem visava alcançar principalmente a militância comunista, que atuava nas agremiações carnavalescas, consideradas espaços de lazer, de sociabilidade e formação crítica para as comunidades onde se achavam situadas. O historiador Mário Ribeiro dos Santos, em pesquisa realizada no Apeje, encontrou documentos que embasam a nossa afirmação:

O Clube Vassourinhas do Recife mantém entre os seus membros os comunistas Jasson de Barros e Waldemar Caetano da Silva, ambos com passagens registradas pela polícia. Esse fato não é único no interior dos grupos. O flagrante ocorrido em função de uma denúncia, leva inspetores disfarçados a acompanharem as reuniões dos clubes e aprisionarem os elementos subversivos. [...] A troça carnavalesca mista Traquinos de João de Barros é registrada na polícia como uma agitada célula comunista, onde se reúnem constantemente perigosos elementos comunistas, entre eles membros da diretoria da agremiação. (SANTOS, 2010, p. 108).

De certo modo, eram espaços complementares de educação profissional e política, as ações sindicais e partidárias, de promoção da classe operária, que se contrapunham aos

processos de cooptação e educação domesticadora, empreendida pelos centros operários financiados pelo estado, pelas entidades empresariais e apoiados pela Igreja. Em geral, eram constantemente fiscalizadas pela polícia, considerando-se que a Secretaria de Segurança Pública era o órgão responsável pela emissão do alvará de funcionamento, com o intuito de coibir atividades políticas e afastar do convívio social os elementos seguidores da exótica ideologia comunista. Segundo o historiador Lucas Victor da Silva:

O estatuto da Federação Carnavalesca, em seus artigos, descrevia suas funções, sua organização, seu organograma, e os critérios para filiação das agremiações. As finalidades propostas revelam a articulação da cultura, da política e da questão do controle social travestidas pelas intenções nobres de seus promotores. A entidade destaca o compromisso em procurar a harmonia entre os clubes filiados sob a alegação da recorrência de conflitos entre as associações. Aqui, percebemos a representação da Federação como entidade capaz de mediar os conflitos e construir um convívio harmonioso entre as agremiações. Isto significará, no futuro, a colaboração da entidade com a polícia no sentido da identificação dos elementos da desordem e proibição de sua presença no seio das agremiações, passíveis de retaliação se não colaborarem com a ação policial. (SILVA, L. V., 2009, p. 267).

Boa parte das agremiações eram originárias das corporações de ofício e das categorias profissionais vinculadas ao mundo do trabalho. Vassourinhas, Vasculhadores, Espanadores, Empalhadores do Feitosa, Lenhadores, Parteiras de São José, Pás, Engomadeiras, dentre outros, saíam às ruas disputando o espaço público como representação carnavalesca desses segmentos. Tinham seus cortejos formados pelas classes inferiores e pelo lumpesinato. A historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo afirma:

A presença das camadas populares nos festejos carnavalescos de rua intensificou-se a partir de 1880, década em que foi abolida a escravidão e proclamada a República no Brasil. A partir de então, multiplicou-se o número de agremiações carnavalescas populares nas ruas do Recife, formadas por trabalhadores urbanos, artífices e artesãos, operários, caixeiros, feirantes, domésticos. (ARAÚJO, 2008, p. 85).

O Jornal Pequeno foi o primeiro a veicular a palavra frevo na reportagem escrita pelo jornalista Osvaldo da Silva Almeida, cujo pseudônimo era Paula Judeu, em 9 de fevereiro de 1907. O texto mencionava o ensaio do Bloco Empalhadores do Feitosa e o repertório a ser executado do qual constava a marcha o frevo. Nas Figuras 13, 14 e 15, apresentam-se três registros do carnaval do Recife nas páginas do Jornal Pequeno.

Figura 13 – Notas sobre a programação dos clubes, troças e blocos

Carnaval de 1938

Ontem, Hoje e Amanhã

Continuação de 2a página

Esta proibido!

Os membros do clube não devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Tema Portugal

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Blonolina e Capsulas n. 24

reserva exclusivamente para o clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Club dos Telegrafistas do Brasil

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Club Alemão

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Sport Club de Recife

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Clube Interacional do Recife

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Clube Interacional do Recife

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

HOJE PARQUE MODERNO

Matina de 11:30 a 12:30

O espetáculo de 13, 23 horas

Matina de 11:30 a 12:30

O espetáculo de 13, 23 horas

SONJA HENIE

o Balé do Fausto - encenada por Tyrone Power

ELLA E O PRINCIPE

uma lanchê Truett e Jessa Truett

Grandes ilusões que inauguram o teatro São Luís do Rio de Janeiro

Segunda-feira

LORETTA YOUNG

Romance Entre Balas

comedy by AMERICA

Por conta alheia

A barulha da no Hospital Portuguez

REAL HOSPITAL PORTUGUEZ DE BENEFICENCIA EM PERNAMBUCO

Rebatendo exhibições

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Aos socios do Real Hospital Portuguez de Beneficencia em Pernambuco

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Abreu Machado Souza Alvim

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Clube Interacional do Recife

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Clube Interacional do Recife

Os membros do clube devem usar roupas de festa durante o carnaval. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube. O uso de roupas de festa é considerado uma falta grave e pode resultar na expulsão do clube.

Jornal Pequeno, 19 fev. 1938. Hemeroteca Digital Brasileira. bndigital.bn.gov.br. Acesso em: 30 maio 2020.

Figura 15 – Notícias sobre o primeiro dia de carnaval



Jornal Pequeno, 28 fev. 1938. Hemeroteca Digital Brasileira. bndigital.bn.gov.br. Acesso em: 30 maio 2020.

A baixa condição sociofinanceira dos seus membros tornava a contribuição associativa insuficiente para suportar os custos de manutenção e planejar o orçamento para o carnaval. Conforme já foi dito, a concentração dos recursos financeiros, oriundos do Estado e das empresas, na Federação Carnavalesca, compelia as agremiações a se filiarem, para gozar de benefícios financeiros, de premiações em dinheiro e ter reconhecimento institucional, que resultava em aceitação social.

Contribuir para o desenvolvimento do turismo, conforme preconizado no título I do artigo 4 dos seus estatutos, também era uma das finalidades da Fecape. Para isso, era importante integrar as festividades carnavalescas como negócio às atividades turísticas, visando à expansão econômica do Estado, atraindo turistas por meio de comissões de divulgação e de campanhas publicitárias no rádio, o meio de comunicação mais eficiente, à época, para vender o carnaval como produto de consumo. Vem de longe a ideia de se fazer dinheiro com a cultura popular, encaixando-a como parte da indústria cultural, estudada pela Escola de Frankfurt.²¹

Entre as incumbências estatutárias da Fecape, a que mais chama a atenção e sintetiza seus objetivos é o que reza o artigo 5.º do título I: “Moldar o carnaval no sentido do tradicionalismo histórico e educacional, fazendo reviver costumes nossos, tipos da nossa história, fatos que nos educam.” (FECAPE, 1938, art. 5.º).

A busca pela ressignificação do carnaval de Pernambuco, baseada no tradicionalismo histórico e nos lídimos costumes, atenta para a preservação das especificidades regionais e da identidade cultural local, lastreada no simbolismo identitário trazido pelo frevo e no novo modo de realizar o carnaval em diálogo sintonizado com o projeto nacional popular do Estado Novo, regido pelo governo central. Esse processo eivado de profundas contradições colidiu com as leituras históricas do Brasil, produzidas pela intelectualidade do Sudeste, para quem haveria uma supremacia da história nacional sobre a história regional.

Na prática, prevaleceu o alinhamento político geral, que permitiu acomodar os contrastes e assimilar as diferenças culturais específicas do carnaval do Recife, porém recicladas, estilizadas e enquadradas no padrão determinado pelo governo de Agamenon Magalhães. Para o escritor Paulo Cavalcanti:

[...] desde quando a Federação se prontificou a moldar a maior festa popular de Pernambuco, através de regulamentos e portarias, e a orientar seus clubes, com o propósito de educar as massas, já aí estava patenteado o seu papel elitista e retrógrado, que se agravou, depois, com o advento do Estado Novo, em face das estreitas relações entre polícia e carnaval. Com esses propósitos, retiraram-se do povo as condições de imaginação e criatividade, sujeitando-o ao modelo do regime. O que resultou desse espúrio patrocínio foi a

²¹ A Escola de Frankfurt foi um movimento integrado por intelectuais ligados ao marxismo, albergados em torno do Instituto de Pesquisa Social, fundado em 1924. Era um anexo da Universidade de Frankfurt, dirigido por Carl Grünberg e a partir de 1930 por Max Horkheimer. Com a ascensão do nazismo foi transferido para Genebra e Paris e depois para a Universidade de Columbia nos Estados Unidos, onde ficou até 1953, quando retorna a Frankfurt. Um dos grandes contributos ao pensamento marxista ocidental, foi a elaboração do conceito de indústria cultural, desenvolvido por Max Horkheimer e Teodor Adorno na década de 1940, publicado no livro *Dialética do esclarecimento*. A cultura é subordinada a lógica da produção capitalista e os produtos culturais mercantilizados na perspectiva da obtenção de lucro. É uma espécie de indústria da ilusão, que reproduz os interesses da classe dominante, levando à alienação das classes subalternas.

caricaturização do Carnaval pernambucano, esvaziado de suas raízes socioculturais. Deu-se ao Carnaval a aparência de espetáculo cívico-patriótico da pior qualidade, fazendo-se distribuir, entre os clubes, desenhos e modelos de fantasias históricos, na imitação de figuras do nosso passado. E aí a festa se cobriu de ridículo: Pedro Álvares Cabral fazendo o passo do canguru com a princesa Isabel. E Felipe Camarão, ao som do Vassourinhas, no requebro do frevo mais endemoniado. [...] Nos pródromos do regime fascista do Estado Novo, que estava por vir, todos os caminhos passavam pelo anticomunismo, até o Carnaval como se vê. (CAVALCANTI, 2008b, p. 21).

A Federação Carnavalesca assumiu o papel de aparelho privado de hegemonia,²² e, como tal, elaborou e propagou um discurso no qual atribuía a trajetória histórica de luta e resistência do povo pernambucano, o despertar do sentimento de brasilidade e identidade nacional. Com esse intuito, patrocinou concursos de fantasias baseadas nos registros pictóricos dessas lutas, armazenados nos acervos documentais de instituições dedicadas à preservação da história.

Como forma de promover o comércio e a indústria local, a Federação também incentivou a realização de outros concursos de fantasias, tendo como motivos a atividade comercial, a produção industrial e a flora nativa. O pintor e desenhista Manuel Bandeira, funcionário da Pernambuco Tramways, desenhava os modelos, que ficavam à disposição do público nas lojas de tecidos, localizadas no centro do Recife. O Concurso Peixe, patrocinado pela Fábrica Peixe da cidade de Pesqueira, que produzia bananada, goiabada, marmelada e extrato de tomate, premiava as figuras de destaque dos cordões carnavalescos, que portassem fantasias alusivas aos seus produtos. Fantasias de banana, de goiaba, de marmelo e de tomate, eram os modelos julgados.

Havia também o concurso da Malharia Imperatriz (Figura 17) e das Lojas Paulista, cujos temas das fantasias exploravam a flora e personagens da nossa história: abacate, abacaxi (Figura 18), caju, cana-de-açúcar (Figura 19), coco, fruta-pão, jaca, laranja, manga, macaxeira, mamão, maracujá, milho; Dama holandesa (Figura 20), Fidalgo holandês, Capitão-mor, Soldados dos Regimentos de Felipe Camarão, Henrique Dias, André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, etc.

²² Aparelhos privados de hegemonia são organizações da sociedade civil, através das quais se realizam as disputas pela hegemonia, a partir dos projetos organizados pelos intelectuais orgânicos de cada setor. Funcionam, como tal, as associações, as escolas, as igrejas, a imprensa e os sindicatos.

Figura 16 – Fantasias para o carnaval de 1938



Fonte: *Anuário do carnaval pernambucano* (FECAPE, 1938). Acervo Fundaj.
Fotografia Valeska Ferreira

Figura 17 – Fantasia de carnaval abacaxi



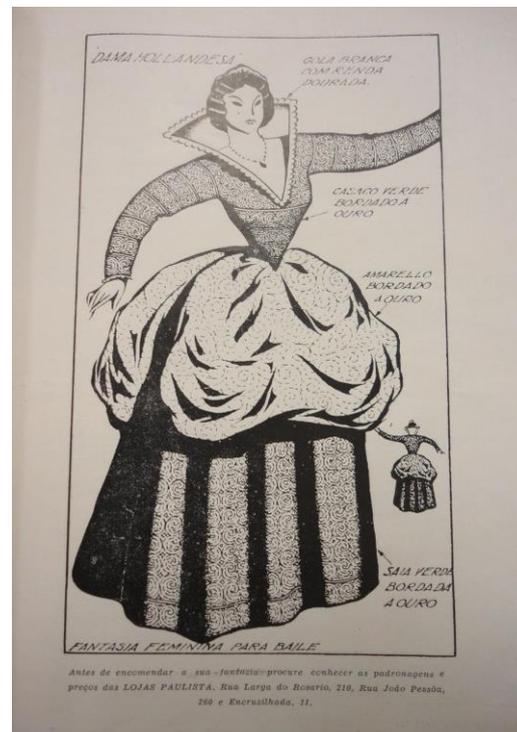
Fonte: *Anuário do carnaval pernambucano* (FECAPE, 1938). Acervo fundaj.
Fotografia de Valeska Ferreira.

Figura 18 – Fantasia de carnaval cana-de-açúcar



Fonte: *Anuário do carnaval pernambucano* (FECAPE, 1938). Acervo Fundaj.
 Fotografia de Valeska Ferreira.

Figura 19 – Fantasia de carnaval dama holandesa



Fonte: *Anuário do carnaval pernambucano* (FECAPE, 1938). Acervo Fundaj.
 Fotografia de Valeska Ferreira.

Havia, ainda, o concurso Produtos Pernambucanos, que premiava as fantasias que representassem a produção do parque industrial do estado. Algodão, caroá – fibra para produzir tecido – lagosta, mamona, pesca, pinguim da Cervejaria Antártica, siri, eram os mais comuns. O historiador Mário Ribeiro dos Santos afirma:

Agindo sob múltiplos aspectos no cotidiano das agremiações (inclusive funcionando como um fórum de encontro dos carnavalescos) e da sociedade de uma maneira geral, a Federação Carnavalesca fornece ferramentas importantes que caracteriza a atuação do Estado Novo em Pernambuco. Dez meses após a sua fundação, já se identifica a eficácia do empreendimento. O fracasso da Intentona Comunista, em novembro de 1935, pode ser apontado como uma conquista, uma vez que no seu estatuto combateu tenazmente ‘propaganda contra ideias extremistas, por meio de doutrinação, evitando que os elementos dos nossos clubes se contaminem, e até mesmo indicando o bom caminho aos periclitantes’. (SANTOS, 2010, p. 196.

Apesar da derrota da insurreição de 1935 e do ímpeto persecutório das forças conservadoras, os comunistas disputaram as eleições municipais de 1936, com a chapa Trabalhador Ocupa o Teu Posto e elegeram três vereadores: Cristiano Cordeiro, Chagas Ribeiro²³ e João Bezerra de Lima. Conforme o escritor Paulo Cavalcanti:

A legenda Trabalhador Ocupa Teu Posto tornou-se popular, demonstrando força ao eleger três vereadores, contra um, apenas, da Ação Integralista. Tão popular se tornou que deu música de carnaval, Nelson Ferreira compondo a marcha-canção Coração, ocupa teu posto, de grande sucesso nas paradas musicais da época:

‘Coração, ocupa o teu posto!
 Elege um amor e bem do seu gosto.
 Com a lourinha e a moreninha
 faz frente única com paciência.
 Estou de acordo com qualquer das duas
 o melhor partido é não haver dissidência.
 Mas se preferes a monarquia
 e ao Rei Momo te escravizar
 integralmente a Princesa Folia
 em qualquer dos turnos terás que arrastar’.
 (CAVALCANTI, 2008a, p. 138-139).

²³ O operário gráfico António Camilo Chagas Ribeiro foi vereador do Recife eleito em 1935 pelo Partido Comunista Brasileiro. Escreveu o romance proletário Mocambos, publicado pela Livraria Mozart em 1936.

A Federação Carnavalesca estava empenhada e articulada com o Estado e os setores empresariais para impulsionar o desenvolvimento local e para contribuir com o projeto nacional de modelagem de um novo país e de uma nova identidade, assentada na valorização do trabalho e na inclusão subordinada das massas, valendo-se, para isso, das manifestações e festas populares, em particular do carnaval. O *Anuário do carnaval pernambucano* nos fornece valiosas informações sobre a influência e o agir da Fecape como braço operacional do governo estadonovista em Pernambuco, como veremos a seguir.

4.3 A política e a folia nas páginas do *Anuário do carnaval pernambucano*

A Federação Carnavalesca publicou, em 1938, o *Anuário do carnaval pernambucano* (Figura 20), cujo conteúdo é uma coleção de documentos e imagens que revelam o papel desempenhado, as práticas e o discurso utilizado para domesticar e enquadrar no projeto cultural do Estado Novo a nossa festa maior.

Figura 20 – Capa do *Anuário do carnaval pernambucano* 1938



Fonte: Anuário do carnaval pernambucano. (FECAPE 1938). Acervo Fundaj.
Fotografia de Valeska Ferreira.

É uma publicação importante pelo caráter histórico, com aproximadamente 115 páginas e tiragem única, raridade bibliográfica, cujos exemplares remanescentes estão em alguns centros de pesquisa e em mão de particulares. Constam em suas páginas o memorial apresentado aos Poderes Executivo e Legislativo, pleiteando reconhecimento da Fecape como entidade de utilidade pública, os estatutos, artigos e foto de personalidades ligadas à cultura local e ao carnaval, artigos de líderes empresariais, pequeno currículo e foto dos diretores, anúncios comerciais, modelos de fantasia e imagens do carnaval de rua.

A Federação expandiu suas atividades e estabeleceu relacionamento colaborativo com entidades fora do seu eixo principal de atuação, alargando seu horizonte social. Aproximou-se da Igreja, e tudo faz crer, pela convergência com a pregação anticomunista da instituição por meio de sua rede educacional e do trabalho catequético; colaborando financeiramente e distribuindo donativos às associações de caridade, que assistiam às camadas mais pobres da sociedade, segmento frágil, suscetível à manipulação e alvo preferencial das ideologias exóticas.

Diz o historiador Cândido Moreira Rodrigues:

Para Vargas, o levante era produto imediato das forças do mal que haviam campeado sobre a nacionalidade, com o intuito de assombrar o espírito amorável da nossa terra e da nossa gente. Dessa forma, os acontecimentos ocorridos nos últimos dias de novembro haviam permitido que o país reagisse em defesa da ordem social e do patrimônio da nação. O fator decisivo da repressão ao comunismo, segundo Vargas, residiu no fato de este alicerçar suas bases no conceito de materialidade da vida, o que transformava, de imediato, no inimigo mais perigoso da civilização cristã, da qual o Brasil era um dos filhos mais vocacionados. (RODRIGUES, 2005, p. 115).

A valorização do trabalho como instrumento de inclusão cidadã trazia consigo o discurso valorativo da meritocracia, difundido nos centros educativos operários, que dissimulava a superexploração da classe operária pelo patronato fabril. O protótipo do operário padrão, que deveria servir de exemplo, era um fiel cumpridor das suas obrigações laborais, produtivo, homem de família, frequentador da igreja, zelador da paz social e ferrenho defensor das tradições e da cultura da sua terra. Era, acima de tudo, um colaboracionista convertido, que vestia a camisa da fábrica e mourejava pelo sucesso patronal. Estado Novo, novo homem, novos valores e novas formas de viver a vida de maneira saudável. Tudo em prol da harmonia entre as classes. O discurso como ideologia que falseia a realidade, embotando a consciência de classe. Os desfiles cívicos e as paradas da produção nas datas celebradas pelo regime são exemplos irrefutáveis. Diz o escritor Paulo Cavalcanti:

Organizando paradas da produção – passeatas espontâneas de operários e patrões pelas ruas da cidade, em cada 1 de maio – o Estado Novo encenava a farsa da paz social, da ausência de luta de classes, sob o manto da legislação social mais avançada do mundo. Era de ver-se, nesses desfiles, os Brito, da fábrica de doce de Pesqueira, marca Peixe, de mãos dadas com esquálidas trabalhadoras, os Bezerra de Melo ombro a ombro com seus pobres operários têxteis da Macaxeira, todos em estado de unção, empertigados, quando a banda de música da polícia militar tocava os hinos patrióticos. Assim se comemoravam os Primeiros de Maio, bem como a passagem do aniversário do golpe de 10 de novembro. (CAVALCANTI, 2008a, p. 193).

Todavia, o empresariado industrial alardeava o discurso da nova fábrica. Segura, higienizada, salubre. Condições de trabalho mais humanizadas, como se possível fosse humanizar o capitalismo, que é essencialmente predatório, extrativista, que tudo transforma em mercadoria e enxerga o ser humano como mero agente de produção. Para isso, criava toda uma infraestrutura em torno da fábrica: vila operária, clube social, campo de futebol, escola, igreja e ambulatório com gabinete médico dentário. Segundo o filósofo Friedrich Engels (2010, p, 64), “o grande estabelecimento industrial demanda muitos operários, que trabalham em conjunto numa mesma edificação; eles devem morar próximo e juntos - e, por isso, onde surge uma fábrica de médio porte, logo se ergue uma vila”. Controle total sobre a vida do operariado, de modo a assegurar a docilidade comportamental, a aptidão para o trabalho e a reprodução da mão de obra, formando o exército de reserva destinado a manter a engrenagem produtiva operando ininterruptamente. Segundo a historiadora Zélia Gominho:

Reconhecia-se como a inauguração de uma nova identidade, restaurar no sentido de atualização do verdadeiro espírito da nacionalidade, que entendiam localizar-se no inconsciente coletivo do povo, ou seja, a cultura popular, os valores e as aspirações do homem concreto, era um dos principais elementos de legitimidade dessa nova democracia que se propunha a incorporar ao processo político do Estado a parcela da população dos desfavorecidos. (GOMINHO, 2007, p. 84).

O Estado Novo procurava arrematar todas as classes sociais, integrando-as ao esforço coletivo, em benefício dos interesses nacionais, do progresso e da pátria. O tratamento dispensado aos opositores do regime foi de truculência desmedida. Embora os integralistas tenham sido combatidos, a mão pesada do Estado recaiu mais fortemente sobre os comunistas. Cerceamento do direito de organização, de liberdade política e de expressão, os encarceramentos arbitrários, a censura e a necessidade de solicitação de autorização prévia à Secretaria de Segurança Pública para a realização de eventos culturais e carnavalescos. O custo

político da implantação do projeto estadonovista em Pernambuco, assim como no Brasil, foi alto principalmente para os setores situados na base da pirâmide social brasileira.

Especificamente em Pernambuco, as ações pedagógicas domesticadoras implementadas pelo aparelho educacional público e privado, nas escolas e centros comunitários, visavam incutir procedimentos comportamentais nas camadas menos afortunadas da sociedade, que estimulassem a cooperação acrítica e a harmonia subserviente. Discorrendo sobre a linha editorial do jornal do interventor Agamenon Magalhães, a historiadora Maria das Graças Ataíde de Almeida, diz:

O preconceito latente na Folha da Manhã endossa a convicção de que o mundo da rua deveria ser também dicotomizado como era o da casa – patrões e empregados – fazia com que o jornal apregoasse a separação das classes sociais, nos lugares mais inusitados: no lazer, nos transportes, no uso do espaço urbano. (ALMEIDA, 2001, p. 144).

No plano ideológico, a educação fortemente influenciada pela Igreja tentava domar a rebeldia das classes subalternas. Jovens professores e gestores incorporados à máquina governamental, oriundos dos quadros da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, dirigida pelo padre Antônio Paulo Cyriaco Fernandes, eram responsáveis por essas ações de modelagem espiritual, laboral e comportamental. Os Centros Educativos Operários, por meio das atividades educacionais, socioesportivas e de formação de mão de obra, funcionavam como suporte operacional para o atingimento dos resultados pretendidos. Por outro lado, as reformas urbanas “higienizadoras” realizadas no Recife completavam a estratégia de modernização da cidade, afastando das ruas as camadas declaradas improdutivas, percebidas como obstáculos ao desenvolvimento econômico, social e cultural, segundo os cânones do Estado Novo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte temporal pesquisado abarcou o período de 1937 a 1945, quando vigorou um projeto de nação, historicamente cognominado Estado Novo, que buscou na cultura popular, especialmente no carnaval, o fermento para adensar a nova identidade nacional. Era de primordial importância para a consolidação do projeto estadonovista, construir uma nova imagem para o Brasil que se distinguisse da República Velha, edificada sobre o alicerce remanescente da herança colonial.

O caminho percorrido foi o de esquadrihar a literatura, na forma de romance e de poesia e escritos históricos, produzidos por autores que tomaram o carnaval do Recife como objeto de reflexão literária, a partir dos seus respectivos locais de fala, permeados pela tradição cultural do passado vinculado a sociedade patriarcal. Nesse sentido, foi investigada a obra poética de Ascenso Ferreira e Manuel Bandeira, os romances de José Lins do Rego, *O moleque Ricardo*, e Mário Sette –*Seu Candinho da farmácia* – e o intelectual, jornalista e historiador Mário Melo como personagem, ativista e defensor das tradições culturais pernambucanas, especialmente do carnaval.

A crítica à modernidade portadora do progresso urbano-industrial, que desarticula o modo de vida ancorado nas relações patriarcais do mundo rural, outrora predominante, e o tom plangente de um discurso saudosista, como exercício de restauração de um passado ideal. Embora superado como formação histórica e conseqüentemente como concepção de mundo, transpassa o presente e oferece pistas para indagar o futuro. A historiadora Ângela de Castro Gomes, diz que:

O passado é um “antecedente” esclarecedor do presente e do futuro, embora não os contenha em germe ou essência. Não há sentido imemorial nesse passado; mas há um sentido “fundador”, se por esta categoria entendermos a força que as experiências primitivas e acumuladas através do tempo datado é rememorado, podem possuir para a construção de uma cultura. (GOMES, 2013, p. 35).

O olhar reminescente é o ato de resistência, de negação em não consentir o futuro. Esse é o traço comum na obra desses autores, quando apreciam o carnaval. Como diz Ascenso Ferreira lastimosamente no poema *Meu Carnaval*:

Meu carnaval tão longe, tão distante,
mas tão perto de mim pela recordação.
papel picadinho
três quilos de massa
seis lima-de-cheiro
três em cada mão.

Chiquinha danou-se porque eu
quebrei uma nos peitos dela!

Agora o cavalo corria...corria...
(passear a cavalo era a sedução)
chegando na porta de minha Maria,
riscava o cavalo, saltava no chão.
E ela aplaudindo, sorria...sorria...
me dando furtivo aperto de mão...

Meu carnaval, tão longe, tão distante,
mas tão perto de mim pela recordação...
Que é feito de ti? O atual só resume
tremendo delírio de gozo exterior!
Tiveste um destino de lança perfume.
Viraste alcanfor...Viraste alcanfor...
(Ferreira, 2008, p. 99).

O Rio de Janeiro, então capital do país, como espaço territorial e simbólico, matriz do projeto cultural carnavalesco estadonovista e como elemento-chave para a construção de outra identidade nacional, também foi pesquisado. A centralização e o exercício autoritário do poder no Estado e na figura do presidente facilitaram o estabelecimento das linhas gerais de um modelo que foi sendo aprimorado em consonância com os objetivos estratégicos do Estado Novo, estimulou o civismo patriótico, enalteceu o trabalho e as manifestações culturais populares.

Cooptou líderes, negociou interesses, alimentou a troca de favores e enquadrou o carnaval no padrão estipulado apesar das resistências e dos protestos de parte das comunidades envolvidas.

A investigação, no caso do Recife, enfocou a implantação do projeto estadonovista, que desarrumou pactos políticos preexistentes e reduziu a importância das estruturas de poder e dos grupos das elites alijadas do processo. Depois do Rio de Janeiro, Pernambuco foi o estado onde o projeto do Estado Novo mais prosperou. Para isso, o interventor Agamenon Magalhães articulou o apoio da Igreja e da imprensa, e remontou a base política necessária à sustentação do governo, afastando o ex-aliado, governador Carlos de Lima Cavalcanti, acusado e atacado pelos jornais de ter sido conivente com o Levante Comunista de 1935. Isolou os adversários históricos e combateu tenazmente os comunistas, os sindicatos e as associações sob sua influência.

A Federação Carnavalesca de Pernambuco desempenhou um papel importantíssimo na difusão das ideias estadonovistas. Concebida por intelectuais conservadores e pelo empresariado, contou com a ajuda financeira do Estado e de entidades empresariais para levar

adiante seus objetivos de domesticar e moldar o carnaval revivendo o tradicionalismo histórico e educacional, e colaborando para a paz social, entre trabalhadores, governantes e empresários.

FONTES E ACERVOS PESQUISADOS

Hemeroteca Digital Brasileira

Jornal Pequeno

Diario de Pernambuco

Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

Anuário do carnaval pernambucano (FECAPE, 1938).

Centro de Pesquisa de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC- FGV)

Revista Ciência Política

Cartilha Getúlio Vargas para crianças

Arquivo do Autor

Capa da 1ª edição do livro O moleque Ricardo 1935, Ed. José Olympio, 283 p., 18,5x12,5 cm

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2001. (Coleção Teses e Monografias).

ALVES, Ataulfo; BATISTA, Wilson. O bonde de São Januário. *In: MARTINS, Franklin. Quem foi que inventou o Brasil?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 232-233.

AMARAL, José Antônio Azevedo. *O Estado autoritário e a realidade nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. DIP DOPS no frevo: carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco 1930-1945. *In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Tradições e traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2004.

BANDEIRA, Manuel. *Carnaval*. Recife: Jornal do Commercio, 1919.

BANDEIRA, Manuel. Bacanal. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. (1930). 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977a. p. 157-158.

BANDEIRA, Manuel. Não sei dançar. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. (1930). 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977b. p. 203.

BANDEIRA, Manuel. Poema de uma Quarta-Feira de Cinzas. In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. (1930). 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977c. p. 178.

BANDEIRA, Manuel. Pneumotórax. In: BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. São Paulo: Global Editora, 2013. p. 35.

CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lazuli, 2016.

CARONE, Edgard. *A República Nova: 1930-1937*. São Paulo: Difel, 1976.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo: 1937-1945*. São Paulo: Difel, 1977.

CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi: da coluna Prestes à queda de Arraes: memórias políticas*. 4. ed. rev. e atual. Recife: Cepe, 2008a. v. 1.

CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi: a luta clandestina: memórias políticas*. 2. ed. rev. e ampl. Recife: Cepe, 2008b. v. 4.

DURA, José Barriga. Motivos patrióticos. In: FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de samba, identidade nacional e o direito à cidade*. *Scripta Nova*, Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales, Barcelona, v. 16, n. 418, 1.º nov. 2012.

FAUSTO, Boris. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (dir.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. São Paulo: Objetiva, 2013. v. 4, p. 91-142.

FECAPE. Federação Carnavalesca de Pernambuco. *Anuário do carnaval pernambucano*. Recife, 1938. n. p.

FERREIRA, Ascenso. *Poemas 1922-1953*. Ilustrações de Suanê, Manuel Bandeira e Carybé; ilustração da capa de Lula Cardoso Ayres. Recife: I. Nery da Fonseca, 1955.

FERREIRA, Ascenso. *Catimbó: Cana caiana: Xenhenhém*. Introdução, organização e fixação de texto de Valéria Torres da Costa e Silva. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Poetas do Brasil).

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREIRA, Nelson. *50 anos em 7 notas: meio século de frevo de bloco*. Recife: Gravadora Passarela; Rozenblit, 1973. LP vinil 60.040. v. 1.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. (1936). 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. (1933). 49. ed. São Paulo: Global, 2004a.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. (1957). São Paulo: Global, 2004b.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. (1964). 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. Azevedo Amaral e o século do corporativismo, de Michael Manoilescu, no Brasil de Vargas. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 185-209, 2012.

GOMINHO, Zélia de Oliveira. *Veneza americana x mucambópolis: o Estado Novo na cidade do Recife: décadas de 30 e 40*. Jaboatão dos Guararapes, PE: Livro Rápido, 2007.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antônio. *Literatura e vida nacional*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

LACERDA, Benedito; FRAZÃO, Eratóstenes. *Marcha lero-lero*. Gravadora RCA Victor, 1941. Álbum número 34841.

LIRA NETO, *Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo 1930-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MAGALHÃES, Agamenon. Organização corporativa. *In: MAGALHÃES, Agamenon. Idéias e lutas*. Recife: Fundarpe, 1985.

MANOILESCO, Michael. *O século do corporativismo*. Tradução de José Antônio Azevedo Amaral. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

MELO, Marcelo Mário de. *Dicionário poético militante: poesia*. Recife: NEP; MMM Produtos Culturais, 2018.

MELO, Mário. *A Guerra dos Mascates como afirmação nacionalista*. (1942). 2. ed. Recife: Cepe, 2012.

MELO, Mário. Origem e significado do frevo. In: FECAPE. *Anuário do carnaval pernambucano*. Recife: Federação Carnavalesca Pernambucana, 1938. n. p.

MENDONÇA, Sônia Regina. Pesquisando com Gramsci: sugestões metodológicas. In: MENDONÇA, Sônia Regina. *Gramsci e a pesquisa histórica*. Curitiba: Appris, 2018.

MILANO, Nicolino; ROCHA, Oscar Brandão da. Hino de Pernambuco. 1908. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-estados/1655087/>. Acesso em: 4 set. 2019.

OLIVEIRA, Osvaldo Vitalino de. O grande presidente. In: MARTINS, Franklin. *Quem foi que inventou o Brasil?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984.

PANTOJA, Sílvia. MAGALHÃES, Agamenon. In: CPDOC. *Deputados brasileiros: verbetes*. Rio de Janeiro, [2011]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/>

<files/verbetes/primeira-republica/1%20Verbetes%20letra%20M.pdf>. Acesso em: 4 set. 2019.

PARAÍSO, Rostand. *Cadê Mário Melo...* Recife: Comunigraf, 1997.

PONTES, Milton. *Centros Educativos Operários*. Recife, 1940.

REGO, José Lins do. *Eurídice*. (1947). 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. (1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

REGO, José Lins do. *Água mãe*. (1957). Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo: ficção completa*. (1935). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

REGO, José Lins do. *Riacho doce*. (1939). Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais católicos 1934-1945*. Belo Horizonte: Autêntica; Fapesp, 2005.

SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a cultura política: mediação cultural e construção do sentido*. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2016.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife: (1935-1945)*. Orientadora: Fabiana de Fátima Bruce da Silva. 2010. 270 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.

SETTE, Mário. *Arruar: história pitoresca do Recife Antigo*. 3. ed. Recife: Governo do Estado; Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SETTE, Mário. *Seu Candinho da farmácia*. Apresentação e organização de Lucilo Varejão Filho. Recife: Edição do Organizador, 2005. v. 6. (Coleção os Velhos Mestres do Romance Pernambucano).

SILVA, Leonardo Dantas. *Carnaval do Recife*. Apresentação José Ramos Tinhorão. 2. ed. rev. e ampl. Recife: Cepe, 2019.

SILVA, Lucas Victor. *O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940*. Orientador: Durval Muniz de Albuquerque Júnior. 2009. 383 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Valéria da Costa e. Introdução. In: FERREIRA, Ascenso. *Catimbó: Cana caiana: Xenhenhém*. Introdução, organização e fixação de texto Valéria Torres da Costa e Silva. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Poetas do Brasil).

SIQUEIRA, Magno Bissoli. *Samba e identidade nacional: das origens à era Vargas*. São Paulo: Unesp, 2012.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2. ed. rev. e ampl. Uberlândia: Edufu, 2008.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Prefácio de Sérgio Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (Antropologia Social).

ANEXO A: ORIGENS ROMANAS DO CARNAVAL

DIÁRIO DE PERNAMBUCO—DOMINGO, 10 DE FEVEREIRO DE 1939

Origens romanas do Carnaval

DAS ANTIGAS FESTAS LUPECAS DO TEMPO DOS TERNÇENOS DOS PAPAS MEDIEVAIS A FAVOR

O carnaval moderno é de origem italiana, que significa que não tem relação com a festa romana. A Roma antiga, porém, era dividida em duas partes, a urbana e a rural. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

CESARES AO MODERNO CULTO DE MOMO — A INFLUÊNCIA DO REGIÃO CARNAVALESCO

As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

ASSOCIAÇÕES ORIGINAES

As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

BELLAS-ARTES E MEDICINA

As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

LETRAS E ARTES

As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de São Paulo

O carnaval de São Paulo é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Rio de Janeiro

O carnaval de Rio de Janeiro é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Recife

O carnaval de Recife é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Salvador

O carnaval de Salvador é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Belo Horizonte

O carnaval de Belo Horizonte é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Curitiba

O carnaval de Curitiba é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Porto Alegre

O carnaval de Porto Alegre é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Fortaleza

O carnaval de Fortaleza é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Natal

O carnaval de Natal é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Aracaju

O carnaval de Aracaju é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Teresopolis

O carnaval de Teresopolis é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Campos

O carnaval de Campos é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Paraty

O carnaval de Paraty é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Angra dos Reis

O carnaval de Angra dos Reis é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Ilha Grande

O carnaval de Ilha Grande é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Búzios

O carnaval de Búzios é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Arraial do Cabo

O carnaval de Arraial do Cabo é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Cabo Frio

O carnaval de Cabo Frio é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Paraty

O carnaval de Paraty é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Ilha Grande

O carnaval de Ilha Grande é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Búzios

O carnaval de Búzios é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Arraial do Cabo

O carnaval de Arraial do Cabo é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Cabo Frio

O carnaval de Cabo Frio é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Paraty

O carnaval de Paraty é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

O Carnaval de Ilha Grande

O carnaval de Ilha Grande é de origem italiana. As festas romanas eram de origem pagã e tinham caráter religioso. As festas de origem romana eram as festas de origem pagã e tinham caráter religioso.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Diário de Pernambuco, 19 fev. 1939.

ANEXO B – CAPA DA 1.^a EDIÇÃO DO LIVRO DENTRO DA HISTÓRIA DE MÁRIO MELO, 1931



Fonte: Arquivo pessoal.

DIARIO DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO — BRASIL — SEXTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1938

Os festejos do carnaval na cidade e no interior

Realiza-se, hoje, com grande solenidade a inauguração do "dancing" do Club Internacional — As ruas Nova da Imperatriz e praça da Independência completamente integradas no frevo — Nautico, Sport e Club Portuque e Alemão preparam animados bailes á phantasia — Rainha a maior animação entre os clubs, troças e maracatus



Decorado do Club Portuque para as festas do carnaval. ereção do pintor Mario Nemes que, hontem, preside uma homenagem á imprensa.

Indo-se hoje oficialmente os festejos do Carnaval. Desde a ultima segunda feira que se realizam festas á noite, na rua Nova. Foi toda uma semana em que se honraram preliminarmente á Missao serviram cada vez mais para animar os festejos officiaes.

Hoje nas sociedades elegantes e nos Clubs carnavalescos haverá os tradicionais bailes do sabado gordo. As danças se prolongam até altas madrugadas e as cantadas o começo do recesso de 24. que dura apenas tres dias.

As festas que até agora se tem realisado são um indice seguro de que o Carnaval de Pernambuco iniciará mais uma vez enorme successo.

— REI MONTEO voltou hontem á cidade e Baile do Club de Pernambuco, a Cia. Interativa Paulista, a "Casa Amil" e a "2000" em companhia dos membros da comissao promotora do Carnaval na Rua Nova.

No salão da P. N. A. foi recebido pelo sr. Oreste. Maria Frazão, Nereida Nêlson Ferreira e sr. Cláudia Faria.

Antes de terminar o programma, Nemes I dirigiu uma ligta dedicatória aos seus subditos.

Em seguida seguiram todos de carro para a Cia. Interativa. Ahi foi verificado o CIOFF e feitas diversas charges photographicas.

Digamos, o Rei de Folia esteve na Rua Nova onde foi subversivamente recebido e acompanhado até a casa de sua residência.

— REI MONTEO voltou hontem á cidade e Baile da Segunda-Feira, NO NAUTICO

O "Club Nautico, Capibari" realizou na proxima segunda feira, o seu baile de Carnaval. A noite foi muito divertida e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.



A nova sede do Club Internacional, vendendo de tudo. A noite de baile se realizou com grande êxito.

O Club Internacional inaugura hoje o seu "Dancing". A noite de baile se realizou com grande êxito.

O baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

Promoveu o baile infantil no Nautico e hontem a Matinee Infantil no Nautico. O baile foi muito divertido e a sociedade por inteiro uma temperatura que serviu de modelo para a maior parte dos bailes de Pernambuco.

Reflexões de dança, a que não faltou a pitoresca caracteristica da folia pernambucana, foi o ponto de partida para a noite de baile. Na primeira segunda feira o Club "Nautico" o novo destaque de carnaval, com a maior parte da sociedade e de baile em geral, assim que hoje, para o baile grande, mais de 2000 pessoas se reuniram.

A diretoria do club entregou o baile de segunda-feira e a Matinee Infantil no Nautico

O PAO DA TARDIA VEIU, NORTEN, A SUA NOVA. O pao da tardia veio hontem á sua nova sede, na Rua Nova, 231-235.

VINHANO e redactor do DIARIO DE PERNAMBUCO em nome do Pao da Tardia, em nome do Pao da Tardia, em nome do Pao da Tardia.

JOSE BANDEIRA DE OLIVEIRA Advogado Jornal do Comercio — sala 9

LACTA CHOCOLATE E LEITE



Ca' estou eu, folhões anunciando-vos que o melhor sortimento de roupas CARNAVALESCAS é o da Camisaria Especial

DR. ANTONIO LIMA Ex-assistente do Prof. Pitanga dos Santos

MULTILADO

BAILE DOS CANASTRAS. Baile para a noite de baile se realizou com grande êxito.

AS INSTRUÇÕES DA SECRETARIA DE SEGURANCA PARA O CARNAVAL. A secretaria de seguranca publica as seguintes instruções para o carnaval.

HYGIENE INTIMA DAS SENHORAS Prophylactico Desinfectante Preservativo

NAZARETH PREPARA GRANDES FESTAS CARNAVALESICAS. O preparativo para as festas de carnaval se realizou com grande êxito.

VINHO PATY AMARGOSO. Para estabelecer o preço de venda de vinho paty amargoso.

DR. ANTONIO LIMA. Ex-assistente do Prof. Pitanga dos Santos

Domingo, 27 de fevereiro de 1938

DUAS SEÇÕES

DIARIO DE PERNAMBUCO

EDIÇÃO DE 22 PAGINAS

JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMERICA LATINA

RECIFE - PERNAMBUCO - BRASIL

N. 49 - ANNO 113

A. J. de Miranda Falcão, Fundador

DOMINGO, 27 DE FEVEREIRO DE 1938

O CARNAVAL NA CIDADE E NO INTERIOR DO ESTADO

Iniciaram-se, hontem, oficialmente, com as danças do sábado gordo, as festas do Carnaval...

Decorreram num ambiente de grande animação os bailes de hontem nos clubs Internacional, Portuguez e Allemão - A festa dos artistas no Theatro Santa Izabel - Na Tuna Portugueza, Batutas de S. José e nos outros gremios - O corso e os folguedos de rua, com o passeio de blocos e troças, prolongaram-se até as vinte e quatro horas...

O BAILE DE AMANHA NO COUNTRY CLUB
O Country Club realiza, amanhã, o seu baile de Carnaval...

Hontem, o Carnaval desfilou, principalmente, em toda parte. Foi intenso o movimento de animação nas ruas, principalmente à noite, quando se fez o corso que se prolongou até tarde.

O "PARADISEKINDER" NO CLUB ALLEMAO
Como aconteceu todos os annos, a festa de hontem no Club Allemão decorreu muito animada.

As danças terão inicio ás 11 1/2 horas no salão de uma casa que organizou um programma de musicas e paradas, de Pernambuco e do Rio...

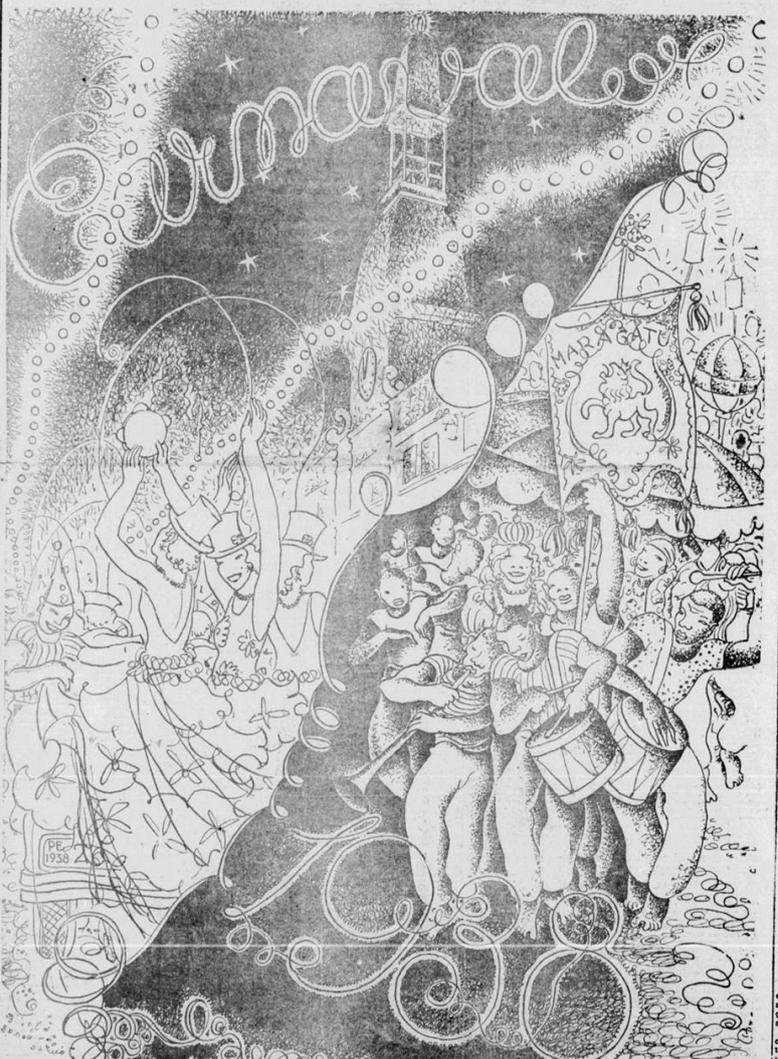
NO PARTE DO TERÇO
A comemoração dos festejos do Terço de São João, em Pernambuco, teve o seu momento mais animado...

NO INTERIO
O carnaval teve o seu momento mais animado em diversas localidades do interior...

SECRETARIA DA INVENTORIA
A secretaria da inventoria está trabalhando para a realização das festas...

BAILE DAS CARNASTRAS
Os actores do Grupo Gesso Young e outros actores da cidade do Recife promoveram hontem o segundo baile das Carnastras...

RADIO CLUB DE PERNAMBUCO
O HORARIO DA PRA-S PARA OS DIAS DE CARNAVAL
Hoje e amanhã - Programação das carnavalleiras das 11 ás 14 e das 15 ás 18 horas; terça-feira - das 11 ás 14 horas.



AS DANÇAS AMANHA, NO NAUTICO
O Club Náutico carioca realizará amanhã o seu baile de Carnaval...

AS DANÇAS TERÃO INICIO ÀS 23 HORAS
Terão inicio as danças promovidas pelo Clube Náutico carioca...

O CARNAVAL NA SUA BOA PÉRIODO
Os moradores da rua dos Pescadores, em São José, promovem varias bailes...

TRUÇA CONTOUO E SERTÃO
No sábado dia 26, o carnaval teve o seu momento mais animado...

ANUNCIADO O CONCURSO DE MARCHAS NO RIO
No dia 14, o concurso de marchas promovido pelo Clube Náutico carioca...

NA SEDE DO AUTOMOVEL CLUB
A diretoria do Automovel Club está comunicando a todos os seus associados...

NO PROXIMO MEZ DE MAIÇO
"A grande edição dos municípios"
DO DIARIO DE PERNAMBUCO
ACONTECIMENTO INEDITO NA IMPRENSA DO PAIS

AS CHUVAS NO CARNAVAL
ESTÁ DEPENDENDO DE UM CYCLONE
RIO, 25 (A. M.) - O director do Instituto de Meteorologia declarou ao Baile de Santa que o meteo-cyclone...

Emulação de Scott

MUTILADO

Domingo, 19 de fevereiro de 1939

DIARIO DE PERNAMBUCO—DOMINGO, 19 DE FEVEREIRO DE 1939



Prisão de ventre! O Enterol cura a prisão de ventre sem irritar o intestino e sem causar hábitos...

DINHEIRO CLANDESTINO EM S. PAULO SENSACIONAL REPORTAGEM DO 'DIARIO DA NOITE'

RIO 18 (A. M.) — O Diário da Noite publica a reportagem de uma verdadeira inundação de dinheiro clandestino no interior de São Paulo...

NÃO HA SUPER-PRODUÇÃO DE TECIDOS NECESSIDADE DA CREAÇÃO DO INSTITUTO DE TECIDOS, SALENTA O SR. LACERDA DE MENEZES

RIO 18 (A. M.) — Em longa entrevista concedida ao Diário da Noite, o sr. Salete Lacerda de Menezes...



Sua esposa anda nervosa? NÃO é culpa dela. Nem do Senhor, provavelmente. Essa irritabilidade, crises de choro e outros fenômenos nervosos...

INTERESSA A ENTRE as MULHERES: Todos os distúrbios de vida feminina, desde a puberdade a idade crítica, encontram-se NA SAUDE DA MULHER o tratamento indicado.

A SAUDE DA MULHER O REMEDIO QUE TRAZ NO NOME O RESUMO DE SUAS VIRTUDES

Tomcon infantil

CARNIVAL

(Carnê de última hora!) NÃO 'CHOVERÁ' NO CARNAVAL. Assim informa o Serviço Meteorológico...

EM PAI D'ALHO Realização de honras em Pau d'Alho, o ensaio geral do Club Rmades...

EM BOM JARDIM Foi muito animado o carnaval PRESTITO DO CLUB DE ALLEGRIAS E CRITICAS 'CAIAOORES', DE BARREIROS

O prelo do Club Caiadores de Barreiros está assim caracterizado: 1º — Banda de Clarim...

COMISSARIADO DE MEMEIS COMO FICOU ORGANIZADO O SEU SERVIÇO DE POLICIAMENTO

DR. JOSE CALDAS De Barreiros, foi eleito presidente com 23 anos de pratica...

REUNIE SE O CONSELHO NACIONAL DE EDUCACAO RIO 18 (D. P.) — Sob a presidência do professor Amílcar Brasil...

PROVIDENCIAS DA POLICIA PARA A BOA ORDEM DURANTE O CARNAVAL PROHIBIDA A VENDA DE BEBIDAS BRANCAS — MEDIDAS TOMADAS PELA DELEGACIA DE TRANSITO E PELO JUZ DE MEMEIS...

SANGUE PURO PARA DEPURAR O SANGUE, FAZENDO DESAPARECER FERIDAS, FURUNCULOS, TUMORES, ANTRAZ, ESPINHAS, MANCHAS NO CORPO E OUTRAS MANIFESTAÇÕES...

INICIADO HONTEM, O CARNAVAL EM LIMOEIRO Os bailes carnavalescos de hoje no prefeitura e no mercado publico

ANIMADOS OS FESTEIOS DE MOMO NA VICTORIA A exhibição do club "Camello", um dos mais prestigiosos da localidade

PROVIDENCIAS DA POLICIA PARA A BOA ORDEM DURANTE O CARNAVAL PROHIBIDA A VENDA DE BEBIDAS BRANCAS — MEDIDAS TOMADAS PELA DELEGACIA DE TRANSITO E PELO JUZ DE MEMEIS...

PROVIDENCIAS TOMADAS PELO JUZ DE MEMEIS O juiz de memeis levou a seguinte providencia, regulamentando a participação de memeis nos bailes carnavalescos...

GUARAINA PARA VOCÊ SO GUARAINA NAO ATACA PRA VOCÊ SO GUARAINA O CORACAO GUARAINA PARA O DENTE QUE DOE

OFFERTA DOS LABORATORIOS RAUL LEITE S.A. AGS FOLIOES PERNAMBUCANOS

Quinta-feira, 11 de janeiro de 1940

DIÁRIO DE PERNAMBUCO - QUINTA FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1940

A CONFERENCIA ANTI-COMUNISTA DE HOJE, NO RECINTO DA EXPOSICAO

INAUGURA-SE A NOITE, A TEMPORADA CARNAVALESCA - DESFILE DOS CLUBS, MARACATOS E TROCAS - A PROXIMA FEIRA DE ANIMAES

Um destacamento de serie de conferenciantes... A noite de hoje é dedicada ao teatro...

REUNIU-SE A EMPREZA CONSTRUCTORA DE CASAS POPULARES S. A.

PROGRAMA DE CONSTRUCCOES A SE CUMPRIR NO CORRENTE ANNO

Realizou-se, ontem, no palatino do governo, uma sessão de diretores da Empresa Constructora de Casas Populares S. A.

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

DR. GONCALVES FERREIRAS Diretor de Clinica Patologica da Escola de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro

A ALEGRIA dos GRANDES BAILES

na intimidade de seu lar



MODELO WRK-275 Folhetos com detalhes técnicos serão remetidos, se nos enviar seu nome e endereço com o recorte deste anúncio.

A alegria e o brilho dos grandes bailes não se limitam aos salões onde se realizam. O rádio os transmite, as suas melodias se prolongam em inumeros lares. Não há, porém, como um Westinghouse de Voz Symphonica, para reproduzir, em toda a sua pureza, os ritmos e os sons festivos desses bailes elegantes. O Westinghouse, graças à Câmara Acústica "Cathedral", é de extrema fidelidade. Tenha sempre em seu lar esta fonte pura de alegria, um

WESTINGHOUSE RIO DE JANEIRO - S. PAULO - BELLO HORIZONTE - SANTOS - CAMPINAS RIBEIRAO PRETO - SOBRADIA - DAURO

A ALLEMANHA INTENSIFICOU SERIAMENTE E DE MANEIRA BRUSCA A GUERRA A MARINHA ALLIADA

POR INTERMEDIO DE MINAS, SUBMARINOS E AVIOES METRALHADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS. ONZE NAVIOS INGLEZES NO MAR DO NORTE - ALGUNS DOS METRALHADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS. ONZE NAVIOS INGLEZES NO MAR DO NORTE - ALGUNS DOS METRALHADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

LONDRES, 10 (União Press) - Agência norte-americana - Foi anunciado que a Alemanha intensificou seriamente e de maneira brusca a guerra a marinha aliada por intermédio de minas, submarinos e aviões metralhados nas últimas 24 horas.

COMMERCIO E FINANÇAS

MERCADO DE CAMBIO DA PRAÇA

O Banco do Brasil apresenta... Mercado de câmbio da praça...

MERCADO DO ALGODOAO (Cotação Oficial)

MERCADO DE NEW YORK (Cotação Oficial)

MERCADO DE LIVERPOOL (Cotação Oficial)

Mercado do cacau na praça (Cotação Oficial)

Cotação de diversos produtos (Cotação Oficial)

MERCADO DO CAFE NA PRAÇA (Cotação Oficial)

Mercado de ouro na praça (Cotação Oficial)

Mercado de prata na praça (Cotação Oficial)

Mercado de cobre na praça (Cotação Oficial)

Mercado de zinco na praça (Cotação Oficial)

Mercado de chumbo na praça (Cotação Oficial)

Mercado de estanho na praça (Cotação Oficial)

Mercado de níquel na praça (Cotação Oficial)

Mercado de cobalto na praça (Cotação Oficial)

Mercado de manganês na praça (Cotação Oficial)

Mercado de vanádio na praça (Cotação Oficial)

Mercado de cromo na praça (Cotação Oficial)

Mercado de molibdeno na praça (Cotação Oficial)

Mercado de tungstênio na praça (Cotação Oficial)

Mercado de urânio na praça (Cotação Oficial)

Mercado de tório na praça (Cotação Oficial)

Mercado de rádio na praça (Cotação Oficial)

Mercado de polônio na praça (Cotação Oficial)

Mercado de astato na praça (Cotação Oficial)

Mercado de actínio na praça (Cotação Oficial)

Mercado de francium na praça (Cotação Oficial)